



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO
PPGCULT - UFT

JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS

**AS FILHAS DAS PALMEIRAS DO COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E
RESISTÊNCIAS NOS MODOS DE VIDA DE QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO
MIGUEL DO TOCANTINS (TO)**

Araguaína (TO)

2021

JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS

**AS FILHAS DAS PALMEIRAS DO COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E
RESISTÊNCIAS NOS MODOS DE VIDA DE QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO
MIGUEL DO TOCANTINS (TO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) –
Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Tocantins,
Campus de Araguaína – TO, como requisito para obtenção do
Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Orientadora Professora Dr^a Rejane Cleide Medeiros de
Almeida.

Araguaína (TO)

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S237f Santos, Juscelino Laurindo dos.
AS FILHAS DAS PALMEIRAS DO COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS NOS MODOS DE VIDA DE QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS (TO) . / Juscelino Laurindo dos Santos. – Araguaína, TO, 2021.
143 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2021.
Orientador: Rejane Cleide Medeiros de Almeida
1. Território. 2. Práticas culturais. 3. Resistências. 4. Modos de vida. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

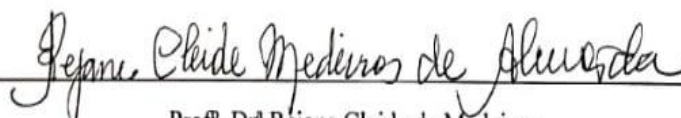
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Juscelino Laurindo dos Santos

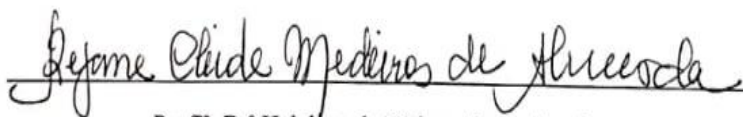
**AS FILHAS DAS PALMEIRAS DO COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E
RESISTÊNCIAS NOS MODOS DE VIDA DE QUEBRADEIRAS DE COCO DE
SÃO MIGUEL DO TOCANTINS (TO)**

Data de Aprovação: 27/08/2021

BANCA EXAMINADORA



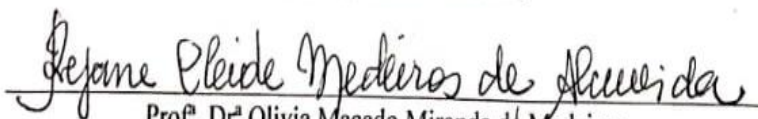
Prof.ª Dr.ª Rejane Cleide de Medeiros
UFT – (Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Helciãne de Fátima Abreu Araujo
UEMA - São Luis-MA – (Membra Externa)



Prof.ª Dr.ª Belânia Oliveira Batroso
UFMA – (Membra Externa)



Prof.ª Dr.ª Olívia Macedo Miranda de Medeiros
UFT – (Membra Interna)

Araguaína (TO)
2021

AGRADECIMENTOS

Às quebradeiras de coco da Cidade de São Miguel do Tocantins e do Assentamento Sete Barracas por terem compartilhado histórias e modos de viver, doando tempo para dialogar e conversar conosco, nos concedendo entrevistas e narrando suas lutas dentro dos babaçuais, pois sem ouvi-las não seria possível a realização desta pesquisa. Gratidão pela generosidade e por abrir um pouco a janela de suas almas e partilhar suas histórias.

À minha família, principalmente a minha mãe, Maria Laurindo dos Santos, e meu pai José de Ribamar Laurindo, por terem me direcionado à escola desde pequeno, me ensinando que a educação foi/é uma ponte para uma vida mais digna. Pelo esforço de ambos para minha permanência na escola, pelo incentivo nos momentos mais difíceis da minha trajetória, pelas renúncias que fizeram ao longo dessa caminhada, por terem sonhado comigo que é possível, através da educação tornar-se mais sensível para as questões sociais. Meus pais, apesar de não serem detentores dos códigos e signos do letramento formal, são portadores de uma sabedoria e de experiências que me mostraram desde criança que a perseverança é necessária para chegar onde desejamos.

À minha esposa, Wiliana Carneiro Carvalho, pelo carinho e compreensão ao longo dessa jornada, parceira em todos os momentos dessa caminhada, por compreender as minhas ausências, pelo incentivo nos momentos em que senti o chão sumir debaixo dos meus pés, esteve e está sempre comigo. É e sempre será minha companheira nessa vida terrena.

À minha filha, Maria Ludymilla Carneiro Laurindo, meu grande amor, cordão do meu coração, pedaço de mim, razão de todas as minhas lutas e teimosias, foi e é a pessoa que me fez mais humano, mais humilde e que energiza todos os meus dias e me faz acreditar na vida.

Aos meus irmãos e irmãs, Deusa Laurindo dos Santos, Rose Mary Laurindo dos Santos, Jocélio Laurindo dos Santos, Eva Laurindo dos Santos, Meiryvane Laurindo dos Santos, Maria de Fátima Laurindo dos Santos, Mirian Laurindo dos Santos, Anderson Laurindo dos Santos, Maria Eduarda Sousa Santos, por acreditarem em mim e contribuírem para a minha formação.

Aos colegas da turma de Mestrado Em Estudos de Cultura e Território – PPGCult-UFT Alberto Gomes de Araújo, Brendon Husley Rimualdo Rodrigues, Eli da Silva Duarte, Gleyce Martins de Carvalho, Jannete da Silva Milhomem, João Carlos Santiago Nery, Lailson Costa Duarte, Marlon Marques Pinheiro de Melo, Sandra Rodrigues da Silva Milhomem, Sandro Ferreira Pinto, Wiris Orimar Ferreira, Juno Brasil Custódio de Souza (*In memoriam*),

Sueli Marques Ferraz dos Santos, Jéssica Moreira dos Santos, Manoel Filho Borges, Aparecida Pereira da S. Xerente, Maria de Fátima Batista Barros (*In memorian*).

À minha prima Rosângela Maria Oliveira Sedrim, conhecida carinhosamente como mana, com quem sempre conversei desde a infância e juventude sobre a importância dos estudos como tentativa de mudar a rota das nossas vidas.

Ao meu amigo Marcelo Ricardo Silveira Vieira (*In memorian*), que enquanto estive nesse plano terreno conversávamos sobre a importância de estudar, se especializar como mecanismos para abrir portas, nos conduzir e fazer compreender o mundo no qual estamos inseridos.

Aos professores do Mestrado Em Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, Prof^o Dr^o Dernival Venâncio Ramos Junior, Prof^a Dr^a Luiza Helena Oliveira da Silva, Prof^o Dr^a Elias Silva, Prof^a Dr^a Kênia Gonçalves Costa, Prof^a Dr^a Maria Santana Ferreira dos Santos, obrigado por compartilhar seus saberes e experiências ao longo desses dois anos de Mestrado.

À professora Dr^a Olivia Macedo Miranda de Medeiros e professor Dr^o Euclides Antunes de Medeiros, quero agradecer profundamente por acreditarem em mim, por me permitirem mergulhar em um mundo dantes desconhecido e assim compreender um pouco mais sobre as singularidades dos modos de viver dos povos tradicionais, por mostrarem caminhos possíveis nas disciplinas que cursei como aluno especial “Cultura, Território e Interdisciplinaridade” e “Hermenêutica da Memória: Paisagem, Narrativas e Linguagens Construídas pelas Memórias” ministradas com excelência. Gratidão.

À Prof^a Dr^a Rejane Cleide de Medeiros, minha orientadora, por ter acreditado em mim, um desconhecido, por ter sido ao longo desses dois anos de Mestrado uma bússola na condução desta pesquisa, pela parceria construída, por ter aberto e possibilitado leituras e o conhecimento de autores com os quais me ajudaram na tessitura desta dissertação. Pela paciência e acima de tudo por mostrar as especificidades da pesquisa, por me fazer entender que o pesquisador comprometido com sua pesquisa precisa ter comprometimento e seriedade em seu campo de pesquisa, respeito às interlocutoras e a compreensão de que pesquisar é, acima de qualquer coisa, se despir das concepções construídas por cada um de nós.

Dedico esse trabalho à minha mãe, quebradeira de coco, Maria Laurindo dos Santos, que me fez enxergar que é possível transformar nossa realidade sem perder nossa essência e que ainda é possível sonhar com um mundo melhor. Dedico a todas as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e Assentamento Sete Barracas, incluindo aquelas que já ancestralizaram.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo analisar os modos de vida de mulheres quebradeiras de coco babaçu, no município de São Miguel, Assentamento Sete Barracas em Tocantins, por meio das memórias e resistências. Mulheres que lutam para reafirmar os seus modos de viver a partir de seus territórios e, do que produzem com o coco babaçu, a fim de manterem suas práticas culturais. É por meio das narrativas e memórias das mulheres quebradeiras de coco babaçu, que buscamos desvelar como as mesmas desenvolvem seus modos de vida tendo na palmeira do babaçu parte de suas rotinas e trajetórias das histórias, é a mãe que veem com afeto e zelo por lhes proporcionar o sustento das famílias. A metodologia desenvolvida teve como método a História oral, como procedimentos, entrevistas semiestruturadas com análises de dois (02) vídeos e sete (07) entrevistas com mulheres quebradeiras de coco, com idades que vai de 40 a 70 anos. O critério se deu em função de que essas mulheres vivem no território, participaram da luta pela terra e pelo babaçu livre. A pesquisa está vinculada à linha de pesquisa “Paisagem, Narrativas e Linguagens” do programa (PPGCULT). As análises das narrativas e memórias das mulheres quebradeiras de coco babaçu, nossas interlocutoras, ocorre a partir de vários autores/as que discutem modos de vida, resistências, território e interseccionalidade, como: Rogerio Haesbert (2006a, 2006b); Pollak (1992, 1989) e Bosi (1983), Carla Akotirene (2018), Olivia Medeiros Cormineiro (2010), Fenelon (2000), Ribeiro (2017). As análises das entrevistas nos permitiram compreender os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu e, como tornaram a palmeira um símbolo de resistência, de identidade e de esperança para o grupo social.

PALAVRAS CHAVES: Território; Práticas culturais; Resistências; Modos de vida.

ABSTRACT

This research aims to analyze the ways of life of women babassu nut breakers in the municipality of São Miguel, Settlement Sete Barracas in Tocantins, through memories and resistance. Women who struggle to reaffirm their ways of living from their territories and from what they produce with the babassu coconut in order to maintain their cultural practices. It is through the narratives and memories of women babassu nut breakers that we seek to unveil how they develop their livelihoods, having the babassu palm as part of their routine and story trajectories. The methodology developed was based on the oral history method, and the procedures used included semi-structured interviews with analysis of two videos and seven interviews with women babassu nut breakers ranging in age from 40 to 70 years old. The criterion was based on the fact that these women live in the territory and participated in the struggle for land and free babassu. The research is linked to the research line "Landscape, Narratives and Languages" of the program (PPGCULT). The analysis of the narratives and memories of the women babassu nut breakers, our interlocutors, occurs from various authors who discuss ways of life, resistance, territory and intersectionality, such as: Rogerio Haesbert (2006a, 2006b); Pollak (1992, 1989) and Bosi (1983), Carla Akotirene (2018), Olivia Medeiros Cormineiro (2010), Fenelon (2000), Ribeiro (2017). The analyses of the interviews allowed us to understand the babassu nut breakers' ways of life and how they turned the palm tree into a symbol of resistance, identity, and hope for the social group.

Keywords: Territory; Cultural practices; Resistance; Ways of life.

LISTA DE FIGURAS

Interlocutoras - Mulheres Quebradeiras de coco

Figura 1 – Maria Senhora C. da Silva.....	29
Figura 2 – Emília Alves da Silva Rodrigues	29
Figura 3 – Maria de Jesus Gomes dos Santos.....	30
Figura 4 – Raimunda Nonata Nunes Rodrigues.....	30
Figura 5 – Maria José Alves da Conceição	31
Figura 6 – Maria Laurindo dos Santos	31
Figura 7 – Maria de Lurdes Alves dos Santos Souza.....	31

Figuras – Cultura material e resistências das Quebradeiras de coco babaçu

Figura 8 – Babaçuais na comunidade Sete Barracas	36
Figura 9 - Cacho de coco babaçu na palmeira.....	36
Figura 10 – Casa tradicional das quebradeiras de coco babaçu coberta de palha.....	38
Figura 11 – Cofo de palha de coco babaçu.....	38
Figura 12 - Carvão de coco babaçu	38
Figura 13 - Amêndoas do coco babaçu (bago).....	38
Figura 14 - Azeite da amêndoa do coco babaçu	39
Figura 15 - Sabão de azeite de coco babaçu.....	39
Figura 16 - Pilão de pisar amêndoa de coco babaçu	39
Figura 17 – Machado, macete e cofo	40
Figura 18 – Mulher quebradeira de coco babaçu	40
Figura 19 - Gongo.....	40
Figura 20 – Colar de sementes silvestres com detalhe de coco babaçu em corte contrário	43
Figura 21 – Colar de sementes silvestres e sementes de buriti.....	43
Figura 22 – Cesto decorativo de cipó encontrado na mata e coco babaçu.....	44
Figura 23 – Porta-canetas feito de coco babaçu.....	44
Figura 24 – Floresta de babaçu preservada.....	49
Figura 25 – Floresta de babaçu devastada.....	49
Figura 26 - V Encontro Tocantinense de Agroecologia no Povoado Sete Barracas.....	63
Figura 27 - Integrantes do MIQCB	65
Figura 28 - Povos Indígenas do Tocantins	65

LISTA DE SIGLAS

ASMUBIP Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio.

GEBAM Grupo Executivo do Baixo Amazonas

GETAT Grupo Executivo de Terras do Araguaia - Tocantins

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MIQCB Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

LISTA DE INTERLOCUTORAS

01 - Emília Alves da Silva Rodrigues (Dona Emília), 67 anos. Nascida no Maranhão. Ainda na sua juventude veio para o Tocantins com sua família à procura de terra para plantar. Hoje mora na sua terra em Sete Barracas, povoado da cidade de São Miguel do Tocantins, terra essa conquistada através da reforma agrária.

02 - Maria Senhora C. da Silva (Maria Senhora), 68 anos. Nascida no Estado do Maranhão. Na sua mocidade veio para a Região Norte do Tocantins (Bico do Papagaio). Reside atualmente na cidade de Carrasco Bonito.

03 - Maria de Jesus Silva Gomes, filha de dona Raimunda Quebradeira de coco (Dijé), 48 anos. Nascida no Estado do Maranhão, veio para o Estado quando o Tocantins ainda era Goiás. Hoje mora em sua terra no Povoado Alto do Zumbi no Município de Axixá-TO.

04 – Maria José Alves da Conceição, 60 anos. Nasceu em São Miguel Tocantins quando o Tocantins ainda era Estado de Goiás. Mora no Povoado Alto do Real na cidade de São Miguel do Tocantins-TO.

05 – Maria Laurindo dos Santos (Maria do Bê), nasceu no Estado do Maranhão na cidade de Colinas do Maranhão. Ainda criança migrou para a Região do Bico do Papagaio com sua família. Tem 74 anos e é moradora da Cidade de São Miguel do Tocantins.

06 – Maria de Lurdes Alves dos Santos Sousa (Di Lurdes) nasceu ainda no Estado de Goiás, tem 66 anos de idade. Mora na Cidade de São Miguel do Tocantins-TO.

07 – Raimunda Nonata Nunes Rodrigues (Nonata), 68 anos. Nasceu em São Miguel do Tocantins e mora até hoje na cidade de São Miguel do Tocantins.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	10
Lista de Siglas	11
Lista de Interlocutoras.....	12
Sumário	13
Os labirintos da minha constituição: um relato autobiográfico.....	14
MAPAS:	
1 Localização de São Miguel do Tocantins	20
2 Mapeamento Social da Região Ecológica do babaçu	21
1. INTRODUÇÃO	19
2. OS MODOS DE VIVER DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS	33
2.1. A Cultura material do coco babaçu	36
2.2. Trabalho e geração de renda	45
2.3. A quebra do coco babaçu como herança cultural	53
3. A PALMEIRA PARA MIM É MINHA MÃE, PARA MIM A PALMEIRA É TUDO: RESISTÊNCIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS (TO).....	59
3.1. Resistências em territórios das quebradeiras de coco.....	60
4. AS FILHAS DA PALMEIRA DO COCO BABAÇU: AFETIVIDADE E PRESERVAÇÃO DOS BABAÇUAIS.....	78
4.1. Um pé de coco é igualmente uma mãe	82
4.2. As guardiãs de saberes e a preservação dos babaçuais.....	92
4.2.1. As conquistas e o empoderamento.....	100
5. A CAMINHO DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS	123

MEMORIAL

OS LABIRINTOS DA MINHA CONSTITUIÇÃO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Vim para esse mundo no dia dezessete do mês de Novembro de Mil Novecentos e Setenta e Nove no antigo Estado de Goiás, no Norte goiano, conhecido como Bico do Papagaio, região extremamente pobre, no Povoado chamado São Miguel, que só anos depois foi emancipada tornando-se a Cidade de São Miguel do Tocantins. Nessa época, já tinha acontecido a divisão do Estado de Goiás. Sou filho de Maria Laurindo dos Santos e de José de Ribamar Laurindo, minha mãe quebradeira de coco babaçu, que não teve oportunidade de estudar, meu pai um juqueiro, que não teve acesso à escola. Minha mãe teve doze filhos, três partos de gêmeos, de cada um sobrevivendo apenas uma criança. Os partos foram realizados em casa, por uma parteira conhecida como tia Nazinha.

Nasci e fui criado numa casa de barro (pau a pique), coberta de palha de coco babaçu. O babaçu desde minha infância esteve sempre presente na minha construção social. Na minha casa não tinha fogão a gás, era um fogão feito de barro. Usávamos carvão de coco babaçu para cozinhar as refeições da família, o azeite de coco babaçu era o óleo usado em todas as comidas da casa. Nosso sabão de lavar roupas era feito do óleo do coco babaçu.

Percebo, nos dias atuais, que minha vida, minha construção social, minha sobrevivência sempre estiveram intimamente ligadas ao coco babaçu. O babaçu por longos anos foi uma mãe para minha família. Minha mãe, mesmo não tendo acesso à escola, foi a maior incentivadora para que nós estudássemos. Dizia ela, que o estudo é tudo na vida de uma pessoa, por isso, ela tinha vontade que nós, os filhos, trilhássemos caminhos na vida diferentes do que a vida concedeu a ela.

Fui matriculado aos sete anos de idade na Escola Municipal João Pessoa, ainda guardo na minha memória o primeiro dia que fui para a escola, um turbilhão de sentimentos invadiu e permeava minha mente. Medo, ansiedade e alegria por estar indo à escola. Guardo na minha memória, até mesmo como fui vestido, uma camisa azul. Importante dizer que nesta época eu tinha apenas três camisas, um short preto, calçado numa sandália havaiana. O cabresto tinha quebrado e meu pai tinha colocado um pedaço de arame para o chinelo não sair do pé, apenas um caderno grande de cem folhas dentro de um saco de arroz vazio de cinco quilos, um lápis preto e uma borracha branca.

Mas nada, nada disso tirou de mim a alegria de estar indo para a escola. Fui matriculado à tarde, ainda me lembro que quando eu cheguei no portão da escola ninguém podia entrar até tocar a sirene. Todos os alunos da escola corriam para suas salas e como era meu primeiro ano eu não entendia. Mas quando entrei na minha sala, descobri o motivo da correria: não tinha carteiras para todos e alguns alunos tinham que sentar no chão, inclusive, eu. Mas, não fiquei triste porque não tinha carteiras suficientes para todos. O nome da minha primeira professora foi Acilene Dias Carneiro, lembro que aprendi ler com seis meses na escola e já conseguia ler com fluência.

Minha educação foi atravessada por discriminação e racismo, por ser preto e o aluno mais pobre da turma. Fui sempre defenestrado dos grupos de trabalho da classe. Ainda ecoa na reminiscência da minha memória a primeira vez que ouvi uma professora branca dizer: “esse aí, preto, Negrinho, miserável, filho de uma quebradeira de coco, não vai pra lugar nenhum, a não ser roçar juquira na fazenda do meu pai”.

Ouvir isso naquele momento, para mim, enquanto criança foi uma sentença definitiva, um sentimento de incapacidade que, somente anos depois, percebi que talvez poderia mudar a rota da tragédia da minha vida, pois nascer no Norte do Tocantins com a tessitura do meu corpo negro, que dentro da visão patriarcal, eu carrego os códigos e os signos do não poder, já que dentro do patriarcalismo, a “branquitude” é um sistema de privilégios que permite aos brancos acessarem com muita facilidade os lugares de poder e prestígio social.

Portanto, a minha pele negra, meu cabelo crespo, meu nariz chato, meus lábios grossos são marcadores da minha raça, da minha condição social, como diz a filósofa Ângela Davis, “a raça informa e a classe informa a raça”. Sendo assim, desde que nasci, meu corpo e minha alma já lutavam e sempre irão lutar pela afirmação da minha humanidade. Ao longo da minha odisséia, dentro da escola tive que enfrentar o preconceito institucional instalado no âmago das Instituições escolares.

Sofri muitas discriminações durante a vida escolar, sentava no fundo da sala, tinha poucos amigos na escola, pois a grande maioria fingia não me ver, era um corpo sem corpo, sem voz, era estar sem estar, algo que me incomodava muito, mas eu era muito aplicado, sempre fazia todas as atividades da sala e os para casa também.

Tive alguns professores que me incentivaram dizendo “você vai conseguir chegar longe”. Minha mãe sempre acreditou em mim e dizia para meus parentes “Juscelino é muito inteligente, tem futuro”. Minha mãe, apesar de não ter tido a oportunidade de estudar, acreditava e até hoje acredita que estudar é o único caminho para quem nasceu pobre. Assim, meus pais sempre me incentivaram muito para estudar.

Na Escola Municipal João Pessoa estudei até a sexta série, depois fui transferido para a Escola Estadual São Miguel, onde estudei até a Oitava série. Quando terminei a Oitava série, meus pais não tinham condições para me mandar fazer o segundo grau em Imperatriz – Maranhão, cidade mais próxima de São Miguel, Tocantins. Desta forma, quando terminei a oitava série pensei que não iria mais estudar, mas naquela época o Governador do Estado criou o SOME (Sistema Modular de Ensino) voltado para as cidades do Bico do Papagaio.

Esse projeto trabalhava com apenas o segundo grau Técnico e Magistério, curso direcionado para quem fosse exercer a profissão de professor, o qual habilitava ministrar aulas de 1º ao 5º ano. O curso Técnico em Magistério foi o embrião que alimentou a minha vontade de estudar ainda mais e me tornar professor.

Quando terminei o segundo grau Técnico em Magistério em 1999, foi uma etapa de grande alegria para mim e para minha família, principalmente, para meus pais. Minha mãe dizia que tinha um filho formado. Na visão dela eu já tinha concluído os estudos. Porém, para quem nasceu com os pés descalços (pobre) e negro, conseguir terminar o segundo grau é uma vitória, haja vista que a educação no Brasil ainda é privilégio de poucos. Depois de dois anos de conclusão do segundo grau técnico em Magistério, consegui um contrato na Escola Estadual São Miguel, na Cidade de São Miguel do Tocantins.

Como professor da 3ª série, descobri que a vida de professor é um misto de alegria e de dor, pois na minha percepção e experiência, a questão de aprendizagem ultrapassa os muros das escolas. As desigualdades sociais, a escolaridade dos pais, a estrutura familiar, ter o que comer e o que vestir, interfere profundamente no processo ensino-aprendizagem, pois uma criança com fome tem graves problemas de aprendizagem. Eu me enxergava em cada criança preta, pobre, faminta da minha sala de aula, era como se eu estivesse olhando para mim mesmo, um sentimento inenarrável.

Logo senti a necessidade de estudar mais. Foi aí que depois de quatro anos, entrei para o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins-UNITINS. Foram quatro anos de muita luta e perseverança. Quando concluí o curso de Pedagogia, percebi que tinha vencido uma etapa importante da minha vida, pois acessar qualquer curso Superior e permanecer nele até o final é um feito conseguido apenas por uma pequena minoria.

Por pertencer à raça negra, isso é ainda muito mais difícil, pois a pobreza no Brasil tem cor e é preta, fui o primeiro da minha família a entrar para um curso universitário, pois sou pertencente a uma família grande e a maioria não teve acesso à escola, dos meus dez irmãos, sou o quarto mais velho. Sendo assim, os três mais velhos apenas conseguiram

terminar o segundo grau, mas hoje tenho duas irmãs formadas em Pedagogia, e uma no sexto período de História da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína.

Depois de formado, começo a saga para conseguir uma vaga como Professor, depois de muitos meses tentando conseguir um contrato com nível Superior na mesma escola que eu atuei por dois anos apenas com o segundo grau técnico em Magistério. Trabalhei na escola supramencionada por dois anos, trabalhava quarenta horas, manhã e tarde, depois de dois anos decidi voltar para a Universidade de novo. Então, prestei o vestibular da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Imperatriz - MA, para o curso de Geografia. Passei e comecei a cursar Geografia na UEMA de Imperatriz – MA.

Trabalhava pela manhã e tarde, na Escola Estadual São Miguel e cursava Geografia à noite. De São Miguel para Imperatriz são sete quilômetros e ainda tinha que atravessar o Rio Tocantins, que divide os dois estados. Fazia todo esse esforço, pois sentia a necessidade de conhecer e aprender mais. Porém, depois de concluir o primeiro período do curso de Geografia da UEMA, fui aprovado no Concurso da Prefeitura de Darcinópolis – TO para o cargo de Coordenador Pedagógico em 2009. Para tomar posse nesse concurso, tranquei o Curso de Geografia na UEMA e tomei posse do Concurso de Darcinópolis - TO em 2009.

Nesse sentido, no ano de 2009, me desterritorializei, (São Miguel do Tocantins), buscando oportunidades que meu lugar, meu território não me proporcionou e em muitos momentos a oportunidade de permanecer foi negada pelos sujeitos que me cercaram por muito tempo, ou seja, a minha diáspora de homem negro, pobre, a procura de oportunidade me conduziu à reterritorializar na Cidade de Darcinópolis, cidade situada também no Norte do Tocantins. Nesse novo Território, atuei como Coordenador Pedagógico da Escola Municipal Victor Dias. Conheci novas pessoas e enfrentei novos desafios.

A primeira coisa que os cidadãos veem quando olham pra mim é a cor da pele negra, a partir do que se vê na minha pele negra, fazem suposição tentando diminuir as minhas “epistemes”. Como Coordenador Pedagógico, quase todos os dias tinha que afirmar minha humanidade, minha identidade negra, lutar para não me abater dos ataques da “violência branca” que são sempre disfarçados de ironia e sarcasmo. Essa violência é sempre no sentido de medir o meu conhecimento a partir da cor da pele, ou seja, quanto mais a pele é negra, pela lógica da “branquitude”, menos conhecimentos e oportunidades terá.

Depois de seis meses morando e trabalhando em Darcinópolis como Coordenador Pedagógico, senti pulsar dentro de mim o desejo pelo conhecimento, senti saudade da Universidade, de conhecer outras teorias, outras correntes de pensamentos e dialogar com outros sujeitos. É quando em 2009, faço um novo concurso para prefeitura de Araguaína -

TO, para o cargo de Coordenador Pedagógico da Rede Municipal de Educação, em que fui aprovado. Assim, a minha diáspora continua outra vez, me desterritorializo e me reterritorializo na cidade de Araguaína, tomando posse do concurso supracitado no dia Vinte e Cinco de Janeiro de Dois mil e Dez.

Nesse novo Território, à cidade de Araguaína, fui trabalhar na Escola Municipal José Ferreira Barros, na Coordenação Pedagógica, onde atuei por dez anos. Em dois mil e doze, resolvi voltar para a Universidade. Então, através do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), entrei no curso de História da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, no período noturno. Trabalhava de manhã e à tarde, à noite cursava História. Logo após concluir o primeiro período, minha filha, Maria Ludymilla Carneiro Laurindo nasceu. Então, mais uma vez tive que deixar a Universidade, pois tive que trabalhar por cinco anos de manhã, à tarde e à noite para conseguir pagar aluguel e arcar com as despesas da minha casa e da minha filha recém-nascida. À noite trabalhava na escola SESC de Araguaína.

Dentro de mim sempre existiu o desejo pelo conhecimento, sempre esteve presente como uma chama que nunca se apaga. Conduzido por esse desejo de conhecer e de aprender novas narrativas, cursei três Pós-Graduação *latu sensu* na Universidade Federal do Tocantins, em Coordenação Pedagógica, em 2012; Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social, em 2017; Educação, Pobreza e Desigualdade Social, em 2018. Cursei ainda as disciplinas como aluno especial do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Território PPGCULT-UFT: “Cultura, Território e Interdisciplinaridade”; “Hermenêutica da Memória: Paisagem, Narrativas e Linguagem Construídas pelas Memórias”, com os professores Doutores: Euclides Antunes de Medeiros e Olívia Macedo Miranda Cormineiro.

Nessas duas disciplinas supramencionadas e com estes professores aprendi muito sobre os povos tradicionais, a conhecer e reconhecer as muitas formas de resistências. Foi nessas duas disciplinas que entrei em contato com autores dantes desconhecidos por mim e aumentou o meu desejo de dialogar com as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, por compreender que essas histórias precisam ser escritas.

Ou seja, minhas narrativas, minha odisseia, minha construção até aqui sempre estiveram interligadas com o objeto da minha pesquisa, minha dupla pertença sertaneja e urbana nunca morreram. Minhas lutas sempre estiveram travadas para que indivíduos com as minhas características físicas pudessem ter oportunidades de viver, de sonhar e de não terem seus corpos negros como marcadores de uma raça inferior. Eu sou hoje resultado da minha resistência, da perseverança dos meus pais, do incentivo de muitos professores, da minha insistência de não aceitar a minha própria realidade na qual nasci. Que eu não seja o único,

que muitos possam vir e que o conhecimento seja para todos, independentemente da cor da pele. Que meu corpo negro não seja visto como exótico, mais como um corpo humano, pois eu sou pertencente aos modos de viver das quebradeiras de coco e faço parte da memória coletiva desse grupo.

1 INTRODUÇÃO

“O babaçu para nós representa tudo, é a nossa vida, nós somos quebradeiras, não nos envergonha de dizer que somos quebradeiras, porque é o nosso trabalho. Nós somos doutoras na quebra do babaçu, porque eu acho que toda pessoa é doutor em alguma coisa, se nós quebramos o babaçu, nós somos doutoras na quebra do babaçu” (Raimunda Nonata Nunes Rodrigues, Quebradeira de coco babaçu, 2019).

O despertar, os desejos, as inquietações que nos conduz nos estreitos labirintos de uma pesquisa de um Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Território é talvez a construção social em que fomos criados e, em que estamos inseridos como seres e agentes sociais. Partindo desse prisma, essa inquietação teve início em função das minhas raízes sociais, por ser filho de uma quebradeira de coco babaçu e de um juqueiro¹, trabalhadores rurais que não tiveram acesso aos diversos códigos e signos dos letramentos que a sociedade exige como mecanismo de prestígio social e que permite ao indivíduo galgar uma posição social no mundo contemporâneo.

Iniciamos a pesquisa em 2019, fomos a campo, realizamos (05) cinco entrevistas presenciais e (02) por *Whatsapp* em São Miguel do Tocantins. Em 2020, com início e o agravamento da Pandemia do Corona vírus (Covid-19), com a obrigatoriedade das medidas de segurança, como o distanciamento social e uso de máscara, realizamos as últimas entrevistas através de áudios por meio do *Whatsapp*. Nosso maior desafio foi ter que lidar com novas formas de comunicação por conta da pandemia, mas não tivemos dificuldade de manter contato com as entrevistadas, pois todas têm *internet* em casa.

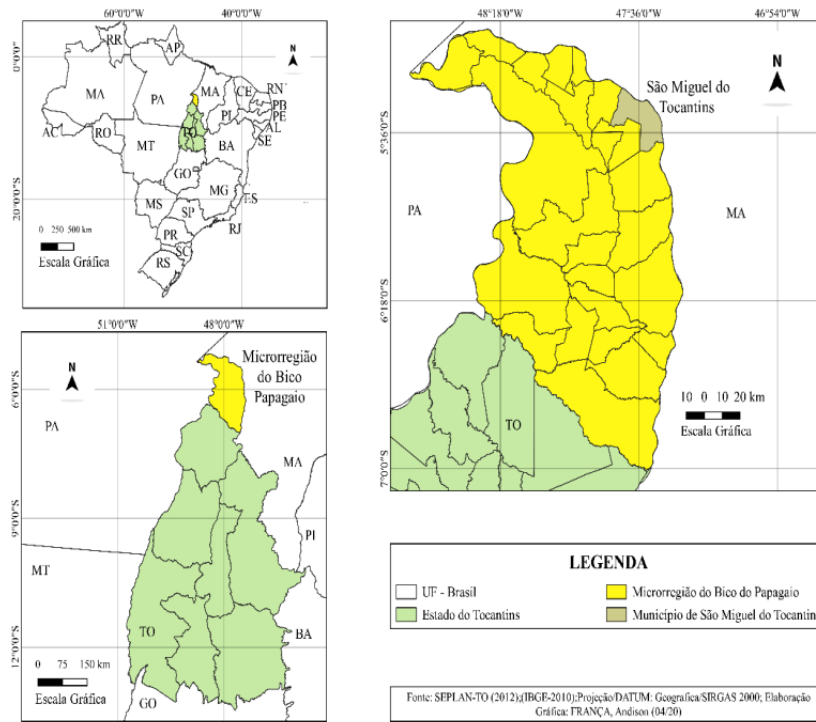
Realizamos as entrevistas em 2019, no mês de Outubro, no V Encontro Tocantinense de Agroecologia em Sete Barracas, São Miguel do Tocantins. Naquele momento, o encontro de quebradeiras de coco, ribeirinhos, indígenas para debater a sustentabilidade e a defesa das águas, dos rios, nos permitiu entrevistar (05) cinco interlocutoras. Passamos (07) sete dias na cidade de São Miguel do Tocantins. Posteriormente em 2020 e 2021, houve a necessidade de fazer novas entrevistas, adquirir novas imagens do lugar, campo de pesquisa, então realizamos via *Whatsapp*.

Os modos de viver das quebradeiras de coco é um tema que busquei compreender e analisar mais detalhadamente, visto que essas mulheres tiveram que encontrar estratégias para

¹ Um homem que passa o dia inteiro limpando o pasto dos fazendeiros com um instrumento chamado foice.

manter as identidades e práticas culturais no território de São Miguel do Tocantins², cidade situada ao Norte do Estado do Tocantins. Ver o mapa:

Mapa 1: Localização de São Miguel do Tocantins



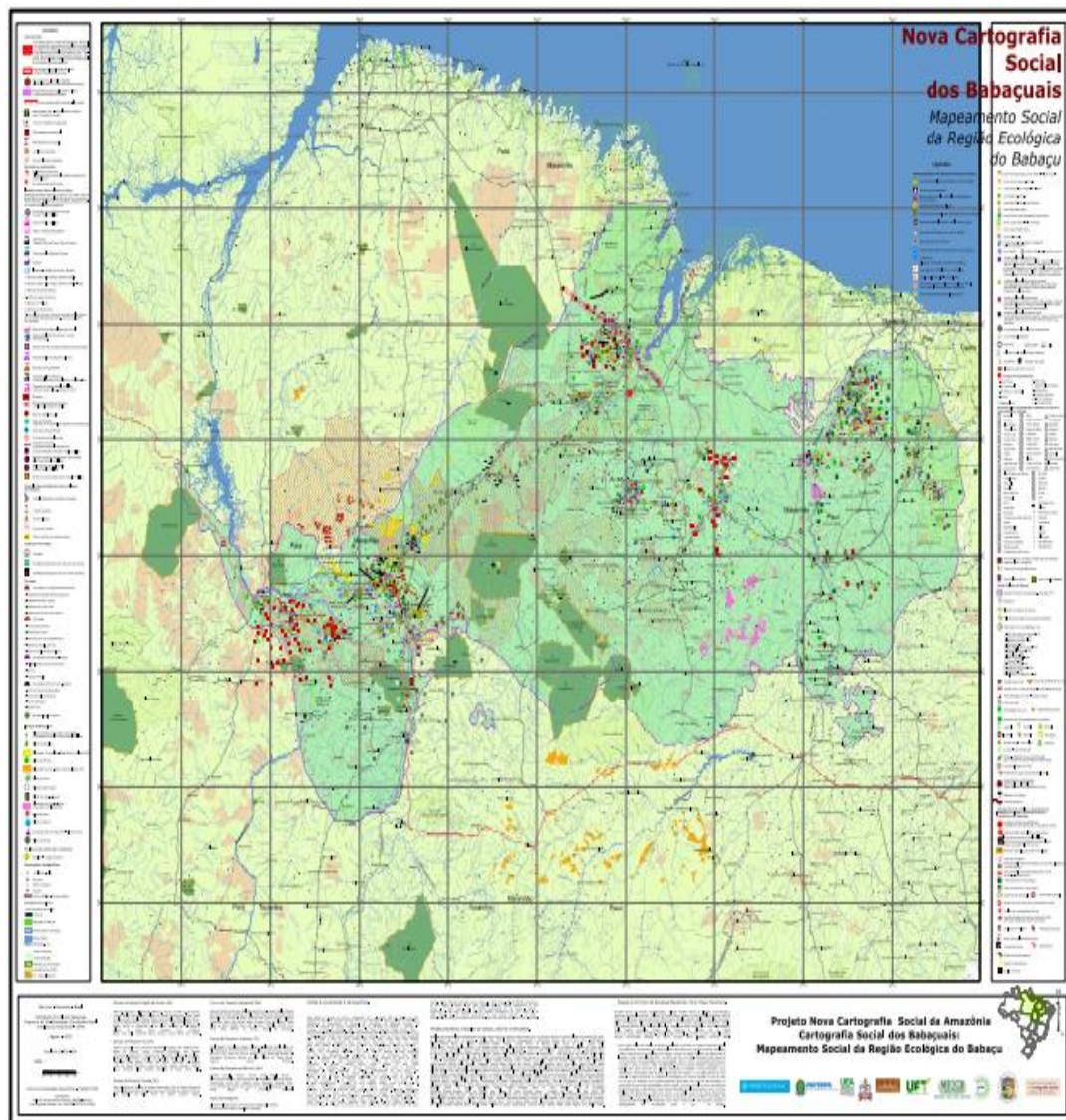
Fonte: Andison, 2020

O mapa situa o Estado do Tocantins no Brasil (em verde) e a Região do Bico do Papagaio (em amarelo). O Bico do Papagaio é uma microrregião composta por 25 municípios, entre os quais, a cidade de São Miguel do Tocantins, onde realizamos a pesquisa. A região recebe esse nome, por estar no extremo Norte do estado do Tocantins e fazer divisa com os estados do Maranhão e do Pará, em que a ponta torta no mapa lembra o bico de uma ave

² A cidade de São Miguel do Tocantins está situada no Norte do Estado do Tocantins, conhecido como Bico do Papagaio. Os primeiros moradores que chegaram em 1952 vieram de um lugar chamado Almeida, que ficava às margens do Rio Itapecurú, cujo padroeiro é São Miguel, considerado o anjo guerreiro. Uma das primeiras famílias de São Miguel-TO, senhor Germano, trouxe uma imagem do Santo (São Miguel Arcanjo). A partir daí, começaram a festejar o Santo e, nessa época, São Miguel era um povoado, uma região de garimpo de diamantes que atraía muitas pessoas de diferentes locais, principalmente do estado do Maranhão e Piauí. O povoado recebeu o nome de samambaia, inicialmente, porque na época, na região, tinham muitas dessas plantas. Anos depois, houve mudança no nome do lugar de Samambaia para São Miguel, nome do santo, trazido por uma das primeiras famílias da região. Atualmente, é o padroeiro da Cidade, festejado sempre no mês de setembro. Esta é a origem do novo nome. Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de São Miguel do Tocantins, pela Lei Estadual nº 251, de 20/02/1991, alterada em seus limites pela Lei Estadual nº 498, de 21-12-1992, desmembrado do município de Itaguatins. Sede no atual distrito de São Félix do Tocantins (ex-povoado). Constituído do distrito sede, instalado em 01/01/1993. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (http://saomigueldotocantins.to.gov.br/pagina/nossa_historia).

colorida que é muito comum na fauna e flora dessa região, o papagaio. Em cinza, visualizamos São Miguel do Tocantins, cidade campo da pesquisa. A seguir, podemos visualizar o Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu que mostra onde estão localizadas as florestas de babaçu e as Associações e Organizações de Quebradeiras de coco babaçu na Região Norte e Nordeste interligando e compondo o MIQCB.

Mapa 2: Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu



Fonte: Programa de Pós-Graduação Cartografia Social e Política da Amazônia – UEMA (2015)

O mapeamento da região ecológica do babaçu foi atualizado em 2015, além de destacar a área de ocorrência dos babaçuais, apresenta onde ocorre a incidência de palmeiras de babaçu em pastagem degradada e municípios do Tocantins com Lei do Babaçu livre, como Axiá do Tocantins e Buriti do Tocantins. A cultura do coco babaçu e as práticas dela

provenientes podem ser visualizadas através das legendas nas regiões do mapa. O mapa confirma em São Miguel do Tocantins a existência de Associações de Mulheres Quebradeiras de coco Babaçu, Cooperativas, Comunidades e que é uma região violenta por ter a legenda de ameaças de morte, uma região próxima a pastagens e distanciamentos de babaçuais, penosidade e ônus financeiro no trabalho da quebra do coco, dentre outras situações que podem ser observadas.

As quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins são mulheres que desde muito cedo tiveram que aprender a extrair das palmeiras de babaçu o seu sustento. Aprenderam com as matriarcas de suas famílias a manusear o seu principal instrumento de trabalho, isto é, o machado e o macete.

Desde pequenas essas mulheres tiveram/têm suas vidas marcadas e interligadas ao babaçu. Mulheres negras, acima de quarenta anos de idade, não alfabetizadas, sem posse de terras, através do babaçu lutam pela defesa de seus modos de viver no território em que a pesquisa ocorreu e têm o coco babaçu como elemento norteador de suas vidas. Esse fruto é parte da dinâmica do seu dia a dia, concebe e pauta a vida das mulheres que quebram coco.

A maioria mora em casas tapadas de barro, alinhavadas de talos de coco babaçu, cobertas de palha de coco. Percebemos que seus modos de vida são costurados pelo que oferta o babaçu. Ao levantar pela manhã, geralmente às cinco horas, alimenta seus animais (galinhas, porcos) dando-lhes o farelo de babaçu pisado no pilão, sendo este um exemplo da presença diária do babaçu, pois o mesmo é um elemento fundamental para manutenção e conservação dos modos de viver do grupo.

Com a dinâmica das palmeiras e as possibilidades que o babaçu oferece produzem e criam estratégias que lhes permitem manter suas práticas culturais: a quebração do babaçu. Lutam pela preservação das palmeiras do babaçu, permitindo-lhes que o coco babaçu seja um elemento central na conservação de costumes, memórias e lutas. As marcas de pertencimento são visíveis na oralidade. Ao acordar, durante os afazeres da casa e na quebração de coco constroem seus aprendizados e ensinam às crianças, que apreendem e assimilam os ensinamentos do viver diário dessas mulheres.

As interlocutoras da pesquisa são as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, mulheres que por meio de suas organizações partilham saberes, experiências, sentimentos, sonhos e mantêm uma maneira de viver singular dentro de um mundo que prega o consumismo e a exploração dos bens naturais em larga escala. Os modos de viver das quebradeiras de coco babaçu é um ato de resistência contra as imposições do mundo capitalista.

Essa pesquisa tem por objetivo analisar os modos de vida de mulheres quebradeiras de coco babaçu, por meio das narrativas a partir do seu lugar de fala. Como objetivos específicos, buscou-se: 1. Analisar o cotidiano, os usos da palmeira do babaçu pelas mulheres quebradeiras de coco em suas atividades diárias e a comercialização dos produtos; 2. Compreender as resistências das mulheres quebradeiras de coco e a formação de uma identidade em São Miguel do Tocantins; 3. Analisar as relações afetivas das mulheres em relação às palmeiras de babaçu e o protagonismo frente às conquistas e às resistências contra o desmatamento das florestas.

Buscamos responder a seguinte questão: como as mulheres quebradeiras de coco se organizam no território de São Miguel do Tocantins, elaborando modos de viver, construindo identidades, territorialidades e afetos na relação mulher - palmeira na construção cultural?

Adotamos a História Oral com os procedimentos de histórias de vida e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa de campo foi realizada no município de São Miguel do Tocantins, assentamento Sete Barracas. Após as entrevistas com as interlocutoras (Ver Lista de interlocutoras), analisamos dois vídeos de três mulheres quebradeiras de coco: Raimunda (A Quebradeira de coco); Maria Alaíde e uma entrevista de Luzanira Ferreira dada ao Observatório Saúde do Campo, Florestas e Águas. O critério adotado para realização das entrevistas é morar, ter vivido no território de São Miguel do Tocantins desde a década de 1980.

Isso se justifica por entender que as experiências e vivências no processo de territorialidades e construção de identidades se dão a partir dos anos de 1980 no Bico do Papagaio, no qual teve como grande liderança do processo de movimento e organização das quebradeiras, dona Raimunda Quebradeira de coco. As entrevistas foram realizadas nos quebradores de coco³, o que nos possibilitou compreender os modos de vida, a cultura, formação da identidade e o afeto que se constrói na lida diárias das mulheres com as palmeiras de babaçu.

As quebradeiras de coco são as protagonistas nesse trabalho, o que possibilita a compreensão de muitas histórias e de outras a redescobrir. Trazer à memória mulheres importantes na história das quebradeiras de coco na região do Bico do Papagaio, como dona Raimunda (a quebradeira de coco), é trazer saberes e “epistemes” que permanecem

³ Terreiros onde se quebra coco babaçu, em que as mulheres coletam e levam o coco para esse lugar, fazendo montes de coco. São pequenas latadas, isto é, quatro estacas para dar suporte às palhas de coco babaçu, que tem como função a proteção do corpo da chuva e do sol, com também, demarcar o espaço da quebradeira.

culturalmente através das narrativas. Esses saberes se tornam potentes, são como fios que costuraram o texto e as narrativas das mulheres quebradeiras de coco são as agulhas.

Nesse contexto, interpretar o passado seria uma maneira de reforçar o sentimento de pertencimento, conforme destaca Pollack (1989, p. 15):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos consciente de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989, p. 15)

Para o autor é a partir dos acontecimentos e das interpretações do passado que podemos definir o sentir-se pertencer através da coletividade. Pensando as mulheres quebradeiras de coco babaçu e suas formas de resistir às investidas dos fazendeiros e às devastações realizadas pelos mesmos nos babaçuais, unidas em sua atividade diária nos quebradores de coco⁴, fortalecem-se e fortalece o grupo com estratégias de sobrevivência ligadas a uma região que apresenta marcas de violência praticadas por fazendeiros e grileiros na cidade de São Miguel do Tocantins, principalmente, a partir dos anos de 1960 e 1970.

Dessa forma será possível reconhecer o acúmulo de conhecimentos das quebradeiras de coco em suas práticas, porque a memória traz elementos que permitem viver experiências. Pollak (1992, p. 2) define esses elementos:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992, p. 2).

Os acontecimentos, segundo Pollak (1992, p. 2) são vividos pessoalmente e coletivamente. Podemos dizer que modos de viver, culturas, saberes e práticas culturais têm na subjetivação um componente importante na construção dos dados, na percepção da realidade dos acontecimentos oralizados, nas interlocuções com as mulheres quebradeiras de coco babaçu. Suas singularidades de mulheres do campo poderão ser percebidas e/ou consolidadas em suas memórias narradas, colocadas e recolocadas como portadoras de muitas histórias (POLLAK, 1992).

⁴ Um território composto por uma floresta de babaçus.

A história oral nos permite conhecer as vivências das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. A importância da história oral é compreendida por Portelli (2016, p. 21) como sendo o que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral e que ele não termina com a entrevista ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas.

Portelli (2016) destaca sobre a utilidade do trabalho de história oral, que não deve terminar junto às entrevistas, mas deve ter sentido para a comunidade que participa da pesquisa. A narrativa pessoal, mais pontualmente focada do narrador local, explica Portelli (2016), que o narrador, nesse caso, as mulheres quebradeiras de coco babaçu de São Miguel, necessita de uma devolutiva, pois esta é uma maneira de o pesquisador contribuir com a comunidade em que a pesquisa é realizada, permitindo acesso à escrita e ao registro de sua própria história. É uma maneira de guardar a memória dos povos tradicionais, através da oralidade, da fala e das narrativas que tivemos acesso. A história oral, nessa pesquisa, ganha grande relevância no sentido de mostrar o protagonismo das quebradeiras de coco por meio das narrativas.

A história oral possibilita ouvir outras vozes, narrativas, experiências, por meio do qual podemos conhecer os modos de vida das quebradeiras de coco, adentrando na cultura e nos saberes. Observamos por meio da pesquisa e das narrativas de nossas interlocutoras, que a palmeira de coco babaçu é vista como uma mãe pelas quebradeiras de coco.

O afeto pela palmeira é construído no dia a dia e é repassado às filhas e filhos, como uma herança cultural, principalmente por se tratar de uma palmeira que é vista como sustento da família. Nesse caso, a “história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta” (PORTELLI, 2016, p. 10), nos conduzindo a compreender que há a necessidade de desenvolver a sensibilidade na escuta, uma escuta sensível, ouvir com parcimônia, permitindo a nossas interlocutoras a condução por caminhos significativos em suas trajetórias, viabilizando também histórias de resistência.

Thompson (1992) afirma que as entrevistas servem como fonte para historiadores profissionais, sendo uma potente ferramenta para colocar os modos de viver das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel na história oficial do estado do Tocantins, ou seja, a história oral é um método capaz de oportunizar o fortalecimento de saberes tradicionais, de culturas locais e de identidades diversas.

A história das quebradeiras de coco de São Miguel é construída a partir do lugar de fala, com as vivências de conflitos, opressões e resistências sofridas por elas em relação ao avanço da urbanização do seu território. Sobre esta questão Thompson (1992, p. 44) diz:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mais dentre a maioria desconhecidas do povo (THOMPSON, 1992, p. 44).

Thompson (1992) considera que a história oral possibilita conhecer heróis desconhecidos. Os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu, a identidade de mulher negra, a transmissão de saberes, crenças, ou seja, a memória tornou-se um instrumento do saber, guiadas pelos costumes. A memória é guardiã da história e da cultura e a oralidade é uma forma de assegurar os modos de viver de um grupo. A história oral tem uma finalidade social:

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história. Essa é uma importante razão por que ela tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tanto outros. Na verdade, temer a história oral como tal não tem fundamento. Veremos mais adiante que a utilização de entrevista como fonte por historiadores profissionais vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos (THOMPSON, 1992, p. 22).

A finalidade social é como uma contribuição ao local em que se realizou a pesquisa, uma oportunidade de engrandecer o protagonismo das mulheres quebradeiras de coco babaçu e colaborar para com a permanência desses modos de viver, das culturas e tradições que resiste sistematicamente à violência e aos conflitos com os fazendeiros em São Miguel do Tocantins. Manter a história viva é fundamental para a história, é uma evidência oral, assinala Thompson (1992):

Finalmente, a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem das suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeitas a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p. 137).

Para o autor, a evidência oral torna a história mais rica e verdadeira. A partir da oralidade no momento das entrevistas desvelamos modos de viver, percebemos as especificidades no falar, no gesticular, nas pausas durante as falas, nas marcas que carregam no corpo e nas histórias de vida do seu dia a dia. Conhecer o lugar de fala das interlocutoras é, acima de tudo, estar no território onde os modos de viver acontecem. Há que se “cotejar uma

entrevista confidencial com história de vida” (THOMPSON, 1992, p. 142), visto que a entrevista é um instrumento de descortinar verdades. Este autor esclarece ainda:

O que verdadeiramente distingue a evidência da história oral procede de razões bastante diferentes. A primeira é que ela se apresenta sobre forma oral. Como forma imediata de registro, isto tem tanto vantagem quanto desvantagem. Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado tiver que ser citado num livro ou artigo, é preciso primeiro fazer uma transcrição. Por outro lado, a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto (THOMPSON, 1992, p. 146).

As pistas sociais referidas por Thompson (1992), podemos dizer, são singulares e podem ser percebidas fidedignamente e explicitamente em uma gravação. Expressões específicas de seus falares são percebidas e compõe a tessitura da construção social da mulher quebradeira de coco babaçu: são negras (a maioria); usam uma maneira de se comunicar como uma afirmação de territorialidade, de pertencimento ao grupo, um modo de se auto identificar como mulher quebradeira de coco de São Miguel do Tocantins.

A textura do dialeto é sinônimo de resistências e de ligação ao grupo social que formam, de afirmação dos seus espaços construídos, de sentir a própria vida, utilizando o coco babaçu como elemento fundamental na construção das suas práticas diárias. Na construção da cultura das quebradeiras de coco babaçu, o lugar é parte importante na formação da identidade e dos modos de vida do grupo. A cultura está ligada a um “feixe” (THOMPSON, 1998, p. 22), onde as atividades praticadas pelo grupo se confundem e para distinguir essas práticas é necessário examiná-las cuidadosamente:

Mesmo assim, não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998, p. 22).

Desfazer o feixe seria a análise dos modos simbólicos, transmissão e desenvolvimento dos costumes nas relações sociais e de trabalho, como tentamos fazer em nossa pesquisa sobre os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins na organização dos capítulos.

Os costumes e as relações construídos no lugar onde vivem têm ligação direta com a paisagem ao redor, com a preservação e a beleza natural. Nesse caso, território não definiria apenas os limites de um espaço como a cidade de São Miguel do Tocantins, mas também o lugar e a paisagem onde as mulheres quebradeiras de coco desenvolveram seus modos de viver, as relações sociais e de trabalho ligadas à palmeira de coco babaçu, construíram laços afetivos com as palmeiras.

Haesbaert (2006, p. 118) considera território por um viés afetivo-emocional, que está ligado a um lugar ou a uma paisagem com a qual um grupo se identifica:

Por outro lado, também valorizando essa ligação “natural” com a terra, temos uma outra variante dessa interpretação naturalista do território, envolvendo o campo dos sentidos e da sensibilidade humana, que seriam particularmente moldados pela “natureza” ou pela “paisagem” ao seu redor. Esta visão sobrevaloriza e praticamente naturaliza uma ligação afetiva, emocional, do homem com seu espaço. Aqui, o território seria um imperativo, não tanto para a sobrevivência física dos indivíduos, mas, sobretudo para o “equilíbrio” e a harmonia homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um “lugar” ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identificaria (HAESBAERT, 2006, p. 118).

O afeto da mulher quebradeira de coco pela palmeira é percebido nas suas narrativas, especialmente na expressão “mãe-palmeira”, pois há um sentimento de gratidão pela planta que oferece meios para gerar renda para o sustento de famílias. Os babaçuais definem a paisagem no território de São Miguel do Tocantins.

O título “As filhas das palmeiras do coco babaçu: memórias e narrativas de modos de vida de quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins (TO)” está alinhavado a elementos centrais ao longo da pesquisa, pois as memórias e narrativas foram os fios na construção desse trabalho. A Introdução traz uma revisão bibliográfica do tema, discute os conceitos de memória, história oral e cultura, assim como, apresenta o resumo dos capítulos da pesquisa.

A justificativa pela escolha do tema está relacionada às minhas origens sociais e o desejo de tornarem registradas as narrativas das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. Pesquisar e analisar essas narrativas e resistências é também pensar temas como Empoderamento (AKOTIRENE, 2018; DAVIS, 2016; RIBEIRO, 2017), Interseccionalidade (HOOKS, 2019; BERTH, 2018), além da compreensão dos conceitos de Memória (POLLAK, 1989; BOSI, 1983); História oral (PORTELLI, 2016; SCOTT, 2002; THOMPSON, 1992); Território e Paisagem (HAESBEART, 2006; TUAN; 1983), Cultura dos Comuns (THOMPSON, 1998).

No primeiro capítulo, analisamos o cotidiano das mulheres quebradeiras de coco, a cultura material e imaterial no dia a dia com os usos da palmeira do babaçu, como o coco

babaçu é comercializado, como proporciona geração de renda com os produtos feitos pelas mulheres e a herança cultural na cidade de São Miguel do Tocantins.

Discutimos as resistências pelas terras em função da permanência de seus modos de vida e da continuação de suas atividades de quebrar coco, produção de objetos e iguarias com a palmeira de coco babaçu, a geração de renda a partir dos produtos que ganham significado nas mãos das quebradeiras de coco, a paisagem no viés dos fazendeiros e no viés das quebradeiras de coco.

A música analisada (CD As Encantadeiras) retrata as experiências diárias dessas trabalhadoras rurais de São Miguel do Tocantins. Os modos de vida são como uma herança cultural, em que filhos (as) e netos (as) aprendem com os mais velhos a atividade de quebrar coco dentro dos babaçuais.

No segundo capítulo, analisamos as formas de resistências, as organizações e criação de associações e de Encontros que fortaleceram as mulheres quebradeiras de coco babaçu em São Miguel do Tocantins.

No terceiro capítulo, analisamos as relações de afetividade, também baseadas nas resistências das quebradeiras de coco pela preservação das florestas de babaçu. A construção de suas próprias histórias e de seus modos de vida tornou-se fundamental para o seu protagonismo.

Abaixo relacionamos as mulheres que participaram da pesquisa e que lutam pela permanência de seus modos de vida.

Figura 1: Maria Senhora C da Silva



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019.

Figura 2: Emília Alves da Silva Rodrigues



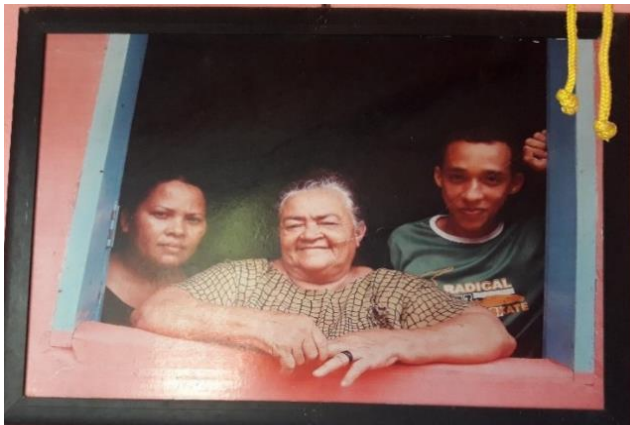
Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019.

Maria Senhora C. da Silva (Figura 1) 65 anos é uma quebradeira de coco da Região do Bico do Papagaio, uma das pioneiras na organização e fundação dos Sindicatos dos trabalhadores rurais. Veio do Maranhão na década de 1970. Atualmente, mora em São Sebastião, cidade situada no Bico do Papagaio.

Emília Alves da Silva Rodrigues (Figura 2), 67 anos nasceu no Estado do Maranhão e veio para São Miguel do Tocantins na década de 1970 morar no Povoado Sete Barracas e iniciou junto com Raimunda - a Quebradeira de coco, a luta pela preservação dos babaçuais. Lá se casou e teve três filhos biológicos e adotou mais um. Faz parte do MIQCB.

É uma das fundadoras da ASMUBIP de São Miguel do Tocantins, militante dos movimentos sociais em defesa dos povos das florestas. Viveu sempre nesse território, conquistado na luta pela terra. Sete Barracas é fruto da reforma agrária.

Figura 3: Maria de Jesus Gomes dos Santos



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019

Figura 4: Raimunda Nonata Nunes Rodrigues



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019

Maria de Jesus Gomes dos Santos (Figura 3), do lado esquerdo da imagem, ao lado de sua mãe, Raimunda – a quebradeira de coco. Nasceu em Sete Barracas (São Miguel do Tocantins) e sempre acompanhou sua mãe na luta pelo direito das mulheres.

Raimunda Nonata Nunes Rodrigues (Figura 4), 68 anos, nasceu em São Miguel do Tocantins, faz parte do MIQCB. Também é uma das fundadoras da ASMUBIP de São Miguel do Tocantins, militante dos movimentos sociais em defesa da reforma agrária.

Maria José Alves da Conceição (Figura 5), 59 anos, nasceu na cidade de São Miguel do Tocantins no Povoado Cruzeiro, onde vive atualmente. Lá se casou, tem doze filhos, é viúva. Ainda vive da quebra do coco babaçu.

Figura 5: Maria José Alves da Conceição



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019

Figura 6: Maria Laurindo dos Santos



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2019

Maria Laurindo dos Santos (Figura 6), 73 anos, nasceu no Maranhão, na cidade de Colinas. Veio para São Miguel ainda criança, onde casou, tem doze filhos e adotou dois. Reside até hoje na mesma rua e ainda quebra coco.

Figura 7: Maria de Lourdes Alves dos Santos Sousa



Fonte: Juscelino Laurindo dos Santos, 2021

Maria de Lourdes Alves dos Santos Sousa nasceu em São Miguel do Tocantins, onde se casou, tem 66 anos, tem seis filhos, criou todos quebrando coco. É filha de uma quebradeira de coco e ainda hoje o coco babaçu é fonte de renda do seu sustento. As interlocutoras dessa pesquisa são parte da cultura das quebradeiras de coco babaçu de São

Miguel do Tocantins. A cultura como termo emaranhado (THOMPSON, 1998) nos permitiu realizar uma tentativa de desfazer o feixe cultural das quebradeiras de coco, que nascem em lares de mulheres também quebradeiras de coco e como seres humanos que evoluem na relação com seus fazeres diários e os sentidos dados na relação com a palmeira de coco babaçu.

Os ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão de costume de geração para geração (THOMPSON, 1998) são heranças dessas mulheres em seu meio, no lugar onde estão e onde se sentem pertencer. A oralidade é sua forma de transmitir saberes aos filhos. Essas experiências potencializam seus modos de vida no Povoado Sete Barracas em São Miguel do Tocantins. O Território, nesse caso, parece transcender as fronteiras físicas e os limites que dividem e separam povos, parece envolver além do espaço físico, envolve o campo afetivo humano em experiências elaboradas e desenvolvidas no lugar onde se consolida a cultura das quebradeiras de coco babaçu.

2 OS MODOS DE VIVER DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS.

*Para os pobres, este coco é meio de vida
Pisa no coco, Margarida! E bota leite no capão
Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!
Seja um pouco mais corajosa, segura na minha mão
Lutemos juntas com coragem e com amor
Pra o governo dar valor a esta nossa profissão.
(Xote das Quebradeira de Coco)*

Com esse trecho do xote escrito pelas quebradeiras de coco, percebemos a chamada das mulheres, a luta pelo reconhecimento da profissão, a valorização da sua identidade de quebradeira de coco babaçu. Nesse sentido, é que o objetivo desse capítulo é analisar o cotidiano das mulheres quebradeiras de coco, sua cultura material e imaterial no dia a dia com os usos da palmeira do babaçu, como o coco babaçu é comercializado, como proporciona geração de renda com os produtos feitos pelas mulheres e a herança cultural na cidade de São Miguel do Tocantins. Recorremos a Ferraz (1998) na pesquisa, “*O movimento Camponês no Bico do Papagaio: Sete Barracas em busca de um elo*”, que identifica a região como um espaço marcado de lutas pela terra e pela permanência no território, como foi o caso de Sete Barracas construído a partir da resistência do campesinato⁵ diante do poder dos fazendeiros da Região do Bico do Papagaio. O autor cita que as mulheres quebradeiras de coco babaçu tiveram que lutar para ter acesso aos babaçuais e para evidenciar a importância do babaçu como gerador de renda para a comunidade. Na visão de Ferraz (1998), a memória dessas mulheres que quebram coco babaçu foram construídas a partir das vivências dentro do lugar onde estão.

Silva (2017) corrobora com o debate ao abordar a construção do lugar e da paisagem dos narradores na sua pesquisa, enfatiza os modos de viver dos sertanejos, exatamente pela interligação com o lugar onde construíram seus sentimentos de pertencimento, de afetividade e de construção, dando a este um significado por meio da relação com a terra, com os rios, com a própria maneira de ver e de sentir o lugar. Essas memórias são acessadas para serem registradas, são histórias de mulheres e de homens que construíram histórias de resistências

⁵ Para Ferraz (1998), o campesinato é composto de famílias cujas atividades econômicas destinavam-se ao autoconsumo, como a formação de roças, criações, a caça e a colheita dos frutos das matas. O campesinato articula-se politicamente e economicamente na reprodução social da vida e na luta pelos seus direitos.

como única possibilidade de arrancar do sertão e dos babaquais a sobrevivência e construir suas territorialidades.

Silva (2017) salienta que a construção dos modos de vida dos sertanejos se dá no dia a dia, ou seja, as práticas culturais, identidades e narrativas foram e são elaboradas na labuta diária, pois é na prática e na vivência que vão se construindo os sentimentos de pertencimento e de afetividade pelo lugar, em que também vão se consolidando os modos de viver de uma comunidade, dando a esta e a todos que fazem parte dela os modos de viver que pautarão o viver coletivo.

Do mesmo modo, Brito (2019) defende que “Não existe babaçu livre em terra presa”, título de sua dissertação de mestrado. Sua inquietação a faz estudar e apresentar as estratégias utilizadas, a autonomia e a resistência das mulheres quebradeiras de coco nos babaquais onde estão inseridas. Compreendemos como os babaquais foram e são ainda as principais fontes de geração de renda para as quebradeiras de coco babaçu. A autora cita a organização das quebradeiras de coco em defesa do território e da manutenção dos modos de viver, como o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), a importância para as mulheres nas ações jurídicas, na construção das pautas de reivindicação diante dos Governos Federais, Estaduais e Municipais, na organização do movimento afim de ter acesso ao babaçu mesmo com a forte presença dos fazendeiros da região. Sobre esses conflitos entre os fazendeiros e as quebradeiras de coco nos babaquais, Brito (2019, p. 37) relata que:

[...] as quebradeiras para exercerem sua atividade agroextrativa encontram dificuldades, pois as áreas de babaquais foram limitadas pelos fazendeiros, que se consideram donos de terras, causando prejuízo a elas na coleta do coco (BRITO, 2019, p. 37).

No estado do Maranhão e na região do Bico do Papagaio no Tocantins ainda percebemos grande dificuldade encontrada para ter acesso ao coco babaçu e aos babaquais. Na baixada maranhense as mulheres ainda lutam em busca do direito de fazer coleta dentro dos babaquais. O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco (MIQCB) ganha importância no sentido de fortalecer lutas e na organização de resistências das quebradeiras de coco babaçu em defesa da memória das quebradeiras, pelo direito de seus modos de viver, pela continuação das narrativas e pelo direito de viver de acordo com as suas culturas.

Cormineiro (2010) mantém que a Região do Bico do papagaio em seu estudo sobre os modos de vida dos sertanejos pobres nos vales do Araguaia e Tocantins. As vozes dos sertanejos pobres dessa região, segundo a autora, também evidenciam que tiveram de construir estratégias de resistências para sobreviver o abandono do Estado. As mulheres e

homens veem no babaçu, no peixe e na mandioca, meios de sobrevivência. A autora pesquisou a região buscando compreender como e porque os sertanejos do antigo Norte de Goiás, atual Tocantins, foram por décadas invisibilizados da história oficial da região. Cormineiro (2010, p. 14) destaca:

Era este meu caminho: procurar compreender e reconstruir os modos de viver dos sertanejos pobres a partir da percepção de que as lutas sociais e culturas são diferenciadas, mas são também parte de um mesmo processo de construção e transformação da vida que faz com que entender o passado ajude a compreender o presente e projetar o futuro (CORMINEIRO, 2010, p. 14).

De acordo com a autora, o processo de construção e de transformação da vida é o que nos proporciona entender o passado, ajudando a entender o presente e projetar o futuro. Percebemos aqui que compreender os modos de viver das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins é também uma forma de compreender o futuro e as possibilidades que a quebração do coco e que esses modos de viver permitem a essas mulheres, mesmo com as adversidades, condições de construir narrativas de fortalecimento de identidade, como agricultoras, para manterem seus modos de viver como traço de suas identidades.

As sertanejas dos Vales dos rios Araguaia e Tocantins tinham na agricultura de subsistência, que aqui eu destaco como meios de existências e nas atividades venatórias, meios utilizados como base de sua alimentação, pois criaram estratégias de caça e de pesca que garantiam a carne em suas refeições. Assim, cotejaremos em pesquisas que buscam/buscam compreender os modos de vida de mulheres que existem e resistem na região Norte do Tocantins, bebendo em fontes de obras que nos ajudarão a compreendê-las através de suas narrativas e memórias.

Caminharemos então, pelos modos de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu, em que a maioria são negras e que até hoje constroem estratégias de resistência aos fazendeiros da região de São Miguel do Tocantins. Essas mulheres continuam a luta para manter seus modos de vida.

O texto em epígrafe retirado do xote das quebradeiras de coco⁶ é uma síntese dos modos de viver e das narrativas interligados à palmeira do babaçu e com tudo que é feito a partir dessa planta, pois é visível a presença dessa árvore no dia a dia dessas mulheres, desde a

⁶ CD *As Encantadeiras: quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam* (Autor da letra da música: João Filho). As encantadeiras: Francisca Rodrigues dos Santos; Francisca Silene Moraes; Iracema V. Félix; Maria das Dores V. Lima; Maria de Jesus F. Bringelo; Maria Nice Machado Aires; Raimunda Nonata Rodrigues; Sebastiana F. Costa e Silva. Violão: Chico Nô. Percussão: Whashington Totó. Sanfona: Pedrinho Vila Nova.

construção de moradias, transitando pela culinária e objetos utilizados em seus afazeres diários.

O babaçu é o elemento central do enredo chamado vida. As quebradeiras de coco desafiam a dureza da vida e os latifundiários, pois seus modos de vida são pautados no coco babaçu. A cultura material que envolve as mulheres e o coco babaçu na região do Bico do Papagaio produz territorialidades.

2.1 A cultura material do coco babaçu

Na Região Norte do estado do Tocantins, conhecida como Bico do Papagaio⁷, é a região que concentra a maioria das palmeiras de babaçu (Figuras 8 e 9), babaçuais em São Miguel do Tocantins e Assentamento Sete Barracas) e onde estão localizadas a maioria das quebradeiras de coco babaçu do estado do Tocantins.

Figura 8: Babaçuais na Comunidade Sete Barracas



Fonte Juscelino L. Santos, setembro, 2020.

Figura 9: Cacho de coco babaçu na palmeira



Fonte: Juscelino L. dos Santos, setembro, 2020.

Conhecer as memórias dessas mulheres e seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) é de certo modo proporcionar o direito de ter seus modos de vida e narrativas registradas. As mulheres quebradeiras de coco babaçu enfrentam até os dias atuais, conflitos com os

⁷ A região do Bico do Papagaio está localizada entre os rios Araguaia, a Oeste, e Tocantins, a Leste; fazendo fronteira entre o Estado do Pará, a Oeste, e Maranhão, a Leste. Seu território é composto por 25 municípios: Aguiarnópolis, Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Palmeiras do Tocantins, Praia Norte, Riachinho, Sampaio, Santa Terezinha do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins e Tocantinópolis. (Fonte: <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/bico-do-papagaio/>).

“proprietários de terras” para permanecerem no trabalho de quebrar coco babaçu, seu meio de sobrevivência e possibilidade de gerar renda para as famílias.

Do coco babaçu se aproveita tudo: as palhas das palmeiras são usadas para cobrir casas (Figura 10), fazer cofos (Figura 11); as cascas do coco babaçu são usadas para fazer carvão (Figura 12), elemento utilizado no preparo da alimentação das famílias, as amêndoas, o “bago⁸ do coco” (Figura 13), utilizado para fazer azeite (Figura 14), no preparo da comida, para fazer sabão (Figura 15) de uso geral nos afazeres domésticos; o leite do coco babaçu pisado no “pilão⁹” (Figura 16), ingrediente principal no preparo da galinha caipira, comida tradicional das quebradeiras de coco.

O azeite do coco babaçu é feito das amêndoas torradas, de onde se extrai o óleo. As amêndoas são colocadas em uma panela grande com o fogo aceso, onde se mexe com um pedaço de pau até que vão ficando pretas e torradas. Em seguida, essas amêndoas são quebradas em pedaços pequenos e pisadas no pilão ou moídas em um moinho pequeno, de onde se tira uma pasta que é colocada novamente em uma panela no fogo até ferver e o azeite subir (flutuar). Após esse processo a panela é retirada do fogo com o azeite ainda fervendo, deixando-o esfriar para, com um copo, ir retirando o azeite da panela e ir armazenando em garrafas.

O sabão de óleo do coco babaçu é feito com a mistura do azeite com soda cáustica em uma vasilha de plástico em que se mexe com um pedaço de pau até ficar pastoso. Conforme a cultura das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, conversar com outras pessoas durante o ritual de fazer o sabão, faz com que o produto não preste ou não sirva para uso depois de pronto. Segundo dizeres na região, se trata de um momento solitário, pois, se no ato da produção do sabão as pessoas falarem com tom de voz alto, o sabão pode ferver e não ficar pronto. Tanto o sabão, quanto o azeite, além de utilizados em casa no dia a dia é vendido na feira da cidade de São Miguel aos domingos.

Abaixo as figuras que representam simbolicamente a cultura das Quebradeiras de coco babaçu e seus artefatos. Como artefatos, Almeida (2017, p. 67) considera “portadores de conhecimentos sobre os próprios povos e comunidades tradicionais em exibição”.

⁸ Amêndoa do coco babaçu.

⁹ Um **pilão** é um utensílio culinário essencial na cozinha africana, com as mesmas funções de um almofariz, ou seja, para moer alimentos, mas de tamanho muito maior. Não deve ser confundida com a peça de ponta arredondada de almofarizes mais pequenos. É normalmente feito de um tronco escavado, geralmente de uma madeira macia, com dimensões que variam entre 30 a 70 cm de altura. Dentro da cavidade, coloca-se o material a moer, que é então batido com um bastão liso de 60 cm a 1,2 m (de acordo com o tamanho do pilão), o qual pode ser de uma madeira mais rija e que tem uma das extremidades arredondada - a *mão do pilão*. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pil%C3%A3o>)

Figura 10: Tradicional casa das quebradeiras de coco babaçu coberta de palha



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Figura 11: Cofa de palha de coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Muitas casas na cidade de São Miguel do Tocantins e Comunidade Sete Barracas ainda são feitas com cobertura de palha da palmeira de coco babaçu (figura 10). O talo (madeira que segura às folhas da palmeira) serve de alicerce na construção das paredes tampadas de barro. O cofa (figura 11) é um acessório muito utilizado em casa para juntar os cocos babaçus e os materiais de que precisam para ir à coleta nos babaçuais.

Figura 12: Carvão de coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Figura 13: Amêndoas de coco babaçu, “bago”



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Das cascas de coco babaçu é feito o carvão (Figura 12). As cascas do coco babaçu são acumuladas e guardadas na medida que as mulheres vão quebrando o coco para juntar os bagos (Figura 13). O carvão é feito em caeiras, que são buracos redondos de

aproximadamente 70 centímetros de profundidade cavados no chão onde o fogo é aceso dentro do buraco e todas as cascas colocadas dentro. Depois de queimadas as cascas, a água é jogada por cima para apagar as labaredas do fogo e em seguida é o momento de colocar as palhas de bananeiras cortadas e cobrir com a terra que foi tirada de dentro do buraco.

No dia seguinte, a quebradeira retira a terra, as palhas de bananeiras e o carvão com a mão, de dentro do buraco, colocando-o em um saco grande. Esse é carvão utilizado todos os dias e também é vendido na feira local como uma maneira de gerar renda para elas.

Figura 14: Azeite da amêndoa do coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Figura 15: Sabão de azeite de coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Figura 16: Pilão de pisar amêndoa de coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Coletar coco babaçu nos babaçuais tem ocasionado conflitos entre as mulheres quebradeiras de coco babaçu e os donos das terras onde se encontram as palmeiras, pois para sustentar a casa e os filhos necessitam desse trabalho e, conseqüentemente permanecem na luta por seus territórios. Nesses territórios vai se formando culturas, identidades vão surgindo e modos de viver das mulheres que foram e são parte daquele lugar. As quebradeiras de coco babaçu têm a partir de sua ação de quebrar coco, uma maneira de afirmar sua condição de Ser em seu território com seus instrumentos de trabalho, o “cofo, o machado e o macete” (Figuras 17 e 18).

Figura 17: Machado, macete e cofo

Fonte: Juscelino L. dos Santos,
Setembro, 2020.

Figura 18: Mulher quebradeira de coco babaçu

Fonte: Juscelino L. dos Santos,
Setembro, 2020.

Além desses elementos que podem ser aproveitados da palmeira do babaçu e do fruto que é gerado, o gongo¹⁰ (Figura 19) é também é uma iguaria.

Figura 19: Gongo



Fonte: Juscelino L. dos Santos,
Setembro, 2020.

Assim, cada vez que a quebradeira de coco levanta seu braço, não é só um braço que se levanta, mas é a sua história sendo escrita a cada coco que se parte, é uma maneira da quebradeira dizer sem ser dito, que estar ali, esse é seu território, pedaço de sua história. Existe nesse momento a representação de uma cultura que surgiu através de uma forma de resistir das mulheres da região de São Miguel do Tocantins. A “labuta” diária das

¹⁰ É uma larva que se desenvolve dentro da amêndoa do coco babaçu e é comestível frito no azeite como farofa ou natural.

quebradeiras de coco, em certa medida, ao saírem de suas casas para o mato e encherem seus cofos de amêndoas de coco, inundam sua alma de esperança e constroem suas próprias narrativas. As identidades vão se construindo pelo lugar, pelo espaço, no qual estão inseridas, por suas culturas e, ainda, pelas manifestações de suas lutas, alimentadas pelas memórias daquelas que as antecederam.

As identidades e culturas de mulheres negras e quebradeiras de coco resistem à dominação do heteropatriarcado (especificamente os fazendeiros da região que muitas vezes as impedem de entrar nas fazendas para coletar o coco babaçu) na cidade de São Miguel do Tocantins. Esses atores, em uma posição de hierarquia distanciam-se de situações e lugares socialmente definidos. A identidade de quebradeira de coco muitas vezes é percebida como um sujeito desviante, pertencente a uma subcultura¹¹.

Por pertencerem a uma classe de trabalhadoras rurais, as quebradeiras de coco são vistas como trabalhadoras com poucas habilidades e/ou competências para dinamizar a economia do lugar onde estão inseridas, é um trabalho que precisa de mais visibilidade, porém ainda vivem reprimidas e impedidas de colher o coco nas fazendas.

Para as comunidades tradicionais o território é algo que transcende o físico (HAESBAERT, 2006a). O território de São Miguel do Tocantins e a comunidade Sete Barracas já são percebidos como um espaço de laços de identidade social, dominado por grupos que fortalecem as desigualdades sociais. Isso pode ser percebido nas lutas das mulheres quebradeiras de coco babaçu em razão de sua atividade de quebrar coco em espaços de conflitos com fazendeiros. Em relação a esse espaço de dominação física e identidade social, Haesberth (2006a, p. 121) afirma que:

Assim, associar ao controle físico ou à dominação “objetiva” do espaço uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social. Simplificadamente podemos dizer que, enquanto a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que, por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor. (HAESBAERT, 2006a, p. 121).

¹¹ As subculturas correspondem a subdivisões da cultura dominante que a ela se opõem. Coexistem na mesma sociedade ainda que em oposição. Na sociedade moderna existem diversas subculturas. [...] Daqui deriva que seja por vezes complicado distinguir uma subcultura de uma manifestação que se afaste dos parâmetros da classe dominante. Ou seja, ao falar em subcultura corre-se o risco de se estar a adotar um ponto de vista minado por preconceitos de classe. Por outro lado, o conceito de subcultura supõe que seja possível identificar com clareza a cultura dominante. Ora, a fragmentação das sociedades atuais torna difícil essa identificação. ([https://www.infopedia.pt/\\$subcultura](https://www.infopedia.pt/$subcultura))

Para Haesbaert (2006a, p.121), o fortalecimento das desigualdades pode ser visto como uma consequência da dominação de fazendeiros nos lugares em que há atividades de quebrar coco em São Miguel do Tocantins. O acesso às memórias e narrativas das quebradeiras de coco babaçu nos permite a compreensão desses modos de viver, da construção de identidades através da quebra do coco babaçu, as culturas que surgem a partir dos modos de vida das mulheres.

Assim, “A memória, nesse sentido particular, é caracterizada inicialmente como afecção (*pathos*), o que a distingue precisamente da recordação” (RICOEUR, 2007, p. 35), pois no caso das quebradeiras de coco não se trata de uma recordação, mas de uma memória herdada por aquelas que as antecederam, que é alimentada pelo grupo em que se sentem pertencer.

Compreendemos a memória das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins como fonte ou vestígio das muitas lutas dessas mulheres pelo direito de existir e manter suas tradições e modos de viver de acordo com suas dinâmicas. A memória é fonte importante na manutenção dos modos coletivos dessas mulheres.

Bosi (1983, p. 330) argumenta que a memória permite acessar imagens remotas: “Mas, daria a memória coletiva conta da explicação de todos os fatos de memória, [...] que chamamos a lembrança individual? É o caso das imagens remotas, talvez da mais antiga que consigamos evocar” (BOSI, 1983, p. 330).

A memória coletiva é a afirmação desse grupo de mulheres, nossas interlocutoras da cidade de São Miguel do Tocantins, é uma forma de resistência e de manifestação de seus modos de viver, pois através das memórias são repassadas às futuras gerações, os modos de viver do grupo. A memória é guardiã das narrativas das interlocutoras, pois nesse grupo específico das quebradeiras de coco, a oralidade é uma das maneiras de registrar as lutas a partir do território ocupado, assim como, na produção de territorialidades. Ou seja, as narrativas são um dos caminhos possíveis para conhecer e reconhecer as histórias, como afirma Ricouer (1994, p. 85) “que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulada de um modo narrativo, que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.”

As narrativas das mulheres foram a principal fonte desta pesquisa, pois compreendermos que as narrativas e as memórias são a única fonte confiável para se conhecer tais modos de viver. Na construção da tessitura do texto, a metodologia de história oral tem a capacidade de resgate dessas histórias na historiografia oficial da região, pois dá conta de fazer releituras e acessar memórias das quebradeiras de coco babaçu que precisam ser

registradas. Esses discursos nos direcionam ao conhecimento sobre os modos de viver das quebradeiras de coco. Ricoeur (1994) ressalta a força das narrativas:

Qual é então a relação da compreensão narrativa com a compreensão prática tal como acabamos de organizar? A resposta a essa questão comanda a relação que pode ser estabelecida entre teoria narrativa e teoria da ação, no sentido dado a esse termo na filosofia analítica [...]. Essa relação, a meu ver, é dupla. É ao mesmo tempo uma relação de pressuposição e uma relação de transformação (RICOEUR, 1994, p. 90).

Em relação à questão da sua reprodução social por meio do trabalho, as interlocutoras, para manterem sua existência se dedicaram a transformar o babaçu em artefatos utilizados no dia a dia em diversas utilidades, por exemplo, bijuteiras, caneteiros, chaveiros, além dos usos já mencionados neste texto. As quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins usam/usaram a criatividade para inovar nos usos do babaçu e a partir dessa necessidade, agregar valor. Vejamos a seguir:

Figura 20: Colar de sementes silvestres com detalhe de coco babaçu em corte contrário.



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Outubro, 2020.

Figura 21: Colar de sementes silvestres e sementes de buriti.



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Outubro, 2020.

Figura 22: Cesta decorativa de cipó encontrado na mata e coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Outubro, 2020.

Figura 23: Porta-canetas feito de coco babaçu



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Outubro, 2020.

O pingente do colar (figura 20) e o caneteiro (figura 23) são produtos criados a partir do corte do coco babaçu no sentido contrário. A valorização dos produtos, além de aumentar a renda, a confiança e a autoestima das mulheres, cresce permitindo-as serem protagonistas de suas próprias histórias de vida.

A quebradeira de coco babaçu Raimunda Nonata (2020), uma de nossas interlocutoras, nos disse com orgulho ter sido ela a primeira pessoa que cortou um babaçu no sentido contrário para fazer um colar, e um brinco em São Miguel do Tocantins. Sua iniciativa de pensar outros modos de uso para o babaçu potencializou ainda mais a valorização do babaçu, ajudando a manter, a consolidação de suas identidades de quebradeiras de coco e, principalmente buscar caminhos para continuar vivendo do babaçu.

Essas mulheres estão sempre em movimento, criando e recriando possibilidades de ressignificar suas próprias vidas. O corte contrário do babaçu daria início a uma nova fase da diáspora¹² das quebradeiras de coco dentro dos babaçuais, uma nova possibilidade, a produção de peças únicas.

¹² A diáspora é um fenômeno/acontecimento histórico que transportou forçosamente indivíduos africanos para outros países para trabalharem (Diáspora Africana). Nesse caso, queremos dizer que as quebradeiras de coco babaçu, tiveram em seu caminho, muitas vezes forçado pela necessidade, um novo momento dentro de suas resistências, isto é, a utilização de múltiplas maneiras de uso do babaçu, permitindo as quebradeiras possibilidade de geração de renda e agregar valor ao babaçu.

2.2 Trabalho e geração de renda

As quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins sempre tiveram que buscar suas próprias estratégias para manterem suas tradições, suas memórias, suas identidades e histórias vivas. A memória “gira em torno da relação passado-presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas” (THOMPSON, 1997, p.57).

As narrativas das mulheres trazem suas visões sobre o próprio trabalho. Como as quebradeiras de coco veem a importância do coco babaçu na construção de suas histórias, a contribuição do seu ofício para o sustento de suas famílias. Analisamos então o que dizem a partir do lugar onde vivem. Vejamos o que diz Dona Maria Laurindo:

A Quebra de coco representou tudo na minha vida, que eu criei todos os meus filhos quebrando coco. Comprava arroz, carne, café, açúcar, tudo que uma casa precisa. Eu fazia tudo com a quebra do coco, quebrando coco. Nessa data eu quebrava dez quilos, doze quilos. Botava adjunto de vinte muié, quebrava dois, três sacos de coco, quem comprava, nessa data, nosso coco era um homem chamado Santana. Adjunto era assim: a gente juntava aqueles coco um mês, juntano, só juntano né? Aí, quando ele tava já largando [a amêndoa soltando da casca do coco], a gente juntava dez, quinze muié e botava pra quebrar aquele coco de adjunto da gente. A gente trocava dia, eu quebrava pras outras, pras pessoas. Assim, uma comparação: eu quebrava um dia pra ela, se eu quebrasse dez quilos, ela tinha de quebrar dez quilos pra mim. Sobre isso é que a gente botava esse adjuntão, dava pra quebrar esse coco tudo de uma vez, dois sacos, três sacos. Aí, o comprador ia buscar lá no mato o coco. (Dona Maria Laurindo dos Santos, 19/07/2019).

A narrativa de Maria Laurindo dos Santos (2019) manifesta a importância do coco babaçu na sua história, na criação dos filhos, da importância da contribuição da mulher para o sustento da casa, nos revela também que há uma organização de mulheres para ajudar umas às outras, significando que o trabalho da quebradeira acontece em conjunto e no ato da quebra de coco existe uma troca de informação.

O “adjunto”¹³, por exemplo, é uma troca, uma organização que demonstra a necessidade de realizar o trabalho de forma dinâmica. Brito (2019, p. 32) comenta sobre a importância do babaçu para as mulheres quando diz: “às mulheres, cabe o trabalho de coletar os cocos aos pés do babaçu, ou mesmo retirá-los das palmeiras”, isto é, há uma cultura marcadamente feminina, transmitida por muitas gerações de mulheres.

A fala de Dona Maria Laurindo dos Santos mostra a gratidão ao coco babaçu, fruto da palmeira dos babaçuais de São Miguel do Tocantins, por ter sido esse, apesar das dificuldades

¹³ Um mutirão de mulheres que quebram o coco umas para as outras.

e escassez de recursos, um produto que ajudou na criação de seus filhos. Dizer que o babaçu é tudo é uma fala comum entre as quebradeiras de coco. Dona Maria Laurindo é uma entre muitas que utilizava o coco babaçu como gerador de renda para si e para os seus filhos. Ao dizer sobre o coco “foi tudo pra mim”, percebemos que essa era a única possibilidade de gerar renda, de se auto afirmar como mulher capaz de prover recursos mínimos para arcar com as despesas da família.

As dificuldades econômicas a remete à precariedade de condições financeiras. O silêncio imposto pelos fazendeiros da região às mulheres vai sendo quebrado porque elas redescobrem todos os dias a força do seu ofício como elemento de geração de renda e de prestígio dentro do seu próprio território. Ou seja, sendo parte do sustento para as mulheres de São Miguel do Tocantins, nossas interlocutoras conseguiam alimentos para seus filhos.

Muitas das vezes as amêndoas eram trocadas no comércio por um quilo de açúcar, um pacote de café, um pacote de arroz. Assim, como todos os outros produtos ofertados pela palmeira do babaçu utilizados pelas quebradeiras para produzir algum tipo de comercialização, ou troca por objetos para que pudesse gerar o sustento necessário para as suas famílias.

O trabalho de quebrar coco babaçu em São Miguel e Sete Barracas, nas palavras de dona Maria Laurindo, mostra uma identidade em construção e intimamente ligada à classe social que pertencem essas mulheres - à classe de trabalhadora rural, de quebradeira de coco, de mulher que passou por dificuldades na vida, que muitas vezes não conseguiu fazer mudanças em relação à vida dos filhos.

Os modos de viver das quebradeiras de coco está ligado ao próprio território e às estratégias de trabalho utilizadas pelas quebradeiras de coco naquele lugar. O “adjunto”, por exemplo, é um dos meios criados por elas para tornar mais rápida a quebra do coco, aproveitando o máximo possível do coco babaçu.

Compreendemos por meio das memórias de dona Maria Laurindo que para esse grupo de mulheres, a maioria negras e não alfabetizadas, o coco babaçu foi e é um dos poucos caminhos possíveis de geração de renda de um grupo que também enfrenta o preconceito racial. A cor da pele diz muito sobre as possibilidades de um sujeito, pois como diz Ângela Davis em seu livro *Mulheres, raça e classe*, “a classe informa a raça e raça informa a classe” (DAVIS, 2016, p.12).

Dona Maria José, uma de nossas entrevistadas, é a narradora que nos reafirma a vida de mulheres quebradeiras de coco babaçu no território de São Miguel do Tocantins, mulher trabalhadora rural aguerrida do Norte do Tocantins, carregada de desafios vividos em relação

ao extrativismo da colheita e da quebra do coco babaçu. Esse imaginário é construído histórica e geograficamente sobre a microrregião do Bico do Papagaio. Essas representações sobre o espaço são parte integrantes das relações sociais, diz Haesbert (2006a, p. 42):

Somos levados, mais uma vez, a buscar superar a dicotomia material/ideal, o território envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial, material das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o “imaginário geográfico” que não apenas move como integra ou é parte indissociável destas relações. (HAESBERT, 2006a, p. 42).

Para este autor, as relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço surgem quando os sujeitos constroem sobre esse espaço seu lugar e dão a esses territórios uma carga de significados. Dona Maria José (2019), em sua narrativa, nos diz que “vivia na roça”, observamos que há uma ligação ao território ocupado por ela e ao lugar que proporciona o sustento da família.

Portanto, para as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, os modos de viver estão ligados à maneira como vivem e experienciam suas práticas sociais, as culturas, como a quebração do coco babaçu que ganha importância no sustento das famílias. As mulheres quebradeiras de coco babaçu têm, de certo modo, a vida marcada por sua construção social, por lutas para se manterem no lugar ou território em que estão, nos quais uma das formas é gerar renda para sustentar a casa e a família. Haesbert (2006b, p.133) destaca os tipos de desterritorialização:

Deleuze e Guattari mostram a intrincada inter-relação entre todos estes tipos de desterritorialização, cada um podendo desembocar no outro, na forma ou de simples conjugações, ou, mas enfaticamente, de conexões. Criação e destruição, contudo, são fundamentais para entender os sentidos positivos e negativos que podem decorrer da desterritorialização absoluta (HAESBERT, 2006b, p. 133).

Assim, compreendermos que as quebradeiras de coco, em certa medida, estão cada vez mais se desterritorializando e se reterritorializando dentro do território onde vivem numa tentativa de manterem seus trabalhos e continuarem suas vidas no ofício de quebrar coco, reafirmando a todo tempo suas identidades construídas através das práticas culturais desenvolvidas por elas em muitos anos. Estes são de alguma maneira, os modos de viver, que em São Miguel do Tocantins, por muitas décadas e até hoje, conduzem a força das mulheres que lutam para resistir à dureza da vida com os usos dos seus instrumentos de trabalhos, o machado, macete (Figura 10) e da força de seus braços no dia a dia na quebra do coco babaçu.

A forma de trabalhar afirma as culturas que vêm sendo conservadas por elas, pelos povos tradicionais. O coco babaçu teve e ainda hoje tem papel principal na vida de muitas

famílias que ainda vê na palmeira do babaçu oportunidade de se alimentar, vestir e calçar, já que as desigualdades sempre acompanharam essas comunidades.

Outra maneira de afirmação de suas culturas é cantar no dia a dia no trabalho. As lutas e resistências das quebradeiras de coco babaçu têm a ver com a coragem, com a luta diária para continuar o trabalho e ter renda que ajude no sustento da casa. A música é uma maneira de mostrar as utilidades das palmeiras de babaçu para as pessoas, além de serem cantos de trabalho, é um grito de resistência para que as palmeiras sejam preservadas na comunidade, porque disso depende a vida de muitas famílias em São Miguel do Tocantins e Sete Barracas.

Cantam representando a realidade local das mulheres que quebram coco babaçu de modo a motivar a esperança das mulheres que vivem da palmeira do babaçu. A dureza da vida, as lutas, a coragem, o medo, a resistência no momento de trabalho tematizam as letras das músicas do CD “As encantadeiras”¹⁴ e figuras como: coco; palmeira; casa; óleo; comida; leite de coco; mulheres; casca; quibane; palha; cercado; feijão; capão; massa; povo; chapéu; Santa Maria; concretizam esses temas vividos por elas em suas vidas e onde moram. Vejamos a letra da canção *Xote das quebradeiras de coco*:

XOTE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Ei! Não derruba esta palmeira
 Ei! Não devora os palmerais.
 Tu já sabes que não pode derrubar,
 precisamos preservar as riquezas naturais.
 O coco é para nós grande riqueza,
 é obra da natureza, ninguém vai dizer que não.
 Por que da palha só se faz casa pra morar
 Já é meio de ajudar a maior população.
 Se faz óleo pra temperar a comida,
 é um dos meios de vida pros fracos de condição
 Reconhecemos o valor que o coco tem,
 a casca serve também pra fazer o carvão.
 Com óleo de coco, as mulheres caprichosas
 fazem comidas gostosas de uma boa estimação
 Merece tanto seu valor classificado que,
 com óleo apurado, se faz o melhor sabão.
 Palha de coco serve pra fazer chapéu,
 da madeira faz papel ainda aduba o nosso chão
 Talo de coco também é aproveitado,
 faz quibane, faz cercado pra poder plantar feijão
 A massa serve pra alimentar o povo.

¹⁴ É o nome do CD gravado pelas Quebradeiras de coco babaçu com a participação de mulheres quebradeiras de coco do Tocantins, Maranhão e Piauí.

Tá pouco o valor do coco, precisa dar atenção
 Para os pobres, este coco é meio da vida
 Pisa no coco, Margarida! E bota leite no capão
 Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!
 Seja um pouco mais corajosa, segura na minha mão
 Lutemos juntas com coragem e com amor
 Pra o governo dar valor a esta nossa profissão
 Santa Maria é a nossa companheira
 Grande força verdadeira que protege esta nação
 Que fortalece a nossa luta pouco a pouco
 E a mulher que quebra o coco pede a sua proteção

As diversas utilidades da palmeira e do coco babaçu determinam os modos de viver dessas mulheres. A música retrata o dia a dia das quebradeiras que precisam do coco babaçu para trabalhar e ter renda. “Para os pobres, este coco é meio de vida” é um verso que traduz a importância dada ao babaçu para as mulheres que vivem dele (coco babaçu). É uma reivindicação, uma denúncia aos órgãos competentes da necessidade e da urgência da preservação das palmeiras de babaçu, pois os babaçuais estão cada dia mais distantes das comunidades (Figuras 24 e 25).

Figura 24: Floresta de babaçu preservada



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro de 2020.

Figura 25: Floresta de babaçu devastada



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Setembro, 2020.

Nisso podemos perceber a marcação de território, o fortalecimento das identidades das quebradeiras de coco e, acima de tudo, além de uma situação relacionada aos empresários do agronegócio, os fazendeiros que são os principais responsáveis pela devastação e derrubada das palmeiras para plantação de pastos e criação de gado, fato posteriormente compreendido por uma das protagonistas do Movimento pelo direito das quebradeiras de coco babaçu, dona Raimunda Gomes da Silva, conhecida como Raimunda a Quebradeira de Coco que diz: “de

certo tempo pra cá é que eu vim entender o que é que as músicas falam e de quem é que elas estão falando”¹⁵.

A fala de dona Raimunda representa exatamente o reconhecimento de algo até então não percebido por ela (Raimunda Quebradeira de coco) nas músicas cd “As encantadeiras”. Isto é, cantar a realidade das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins é de certo modo denunciar as destruições das palmeiras e a devastação dos territórios pelos fazendeiros e empresários do agronegócio que provoca destruições a fim de criar pastagens para o gado e, plantações de eucalipto e soja. É uma atividade exercida principalmente por mulheres, como reforça a Revista *O Chamado do Babaçu* (2003, p. 6):

A quebra do coco babaçu é uma atividade tradicionalmente destinada às mulheres. Desde meninas, elas acompanham suas mães e avós aos babaçuais. Coletam os frutos desprendidos das palmeiras, enchem os cestos e os levam aos pontos de quebra do coco. Em grupos, sentam-se no chão para e, com o fio do machado voltado para cima, batem o macete no coco até soltar as amêndoas. (REVISTA *O CHAMADO DO BABAÇU*, 2003, p. 6).

Observando o que diz a Revista *O chamado do babaçu*, nesse caso, desde meninas, ao acompanharem as mães e avós aos babaçuais, a quebra do coco babaçu para esse grupo específico de mulheres é uma prática cultural, um ofício, um trabalho, uma experiência que vão aprendendo desde cedo, pois a quebra do coco babaçu é uma possibilidade de sobreviver, um trabalho de onde poderão gerar renda. Assimilam as práticas culturais das matriarcas da família e do grupo familiar. Isso se confirma nos estudos de Silva (2017, p. 57):

As memórias do tempo da infância nos mostram como são construídas as relações dos homens com o espaço e o modo como esse é transformado em território a partir das experiências que tiveram sobre ele. Na vivência com os adultos, meninos e meninas, aprendem a realidade da vida e constrói a partir de si e dessa interação com o mundo adulto moldando a partir daí a maneira que vão perceber a realidade (SILVA, 2017, p. 57).

Compreendemos, desse modo, que a infância, através das relações construídas com os adultos em seu espaço de convivência, é capaz de desenvolver aprendizados nos meninos e meninas na lida diária com a quebra do coco babaçu, como uma herança cultural. Aprendem a trabalhar com tudo que as palmeiras são capazes de ofertar, como ressalta a revista *O chamado do babaçu* (2003, p. 6), “Em suas mãos, as amêndoas se transformam em óleo, leite

¹⁵ DOCUMENTÁRIO: RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA. Produção de Public Propaganda e Marketing. Coprodução da Fundação Padre Anchieta TV Cultura, Rede Sat/TV Palmas-TO. Edição II DOC TV. Cineasta: Marcelo Silva. Coordenação Louislene de Jesus P. Souza. Palmas: Public Propaganda e Marketing, 2007. DVD (51 min. e 55 seg.), son., color.

e sabão. A casca vira carvão e é usada nos fogareiros”¹⁶. Desde cedo, o babaçu faz parte da vida dessas mulheres. Observamos que há cooperação entre elas. Isso se confirma em Silva Neto (2010, p. 8443) quando diz que:

A cooperação entre as quebradeiras de um mesmo povoado na coleta e quebra do babaçu é frequentemente lembrada como uma das principais características do trabalho no coco, ainda que seja bastante comum perceber quebradeiras realizando suas atividades isoladamente, no mato ou nos quintais de suas casas. (SILVA NETO, 2010, p. 8443).

O autor afirma que a cooperação entre as quebradeiras de coco babaçu. São elos que costumam, de certa forma, os modos de vida das quebradeiras de coco. Essas mulheres buscam no trabalho conjunto, fortalecer suas culturas e identidades. São nessas formas de organizações que as narrativas das quebradeiras ganham força, pois é através da oralidade que conseguem levar em frente as histórias de luta e de resistência em volta dos montes de coco, em círculo, onde rememoram histórias, trazendo as vozes do passado para fortalecer lutas atuais.

As identidades estão interligadas ao lugar, aos modos de viver e às práticas sociais. Estão travestidas de narrativas que garantem através da oralidade a visibilidade no tempo e as múltiplas territorialidades que vão construindo ao longo das suas diásporas. Sobre a dimensão cultural, Haesbert (2006b, p. 229) sustenta que:

Discutida a relevância de tratarmos o território e a desterritorialização a partir de uma dimensão cultural, entendida como cultura política, podemos propor um tratamento da des-territorialização a partir dos diferentes níveis de interação cultural que ela envolve. Assim, teríamos territórios culturalmente mais fechados-cujos grupos poderiam ser vistos, ao mesmo tempo, como territorializados (internamente) e desterritorializantes (na relação com grupos de outros territórios, deles excluídos), e territórios culturalmente mais híbridos, no sentido de permitirem/facilitarem o diálogo intercultural, quem sabe até possibilitando a emergência de novas formas, múltiplas, de identificação cultural. (HAESBERT, 2006b, p. 229).

Nesse viés, para as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e Sete Barracas, o território dos babaçuais sempre foi uma possibilidade de sobrevivências e dão sentido e sustentação aos modos de vida aos quais as quebradeiras estão inseridas. A sobrevivência e as identidades estão ligadas à cultura de seus modos de viver, evidenciados na narrativa de Dona Maria José:

Eu era casada, vivia com meu marido trabalhando na roça, quebrando coco, fazendo caeira, prantando roça de mi, arroz, fava, batata doce. Eu pari doze filhos, tudo de

¹⁶ Fogão feito de barro, onde as quebradeiras utilizam o carvão feito da casca de coco babaçu para cozinhar seus alimentos que são consumidos pela sua família. Haja vista que, o gás para essas quebradeiras de Coco Babaçu até nos dias atuais gás é artigo de luxo.

parto normal e em casa mermo. Quem pegava meus meninos era uma parteira. Mas aí um dia meu marido morreu, ele adoeceu, levei ele para o hospital de Imperatriz-Maranhão, mas Deus levou ele. Eu ainda fiquei prenha de sete meses, fiquei triste desesperada: como eu, ia criar meus filhos sem a ajuda do meu marido e ainda prenha? Pari esse último no hospital, mas a criança nasceu morta, Deus levou, Deus sabe o que faz, né!? Voltei pra casa e fui trabalhar. A quebra de coco babaçu foi tudo pra mim, foi meu marido, foi minha mãe, foi meu pai, foi tudo, tudo, tudo mermo. Eu passava o dia no mato com o meu monte de menino quebrando coco, quando tava quebrando esse coco eu enchia uma cuia de gongo, levava para casa pra comer, e fazendo caeira e os meninos enchia as caeiras de coco e eu quebrando coco pra comprar arroz, farinha e feijão e carne pra eles. Sofri muito, muito, muito mermo porque demorei muito tempo pra me aposentar por viúva mais de cinco anos. Assim, a quebra do coco pra mim foi minha valença (Dona Maria José, 20/07/2019).

As memórias de dona Maria José (2019) nos revelam que o babaçual representou/representa a única fonte de renda desse grupo, foi/é ainda hoje o coco babaçu o principal elemento que permitia/permite que a comida chegue/chegasse nas casas dessas mulheres da cidade de São Miguel do Tocantins. Percebemos, também, o sentimento de gratidão ao coco babaçu, quando diz que a quebra do coco foi sua “valença”¹⁷, deixando explícito que existem muitas possibilidades em relação ao uso do coco babaçu, tais como: usar as cascas para fazer carvão, pois ela usava e ainda usa para cozinhar; para vender na cidade e, com isso, conseguir algum dinheiro; fazer sabão para lavar as roupas; os gongos como alimento, para comer frito com farofa ou assado no espeto.

Nesse caso, a narrativa de dona Maria José (2019) relata vários sentimentos reveladores. A angústia, o medo, a força e a resiliência de encarar a dureza da vida com as poucas possibilidades que tinha. A força da cultura é a todo momento acionada, quando nos revela como e qual caminho percorreu para conseguir criar seus doze filhos sem a figura paterna.

A memória é construída através de várias outras memórias e identidades, a memória coletiva do grupo social em que se sente pertencer. Dizia ela durante a entrevista: “Vivia trabalhando na roça com meu marido e meus doze filhos”. Ela evoca a memória familiar do grupo, uma memória coletiva construída por muitas vozes. Sobre memória, Pollak (1992, p. 2) afirma que:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva. Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992, p. 2).

¹⁷ Assemelha-se ao significado da palavra “sorte”.

A forma como dona Maria José (2019) relata o dia a dia mostra que vivia uma vida dentro do padrão da coletividade dos sujeitos que habitavam/habitam o território da cidade de São Miguel do Tocantins. Os acontecimentos pessoais como a perda do marido, demonstra a força da mulher que viu na quebração de coco babaçu um meio para dar conta de criar seus filhos.

Sua identidade é quase uma extensão do território, uma ligação com a terra e com o que a terra conseguia/consegue produzir. Hall (2006, p. 11) aponta que “[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Desse modo, as identidades, culturas e modos de viver das quebradeiras de coco babaçu são formados a partir de suas experiências sociais impostas pela dinâmica da própria construção do território onde mora, das experiências vividas e sentidas no decorrer da sua construção social.

2.3 A quebra do coco babaçu como herança cultural

Percebemos na narrativa de dona Maria José (2019), que o trabalho de quebrar coco vai sendo herdado pelas crianças desde cedo, pois as mulheres ensinam aos filhos e filhas a importância da palmeira do babaçu e os levam para o local de trabalho. As experiências são acompanhadas pelas crianças no dia a dia, na observação dos trabalhos, nas conversas, nas histórias, nas músicas cantadas etc. A força das trabalhadoras rurais que vivem da quebra do coco babaçu é acompanhada pela existência de um poder cultural referente às palmeiras, aos cocos e à terra, pois esses elementos transmitem esperança de se manterem de pé diante dos infortúnios da vida. Os modos de viver são moldados pelos acontecimentos inesperados, forçando esses corpos a se adaptarem sem perder suas identidades de quebradeiras de coco babaçu.

A partir do que narra dona Maria José sobre a quebração do coco por várias gerações, compreendemos que a tradição de quebrar coco no território de São Miguel do Tocantins é passada de geração a geração, pois afirma que sua mãe era quebradeira de coco e que ela começou a quebrar coco ainda com cinco anos de idade para ajudar no sustento da casa e comprar as próprias roupas, mostrando, dessa forma, a existência de uma tradição, de um modo de viver nas famílias.

Hall (2003, p. 248) cita que a tradição popular é constituída por um dos principais locais de resistência às maneiras de “reforma” do povo:

É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida, e o motivo por seu “tradicionalismo” tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de um impulso meramente conservador, retrógrado e anacrônico (HALL, 2003, p. 248).

Nesse viés, Dona Maria José (2019) é membra de uma família de quebradeiras de coco, reafirmando a tradição e os modos de vida daquelas que as antecederam. É uma manifestação de práticas construídas e repassadas por muitas gerações de mulheres desse lugar, é um trabalho repassado e apreendido desde muito cedo por quem não têm acesso aos diversos letramentos e, mesmo assim, com toda a evolução industrial, essas trabalhadoras continuam exercendo a herança cultural como possibilidade de afirmação como mulheres produtoras de renda, formadoras de novos modos de viver, reafirmando a todo tempo identidades de campesinato e de culturas dos povos pretos.

São guardiãs de costumes dos povos tradicionais, afirmam humanidades e lutam pela diversidade de modos de viver e de ser humano. A conexão de histórias com o presente e com o passado pode ser compreendida no que diz Hall (2006, p. 51):

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagem que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”. (HALL, 2006, p.51).

As culturas são elementos que definem as características de um território, de um povo, de um grupo social e as memórias são como um cordão umbilical entre passado e presente, construído através de várias gerações. Yu Fu Tuan, citado por Rogério Haesbert (2006a, p. 139) aponta o caráter da estabilidade relativa dos lugares:

Se pensarmos no espaço como que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (1983, p. 6). O lugar é um espaço dotado de valor, “um mundo de significado organizado” (p. 198), cujo sentido não seria desenvolvido se víssemos o mundo em constante mutação. (HAESBERT, 2006a, p.139).

O mundo de significado organizado (HAESBERT, 2006a, p. 138-139) é como se fossem as identidades das quebradeiras de coco babaçu, que se organizam e se constroem. Os modos de vida partem da construção própria do lugar, das crenças religiosas e das culturas que são elementos da natureza e da paisagem do território da qual elas são/fazem parte. As

histórias nos revelam sensações e revoltas nas memórias dessas mulheres nesse grupo de trabalhadoras rurais, como podemos perceber na voz de dona Maria de Lurdes (2019):

Sou neta de uma quebradeira de coco, filha de uma quebradeira de coco, sou quebradeira de coco, mas só sou quebradeira de coco porque a pobreza me obrigou, a gente era muito pobre, pobre, pobre mermo. Na casa da gente não tinha nada, comecei a quebrar coco com sete anos de idade, quase não aguentava levantar o macete pra partir os cocos. Carregava só meio cofo de coco, pois num aguentava encher o cofo cheio de coco, não. É muito triste, triste, triste mesmo fazer uma coisa que não dá gosto, nun sabe? Se eu tivesse tido a oportunidade, eu queria era trabalhar em qualquer coisa, menos quebrando coco. Mas Deus quis que fosse assim, né!? Eu quebrando coco o dia todo e todo dia. A minha mãe não sabe ler, assina só com o dedão. Mermo assim, ela não me colocou na escola não, num aprendi nada. Pari sete filhos, mas botei todos na escola. Mermo assim, nenhum, nenhum, nenhum, quiseram nada, só a última que conseguiu chegar a fazer o ensino médio e depois fez um negócio de técnico de nutrição. Tenho sessenta anos, quebro coco, mais num gosto não. (Maria de Lurdes, 20/10/2019).

As ponderações de dona Maria de Lurdes nos permitem compreender que a quebração de coco é como uma herança cultural nesse grupo social, um ofício de sacrifícios. Narra que a pobreza a obrigou quebrar coco por não haver outra oportunidade de trabalho, pela escassez de alimento, por ser o único meio de sobrevivência. Nesse contexto, é perceptível a exclusão dessas trabalhadoras dos processos de ensino formal, o que nos faz desvelar as gerações de defenestrados da escola que não têm/tiveram oportunidade de estudar, de ter acesso ao conhecimento valorizado pela sociedade, porque o acesso ao conhecimento possibilita o sujeito ao prestígio social.

Do outro modo, sua fala nos faz perceber a força da ancestralidade quando assume ser neta e filha de uma quebradeira de coco: “sou neta de uma quebradeira de coco, filha de uma quebradeira de coco, sou quebradeira de coco”, reafirma o poder das práticas culturais e dos modos de viver dentro do grupo familiar que, costurada no tempo, não lhe deu a possibilidade de se apropriar de outra profissão. Sobre as sequências temporais, Hall (2006, p.70) acredita que:

a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal, começo-meio-fim: os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferente época cultural tem duas diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo. (HALL, 2006, p.70)

Dona Maria de Lurdes (2019) expõe uma sequência temporal sobre sua vida ao se remeter a memória para relatar que as matriarcas da família foram todas quebradeiras de coco. Isso nos possibilita refletir sobre o papel da representação dos modos de viver das quebradeiras de coco, pois foram várias gerações que viveram desse trabalho, tornando essa

profissão uma herança cultivada pelos membros dentro do grupo, é a naturalização da quebração de coco babaçu como um traço da cultura desse grupo familiar.

Ao narrar sobre sua história de vida, dona Maria de Lurdes (2019), trata dos desafios e marcas que o trabalho de quebrar coco lhe ocasionou. A oralidade que essas mulheres conservam em suas memórias permitem às futuras gerações o conhecimento sobre suas tradições, suas identidades e suas ancestralidades. É necessário ter a noção do que vem a ser territorialidades para compreender as culturas dentro da possibilidade que os territórios proporcionam. Segundo Haesbert (2006b, p. 214-215):

É nesta perspectiva de “cultura política”, ao mesmo tempo material e simbólica, que procuraremos discutir os discursos que enfocam a des-territorialização a partir da sua dimensão cultural. Como já vimos ao abordar as diferentes concepções de território, alguns autores com tendências culturalistas afirmam que a própria feição cultural precede e/ou se impõe sobre a natureza política dos territórios. Não se trata, porém, de substituir uma visão materialista por uma visão idealista dos processos de des-territorialização (HAESBERT, 2006b, p. 214-215).

As diversas territorialidades construídas pelas quebradeiras de coco Babaçu de Sete Barracas e São Miguel do Tocantins são constituídas a partir dos fazeres e saberes nos babaçuais. Dona Maria de Lurdes, por exemplo, se utiliza das histórias orais para registrar suas experiências.

Mulheres como dona Maria de Lurdes (2019) veem na escola um espaço de privilégios. Percebemos isso quando confirma que sua mãe é analfabeta: “A minha mãe não sabe ler, assina só com o dedão. Mermo assim, ela não me colocou na escola não, num aprendi nada”. Nesse caso, não houve apropriação dos códigos de leitura e escrita, o que torna a história oral a ferramenta de assegurar suas histórias para as futuras gerações.

As memórias são, ainda, uma forma de resistência, de se fazer presente em um mundo que nega existências. A memória e a história oral é a metodologia que usamos para trabalhar com vozes e, dessa forma, a questão da interdisciplinaridade sempre estará presente na construção das narrativas, como diz Pombo (2006, p. 224):

Para além do caso das ciências cognitivas-dotadas como são de características particularmente reveladoras da condição interdisciplinar das “interciências” – é ainda conveniente sublinhar a importância das novas estruturas institucionais que tem vindo a ser “inventadas” na instauração da ideia mesma de interdisciplinaridade. (POMBO, 2006, p.224).

Observando o que diz a autora, vários pontos desse trabalho foram de alguma forma, amarrados pela interdisciplinaridade buscando construir uma interlocução entre as memórias e

narrativas das nossas interlocutoras. Dialogar com diferentes áreas do conhecimento, das ciências Sociais e humanas para compreender os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, nos faz mergulhar na vasta seara da produção do conhecimento, a fim de criarmos a teia de saberes que nos possibilite construir um entendimento de como as mulheres quebradeiras de coco babaçu organizaram seus modos de vida, e isso ocorre por meio das narrativas e das memórias dessas mulheres.

Para compreender a força das narrativas, especialmente quando os povos nativos não têm o reconhecimento da história oficial, Ricoeur (1994, p. 90) entende que:

De outro lado, a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços discursivos que a distinguem de uma simples sequência de frases de ação. Esses traços não pertencem mais à trama conceitual da semântica da ação. São traços sintáticos, cuja função é engendrar a composição das modalidades de discursos dignos de serem chamados de narrativas, que se trate de narrativa histórica, quer de narrativa de ficção. (RICOEUR, 1994, p. 90).

Nesse caso, a organização sintática das narrativas em análise tem em seu aspecto uma forma singular em que os modos de vida reforçam o sentido de seu discurso em seu lugar de fala. Esses traços discursivos sobre os quais o autor se refere compreende que as narrativas podem ser uma ferramenta potente de contar as histórias como uma maneira de visibilizá-las.

Assim, esse emaranhado social está atrelado aos modos de viver e à formação da identidade cultural dessas mulheres e de suas possibilidades de resistir ao avanço da cultura una, desvelando o extrato social de que pertencem. São várias visões dos modos de viver das quebradeiras de coco que fazem da prática da quebra do coco e de viver do babaçu uma dinâmica própria, a cultura das quebradeiras de coco que em certa medida marca suas memórias.

Percebemos que o fio interdisciplinar conduzido nas ideias de Pombo (2006, p. 224) se apresenta “[...], sobretudo, como prática, que se traduz na realização de diferentes tipos de experiências interdisciplinares [...]” (POMBO, 2006, p. 2024). A interdisciplinaridade nos permite fazer um diálogo com várias áreas do conhecimento, nos ajuda a compreender os modos de viver e as memórias das quebradeiras de coco: a geografia; a história; as ciências sociais; as linguagens; a matemática; a filosofia; a Sociologia, dentre outras. A interdisciplinaridade foi costurada por muitas memórias, nos permitindo ter condições de fazer os nós nas narrativas e nas vozes dissonantes, bem como, o alinhamento ao objeto principal desse trabalho.

É inegável que os modos de viver, as culturas, as identidades e as resistências dessas mulheres são um contraponto à ditadura da cultura dominante, pois o próprio ato de viver de

acordo com seus costumes e a prática de quebrar coco babaçu é um ato de “rebeldia”, na visão do patriarcado, contra um sistema que nega a existência dessas vidas. A simplicidade dos modos de viver das quebradeiras de coco, suas culturas e identidades são vistas como atos de insubordinação dessas mulheres.

Assim, as memórias podem ser revisitadas. Os registros são significativos a partir de uma/um filha/o de quebradeira de coco e nascida/o no território para que as gerações conheçam e percebam as infinitas e plurais vozes do território de São Miguel do Tocantins e, como os modos de viver das quebradeiras de coco babaçu são as manifestações de suas identidades, de suas culturas, tornando a história escrita por muitas mãos e por muitas memórias.

No capítulo a seguir trataremos das formas de resistências das mulheres quebradeiras de coco e como fazem analogia da palmeira com Ser mãe. Qual de fato é este sentido e significado?

3 A PALMEIRA PARA MIM É MINHA MÃE, PARA MIM A PALMEIRA É TUDO¹⁸: RESISTÊNCIAS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS (TO)

*O coco é para nós grande riqueza,
é obra da natureza, ninguém vai dizer que não.
Porque da palha só se faz casa pra morar
Já é meio de ajudar a maior população.
Se faz óleo pra temperar a comida,
é um dos meios de vida pros fracos de condição
Reconhecemos o valor que o coco tem,
a casca serve também pra fazer o carvão.
(CD As Encantadeiras)*

Neste capítulo daremos ênfase às formas de resistência das quebradeiras de coco babaçu dentro da cidade de São Miguel do Tocantins e comunidade de Sete Barracas, analisando os caminhos percorridos por essas mulheres que tiveram as suas existências pautadas na quebra do coco babaçu e na criação de meios para resistirem à dureza da vida como quebradeiras de coco babaçu. Iremos percorrer, neste segundo capítulo, os caminhos que permitiram a essas mulheres encontrar no babaçu um meio de permanecerem vivas, de alimentar suas famílias, de construir suas narrativas e, acima de qualquer coisa, de se manterem visíveis e potencializar suas identidades de quebradeiras de coco babaçu.

Além da cultura material e imaterial nos modos de vida das quebradeiras de coco babaçu tratados no primeiro capítulo, discutiremos aqui as resistências construídas pelas mulheres de São Miguel do Tocantins e do povoado de Sete Barracas em relatos orais que evidenciam as lutas diárias, o que acaba formando uma identidade no lugar de onde escolheram para lutar pela vida, lutar por seus filhos e lutar pelos seus sonhos. Na cidade de São Miguel do Tocantins, grande parte dos fazendeiros utilizam a terra para pastagem e criação de gado e há, também, uma fazenda de eucalipto na entrada do Povoado Sete Barracas. Sabemos que este é o começo, iniciar o processo de plantação de eucalipto até que todo o território seja tomado. Entretanto, a comunidade continuará resistindo a essas invasões. No tópico a seguir, trataremos das resistências das mulheres quebradeiras de coco para defender seus territórios.

¹⁸ Nossa interlocutora, Maria Laurindo dos Santos, ao se referir à palmeira de babaçu em uma de nossas entrevistas.

3.1 Resistências em territórios das quebradeiras de coco

A epígrafe retirada da letra da música *Xote das quebradeiras* do CD *As Encantadeiras*, demarca a coragem das mulheres que lutam pelo direito de ter acesso aos babaçuais para quebrar o babaçu. As Encantadeiras cantam e encantam, narram sua história desde a infância, passando por sua juventude, onde os babaçuais estão presentes como símbolo de resistência e de sobrevivência para essas mulheres. As músicas cantadas transcendem a questão da visibilidade, fazendo uma denúncia. É um grito pelo direito de ter acesso aos babaçuais, onde elencam todos os usos e utilidades do fruto para a vida das quebradeiras de coco na região.

Para Scott (2002, p. 28) “uma vantagem do conceito de resistência que começa com as necessidades materiais de auto interesse é que ele avança em apreender que classe é primeiramente uma experiência”. Ou seja, a classe ou categoria das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins é construída em suas experiências, em vivências que as antecederam e foram repassadas pelas mulheres da família (mães, avós, tias, etc) através da oralidade, que se fortalecem no dia a dia dentro dos babaçuais e nos “adjunto” de quebração do babaçu. Scott (2002, p. 28) citando Thompson (1978, p. 149), sobre consciência de classe, entende que:

(...) tem-se dedicado uma atenção teórica excessiva (grande parte da mesma é claramente a-história) à classe e muito pouco à “luta de classe”. Na realidade, luta de classe é um conceito prévio assim, como muito mais universal. Para expressá-lo claramente: as classes não existem como entidades separadas, que olham ao redor, encontram uma classe inimiga e começam logo a lutar. Pelo contrário, as pessoas se encontram em uma sociedade estruturada de modos determinados (crucialmente, mas não exclusivamente, em relações de produção), experienciam a exploração (ou a necessidade de manter o poder sobre os explorados), identificam pontos de interesse antagônicos, começam a lutar por estas questões e no processo de luta se descobrem como classe, chegando a conhecer esse descobrimento como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras, fases do processo histórico real (SCOTT, 2002, p. 28 apud THOMPSON, 1978, p. 149).

Scott (2002) aponta para o fato de que as quebradeiras de coco sejam compreendidas como classe ou categoria, uma vez que construíram suas lutas de classes a partir dos repertórios de resistência singulares. As lutas pelo direito de continuar trabalhando nos babaçuais trazem no dia a dia em seus modos de viver (que é o que caracteriza as quebradeiras de coco como trabalhadoras rurais) a reafirmação e a construção de estratégias de resistência para se manterem firmes no seu trabalho de retirar dos babaçuais o sustento.

Resistência para as quebradeiras de coco babaçu da Região do Bico do Papagaio, especificamente de São de Miguel do Tocantins e da comunidade de Sete Barracas, é

enfrentar os fazendeiros e os grileiros. Os fazendeiros agiam/agem com violência, se dizendo donos das terras ocupadas pelas quebradeiras de coco e suas famílias. O resultado dessa resistência é a organização social, a criação do Sindicato das Trabalhadoras rurais. O Sindicato seria luta de suas vozes.

Os fazendeiros não veem importância em manter as palmeiras de pé, mas sim os pastos e as criações de gado. Isso motiva as quebradeiras de coco babaçu a continuarem a luta pela permanência em seus pedaços de terra para dali tirarem o sustento e permanecer nas atividades de quebrar coco.

As mulheres quebram coco promovendo a sustentabilidade e a proteção ao meio ambiente na região de São Miguel do Tocantins, a partir da preservação das florestas de coco babaçu, recurso natural em grande quantidade na referida cidade. Ao longo do tempo, construíram/constroem as resistências na coletividade, nas ancestralidades, a partir do próprio modo de viver e de compartilhar os saberes, nas práticas culturais de das experiências que se interligam entre elas no momento da quebração do coco babaçu, onde a resistência nasce e se fortalece.

O povoado de São Miguel do Tocantins, Sete Barracas, foi um lugar de lutas pela terra e pelo território, como narra a quebradeira de coco, Maria Senhora C. da Silva, que nos contou como acontecia quando o povo (nesse caso, as pessoas que já moravam no povoado Sete Barracas), tentava se proteger dos policiais na época em que o povoado ganhou esse nome, na chegada dos primeiros moradores que lutavam para permanecer ali, em terras onde produziam, plantavam e viviam dos recursos que conseguiam tirar de lá.

Os fazendeiros, os grileiros, aqueles que se diziam donos das terras, agiam com repressão e violência aos moradores que diziam “não”, que não iam sair de seus pedaços de terra. A coragem sempre foi um adjetivo presente e necessário para continuar as lutas e permanecer na terra, apesar de todas as adversidades, como a violência, a fome e toda a insegurança das mulheres que tinham apenas o desejo de plantar os próprios alimentos.

Vejamos o que diz nossa interlocutora:

Por esse Bico aqui ele é situado com gente do Maranhão, do Piauí e daqui da cidade. Quando o povo veio pra cá naquela história da Amazônia, num sei se você sabe disso, a Transamazônica, o povo veio pra cá atrás de terra, quando nos anos oitenta, setenta e nove, setenta e sete e oitenta, começou a chegar os grileiros. O povo já tava aqui, ai começou tirar o pessoal, lá das terras, por exemplo, essa aqui. O povo já morava aqui na Sete Barraca, aqui chamava sete Barraca, porque era sete gente que tava aqui, fazia junta pra quebrar coco, era sete barraquinha, por isso que tinha o nome de Sete Barraca, ai chega o fazendeiro e começa tirar o povo. Batendo e é com a policia, juiz, tudo em cima, é os grileiros, é os beditos, Ai quando foi em oitenta, foi o primeiro sindicato, oitenta e dois, primeiro sindicato, através da igreja né,

comissão pastoral da terra, a comunidade Eclesiástica de base que tinha na época, uma organização da igreja. Eu era dessa organização e começamos a dizer não, num vai sair não, e ai o pau quebrou. Ai quem tinha terra, no caso eu e mais oito povo, que tinha, ai esses organizava aqueles que não tinha, que tinha que sair, que tinha os que não tinha escriturada e tinha os que tinha terra devoluta que a gente chamava né, que era essas que os cara tava tomando. Chegava aqui dizendo, estou aqui com o titulo, e botava a polícia em cima e tirava, tocava fogo nas casas. E pra ter a terra tinha que ter coragem, ai a gente começou a discutir a criação do sindicato dos trabalhadores rural, ai começou a criar, o meu sindicato foi o segundo criado aqui no Bico né, sindicato de São Sebastião, e ai dai a luta, e tinha mais força pra lutar, que num era uma pessoa que ia lá, era a entidade que ia lá representando, mil pessoa, duas mil pessoa, entendeu? Num era um que ia lá e ai foi como sempre começou. Ai, quando Padre Josimo chegou aqui, já tinha essa discussão. Ai quando ele morreu em oitenta e seis, ele chegou em oitenta e três e mataram em oitenta e seis, dai a luta. E tinha mais força pra lutar, [...] Ai a coisa pegou, mais ai a gente começou a ocupar tudo. Nesse tempo era GEBAM¹⁹, depois virou pra GETAT²⁰, virou pra INCRA²¹, e tudo é uma cachorrera só. Só muda o nome, mas o povo é os mesminho que tava naquela época, é o mermo que tá hoje, então é isso. (Maria Senhora C. da Silva, 25/10/2019).

Dona Maria Senhora inicia sua narrativa descrevendo a formação do povo da região do Bico do Papagaio: “esse Bico aqui ele é situado com gente do Maranhão, do Piauí e daqui da cidade”. Muitas famílias vinham de outros estados em busca de terras. Em seu relato, ela nos conta sobre a origem do nome dado ao povoado Sete Barracas em São Miguel do Tocantins: “aqui chamava sete Barraca, porque era sete gente que tava aqui, fazia juntava pra quebrar coco, é sete barraquinha, por isso que tinha o nome de Sete Barraca, ai chega o fazendeiro e começa tirar o povo”. E acrescenta que os fazendeiros dificultavam os trabalhos dos moradores que já estavam lá, tentando tirá-los de suas casas.

Os fazendeiros chegavam junto com policiais e, nas mãos, o título que diziam ser das terras ocupadas pelas famílias que já viviam no povoado Sete Barracas. As famílias que já moravam em Sete Barracas iam conseguindo outras terras de modo a organizar outras famílias que não tinham e, em união pelo mesmo objetivo, moradia e sobrevivência com recursos retirados da terra, ajudavam uns aos outros, a partir da organização do sindicato rural.

A partir daí, foram surgindo às primeiras organizações coletivas, como diz nossa interlocutora, na década de 1980, surge o primeiro sindicato, primeira organização de luta e de resistência com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Posteriormente, surgiu o sindicato dos trabalhadores rurais que ganhou força, até a chegada de Padre Josimo, como lembra dona Maria Senhora. Nesse momento, as discussões sobre a posse e as lutas por terras já existiam. Porém, sobre trajetória e a morte do Padre Josimo é outro acontecimento sobre o qual não nos deteremos aqui.

¹⁹ Grupo Executivo do Baixo Amazonas

²⁰ Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins

²¹ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Realizamos a entrevista com dona Maria Senhora no Povoado Sete Barracas, ao participar do *V Encontro Tocantinense de Agroecologia: Território Agroecológico Tecendo Resistência e Esperança para o Campo e a Cidade na Construção da Democracia Popular e do Bem-Viver*, realizado do dia 24 a 27 de outubro de 2019 (Figura 15), onde estavam reunidos vários grupos sociais da região como, Quebradeiras de coco babaçu, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, Movimentos Sociais, dentre outros. Vejamos a abaixo a figura (15):

Figura 26: V Encontro Tocantinense de Agroecologia no Povoado Sete Barracas



Fonte: Juscelino L. dos Santos, Outubro, 2019.

Na ocasião, os participantes se reuniram para discutir a defesa das águas, dos rios da região (nesse caso, o Rio Tocantins), os impactos da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) na fronteira dos estados do Tocantins e Maranhão, dividindo as cidades de Aguiarnópolis (TO) e Estreito (MA), como também a luta dos ribeirinhos que tiveram seus modos de vida transformados pela UHE. Foi pauta desse encontro as lutas das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins pelo acesso aos babaçuais. Um encontro com discussões importantes e pertinentes para a região do Bico do Papagaio que ainda lutam para continuar seus modos de vida através da conservação dos recursos naturais e proteção ao Meio ambiente.

Conforme as palavras de Dona Maria Senhora, os moradores de Sete Barracas tiveram de lutar contra aqueles que se diziam os donos das terras na região. Os sindicatos foram suas primeiras formas de organizar suas demandas. Em 1982, com o objetivo de dar suporte aos trabalhadores Rurais da Região do Bico do Papagaio, lembra nossa interlocutora sobre o “seu” sindicato que foi o segundo criado naquela época: “[...] o meu sindicato foi o segundo criado aqui no Bico né, sindicato de São Sebastião²²”.

²² Cidade localizada na Região Norte do Tocantins, próximo a São Miguel do Tocantins, no Bico do Papagaio.

Não se tratava mais de uma pessoa, mas de várias, de um coletivo pela mesma ideia, pelo mesmo objetivo, como continua em suas palavras: “que num era uma pessoa que ia lá, era a entidade que ia representando, mil pessoas, duas mil pessoas, entendeu? num era um que ia lá”. A nossa interlocutora, quando diz “meu sindicato”, se refere ao que participou ativamente, cuja identidade se forjou na própria trajetória da organização em defesa das/os trabalhadoras/es rurais. Com a criação dos Sindicatos como uma Instituição, as quebradeiras de coco e as/os trabalhadoras/es rurais tiveram mais segurança, pois havia uma Instituição que lutava juridicamente pelas/os trabalhadoras/es da região.

A resistência à violência dos fazendeiros ainda continua nos dias atuais, pois a quebração do coco babaçu constitui um elemento importante nos modos de viver das quebradeiras de coco, que enfrentam dificuldades para realizar a coleta nos babaçuais. Muitas vezes, não conseguiam ter acesso aos babaçuais e quando entravam nas fazendas eram tiradas com violência e tinham todos os seus produtos tomados pelos fazendeiros, como narra dona Raimunda Nonata (2020), quebradeira de coco e também membra do MIQCB:

Eles foram devorando todas as matas, as terras e, os babaçus então as quebradeira de coco, se acharam ameaçada pelos fazendeiros, porque além deles ter tomado as terras, derrubado as matas, eles não deixavam o babaçu que ficava, eles não deixava a quebradeira entrar pra quebrar o coco, e quando elas entrava eles fazia barbaridade com as quebradeiras eles arrastava, eles tomava o produto. (ENTREVISTA, RAIMUNDA NONATA, 07/07/2020).

Conforme as palavras de dona Raimunda Nonata (2020), além das matas serem devoradas e devastadas, os fazendeiros dificultavam a entrada nas fazendas onde têm os babaçuais para coletar o coco babaçu e realizar o trabalho. As florestas de babaçu estão lá, porém, muitas vezes as quebradeiras de coco ficam impedidas de entrar nas propriedades.

Maria Senhora (2019) e Raimunda Nonata (2020) relatam exatamente as dificuldades de continuar os trabalhos de quebração do coco e de permanência em suas terras. Observando as dificuldades e repressões relatadas por nossas interlocutoras, ter um Sindicato de Trabalhadores Rurais em São Miguel do Tocantins foi uma conquista importante para as mulheres que quebram coco babaçu, assim como a Lei nº007/2005 que trata da proibição da derrubada das palmeiras de babaçu no município de São Miguel do Tocantins.

Na medida que foram percebendo que estavam ficando sem o babaçu, as mulheres se fortaleceram na mesma luta: o babaçu livre. Com isso, surgiram outras organizações a favor de suas resistências, como Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP), Movimento Interestadual da Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

Para permanecerem com as atividades no campo e com os recursos da terra, as famílias moradoras do Povoado Sete Barracas teriam de romper com a lógica capitalista defendida pelos fazendeiros da cidade de São Miguel do Tocantins e conquistar o direito de posse com o trabalho realizado na terra. Ferraz (1998, p, 46) comenta sobre essa oposição de concepções:

A luta pela posse da terra como um dos principais problemas criados pela expansão do capitalismo na Amazônia ocorre sob duas concepções opostas, duas lógicas inconciliáveis de pensar e utilizar a terra: o modo camponês, em que o direito de posse é gerado pelo trabalho, e o capitalista, baseado na propriedade privada (FERRAZ, 1998, p. 46).

A resistência para permanecer na terra é vista no relato de Maria Senhora através da coragem de dizer “não” àqueles que as queriam fora de suas moradias, fora das terras onde viviam, produziam e plantavam para se sustentar. A luta pela posse da terra está interligada às lógicas opostas destacadas por Ferraz (1998, p. 46) ao tratar sobre o que seria o modo camponês e o modo capitalista. Fica demarcado que os modos de viver dos moradores de Sete Barracas e das quebradeiras de coco babaçu são antagônicos.

Permitir a manutenção das florestas de babaçuais é não dar espaço às plantações em larga escala que visam grandes lucros. Para os camponeses, o direito de posse é gerado pelo trabalho, o trabalho na terra é a essência da posse e da garantia do direito a terra.

O V Encontro Agroecológico do Tocantins acontecia no Povoado Sete Barracas em virtude da urgência de uma pauta coletiva em defesa dos povos nativos da região do Bico do Papagaio. As figuras 27 e 28 são evidências de representações das Quebradeiras de coco babaçu (MIQCB) e dos povos indígenas do Norte do Tocantins:

Figura 27: Integrantes do MIQCB



Fonte: Juscelino L. dos Santos, 2019

Figura 28: Povos indígenas do Tocantins



Fonte: Juscelino L. dos Santos, 2019

A relação das quebradeiras de coco com a sustentabilidade é uma maneira de resistir e de lutar pela preservação dos babaçuais e dos modos de viver e de sobreviver dentro dos seus territórios. As figuras 27 e 28 mostram integrantes do Movimento Interestadual das quebradeiras de coco babaçu (MIQCB) e os povos indígenas da região em defesa do seu território, resistindo à destruição de suas culturas, perseverando para manter os modos de vida e as tradições de seus povos. O MIQCB é:

Um importante movimento na luta pela defesa das quebradeiras de coco babaçu e dos babaçuais. O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos deste grupo, dando a estas mulheres a possibilidade de serem vistas e reconhecidas. Isto possibilita a chance de se desenvolverem, por meio do conhecimento e experiência que o trabalho do movimento oferece, bem como a verem o mundo além das comunidades. A luta, antes relacionada com o direito à terra e ao babaçu, passou a ser uma luta pela qualidade de vida da mulher no campo. Em 1991, as quebradeiras, com a ajuda de organizações não governamentais, articulam o primeiro Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, em São Luís, do qual resultou na criação da Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Em 1995, no II Encontro Interestadual, o nome é mudado para Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB. Consequentemente foi possível a luta de proporções nacionais e depois o ganho das terras, a derrocada do machismo, e a ascensão dos direitos de agricultora, de mulher, e de cidadã na realidade dessas mulheres. O MIQCB revelou a essas mulheres que a exclusão feminina não existe, o que fez com que a vida das quebradeiras de coco melhorasse muito e elas passassem a ser ativas socialmente e economicamente. Tal força pode ser refletida nas diferentes atividades proporcionadas pelo grupo, que não apenas anseia tirar seu sustento com a venda do coco e dos produtos produzidos a partir desta matéria prima, como o azeite, farinha e sabonete. Pelo contrário, o MIQCB assume principalmente um caráter ideológico, em que se busca a educação e conscientização dessas trabalhadoras rurais. O MIQCB promove discussões em grupos nas diferentes comunidades de todos os estados, liderados pela assessoria e diretoria de cada estado, que tiveram oportunidade de estudo no ensino superior e acesso a ajuda de professores das diferentes universidades federais, que conhecem e apoiam o movimento ²³.

O MIQCB foi uma das organizações responsáveis pelo V Encontro Tocantinense de Agroecologia, sendo esta, uma forma de organização das comunidades tradicionais, onde se busca discutir estratégias de resistências contra o avanço do agronegócio e qualquer atividade que traga impactos negativos para o meio ambiente e a sustentabilidade. São momentos de fortalecimento das identidades das quebradeiras de coco babaçu, de compartilhamento de culturas e de manutenção de histórias que constroem na coletividade as memórias, as histórias e as lutas em defesa dos modos de viver dos povos nativos do Bico do Papagaio.

Nesse sentido, o fato de um encontro como esse (V Encontro Tocantinense de Agroecologia) ter sido realizado no Povoado Sete Barracas, tem toda uma mística do lugar, porque as discussões e pautas realizadas com a participação dos povos nativos da região são

²³ Fonte: <https://www.miqcb.org/sobre-nos>

compartilhadas dos lugares de fala de cada um, do lugar de onde vem o grito de socorro por proteção ao meio ambiente e aos recursos naturais da região.

Conservar o meio ambiente e os recursos naturais está intimamente ligado à luta pela posse de terra pelas famílias que chegaram ao Bico do papagaio em busca dessas terras para plantar e viver dos recursos produzidos. As migrações e os primeiros moradores do Povoado de Sete Barracas em São Miguel do Tocantins ocorreram devido aos latifúndios e à onda de grilagem nos estados do Nordeste. Isso se confirma no que diz Ferraz (1998, p. 114) em seus estudos:

Os primeiros moradores de Sete Barracas ali chegaram em decorrência de dois fatores: o latifúndio que os encurralavam nas terras do leste maranhense e uma onda de grilagem que se formou nos estados nordestinos e prosseguiu rumo à Amazônia. A cada geração, os camponeses sentiam as agruras da apropriação de terras antes devolutas, o que resultou em sucessivos movimentos migratórios em busca de áreas inexploradas. (FERRAZ, 1998, p. 112).

Ferraz (1998, p. 113) salienta que a situação ocorre desde a época dos primeiros moradores nesse povoado e ainda ecoa até os dias atuais. Antes, o Povoado Sete Barracas era sinônimo de liberdade: “No início, tanto Sete Barracas como os outros agrupamentos tinham um significado de liberdade para os camponeses que lá chegavam” (FERRAZ, 1998, p. 113). Essa terra tem uma trajetória de resistência de lutas pela vida, pelo direito de ter a posse da terra e de viver do trabalho que se produz na terra.

Em relação ao evento (V Encontro Tocantinense de Agroecologia), vem simplesmente dizer por meio das narrativas lembradas e contadas no referido evento que, os povos tradicionais precisam da terra e dos recursos naturais para manter o equilíbrio ecológico, a sustentabilidade e a preservação das águas e das florestas. Maria Senhora, nossa interlocutora e quebradeira de coco narra exatamente sobre a necessidade, sobre a manutenção das culturas dos povos tradicionais e dos modos de viver.

Emília Alves, assim como Maria Senhora, nos relataram a pobreza que viveram, mas carregando em seu discurso os adjetivos força e coragem como uma maneira de superar as dificuldades e continuar a luta em defesa dos babaçuais.

A defesa dos babaçuais, os babaçuais pra nós é nossa vida, é nossa mãe, quem nos deu força, nos deu coragem. Você sabe muito disso, você conhecia aquela época, a gente era muito pobre, a gente não tinha nem quase como sobreviver, e vivia dos babaçuais. Quebrando coco vendendo pra comprar alimentação pros filhos, e também para fazer o alimento né, o carvão pra fazer de comida, o azeite para temperar comida e também pra fazer o sabão (ENTREVISTA REALIZADA COM EMÍLIA ALVES, 07/07/2020)

Emília Alves reafirma a contínua luta das quebradeiras de coco babaçu pela preservação dos babaçuais, pois é de lá que retiraram o sustento familiar. As dificuldades sempre encontradas pelas quebradeiras de coco também são relatadas por Ferraz (1998, p. 115) desde a chegada dos primeiros moradores do Povoado Sete Barracas:

O cotidiano dos moradores de Sete Barracas é marcado por muita dificuldade. Eles viviam na condição de posseiros, pois a terra era devoluta. O trabalho era árduo. Faziam suas roças derrubando e queimando a mata. Depois da “coivara”, limpavam a terra com a capina para poder plantar, geralmente de arroz, milho feijão e mandioca. Complementava-se a faina produtiva com a criação de animais e a extração da amêndoa do babaçu (FERRAZ, 1998, p. 115).

As primeiras famílias exerciam uma agricultura de subsistência²⁴. Como observado na apresentação da elaboração da escrita do autor, os moradores são agricultores que vêm no processo migratório.

A ideia de memória é sinalizada sempre que trazemos as narrativas das quebradeiras de coco babaçu, “assumimos lidar com memória no plural” (FENELON et al., 2000, p. 5-6), pois trazemos as vozes de um grupo social não reconhecido na história oficial do Estado do Tocantins. Cada quebradeira de coco tem uma história singular, são muitas histórias de resistências do lugar (São Miguel do Tocantins).

Maria de Jesus Silva Gomes (2019), a Dijé, filha da dona Raimunda a Quebradeira de Coco, também lembra dos primeiros movimentos de resistências das quebradeiras de coco em reuniões na igreja, onde sua mãe participou:

A mãe chegou aqui em 1978, aqui nas Sete Barracas. Ai então ela começou um movimento na igreja, através da igreja né, que ela começou o movimento. Ai depois veio as lutas dos conflitos das terras que nós não tinha terra nessa época né? Nós vivia só da quebra do coco, todo mundo sabe aqui na região né, que a gente só vivia da quebra do coco, não tinha outro meio mermo de trabalhar. E quando foi em 1983 começou a conquista daqui né, do povoado. A gente foi expulso daqui da comunidade, pessoal invadiu, né, que já trabalhava muita gente aqui dentro. Ai a mãe era uma das líderes junto com a comunidade, não era só ela né, todos nós fizemos parte um pouco, dessa luta dessa conquista. (Maria de Jesus Silva Gomes, Dijé, 26/10/2019)

A quebra do coco babaçu era/é um meio de vida para muitos. Em 1978, como diz Maria de Jesus (2019), as reuniões da igreja funcionavam como movimentos de resistências, os primeiros movimentos de organização de luta pelo direito de posse de terras, pois como

²⁴ É um sistema de produção agrícola que visa a sobrevivência do agricultor e de sua família. É caracterizada pela utilização de recursos técnicos pouco desenvolvidos. Os instrumentos agrícolas mais usados são: enxada, foice e arado. Raramente são utilizados tratores ou outro tipo de máquina. A produção é baixa em comparação às grandes propriedades rurais mecanizadas. Fonte: Disponível: https://www.suapesquisa.com/o_que_e/agricultura_subsistencia.htm. Acesso em 04 de jun, 2020.

relata, sua família não tinha um pedaço de terra naquela época. A terra era o único meio de trabalho, porque vivia da quebra do coco babaçu.

As quebradeiras de coco babaçu do Povoado Sete Barracas sempre tiveram papel fundamental na economia e no sustento de suas famílias, sempre foi um dos meios de resistir à fome, ao desemprego, um meio de sobrevivência e de resistência ao avanço dos grileiros e dos fazendeiros da região. Dias (2005) afirma que as relações estabelecidas com os babaçuais são como uma tradição viva, o que só vem a confirmar que a quebração de coco designa uma cultura do babaçu.

[...] as relações que as mulheres Quebradeiras de Coco estabeleceram com os babaçuais já podem ser designadas como cultura do babaçu uma vez que existe uma tradição viva, conscientemente elaborada que passa de geração e que permite “individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras” (DIAS, 2005, p. 50 apud DA MATTA, 1987, p. 48)

O autor destaca que a relação das mulheres quebradeiras de coco e os babaçuais pode ser considerada uma cultura do babaçu. Através desta afirmativa do autor, podemos fazer uma conexão com nossa interlocutora Maria de Jesus, que revela em suas palavras um sentimento de pertencimento relacionado ao lugar que estão, onde participa das lutas em defesa do direito de existir. As experiências das quebradeiras de coco são parte do que Fenelon et al. (2000, p. 6) chama de campo minado porque também é parte de uma memória:

Como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais (FENELON et al., 2000, p. 6).

As lutas sociais e políticas, o esforço em trazer histórias de mulheres do campo do Povoado Sete Barracas em São Miguel do Tocantins na Região do Bico do Papagaio é uma maneira de manter viva essas histórias por meio das resistências e das tradições. É na tessitura das experiências de vida que as narrativas das quebradeiras de coco se tornam vivas na história, porque são contadas do lugar da prática, da vida vivida e sentida.

Resistem à história oficial, “a memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e de legitimação” (FENELON et al., 2000, p. 6). Não somente as histórias das quebradeiras de coco babaçu, mas a dos pescadores, agricultores e indígenas, resistem pela permanência de seus modos de viver muitas vezes não reconhecidos pela história oficial do Estado, que não valoriza a pluralidade de vozes e de vidas.

Nessa direção, com o sentimento de valorização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e do Povoado Sete Barracas e por meio da coletividade, criaram a Associação das Quebradeiras de Coco Babaçu do Bico do Papagaio (ASMUBIP) com sede na Cidade de São Miguel do Tocantins, com objetivo de agregar valor ao babaçu e, consequentemente fortalecer o trabalho coletivo dessas mulheres.

A quebradeira de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, Raimunda Gomes da Silva, junto às quebradeiras de coco Raimunda Nonata e Maria Emília buscaram, através da criação da ASSMUBIP, tornarem a atividade de quebra do coco babaçu uma forma de dinamizar a economia nas comunidades onde elas estão inseridas. Nas palavras de Maria de Jesus Silva Gomes (Dijé), a ASSMUBIP funcionava da seguinte maneira:

Na época do movimento da ASMUBIP, foi criada através do movimento interestadual das quebradeiras de coco do Maranhão né, que o movimento é do Maranhão, Pará e Tocantins e Piauí também. Foi criado em 1992 a fundação do movimento interestadual das quebradeiras de coco, ASMUBIP Na época foi criado pra facilitar mais as quebradeiras de coco, na época foi criada pra comprar, era sete cantina né de compra de coco, onde a gente vendia o coco e trocava por mercadoria. Na época, ai tinha os posto de compra que não tinha cantina de mercadoria, só era os posto, mais tinha as cantina onde a gente vendia os coco e trocava por mercadoria (Maria de Jesus Silva Gomes, Dijé, 26/10/2019).

Um dos principais motivos da criação da ASSMUBIP era facilitar a vida das quebradeiras de coco babaçu, promovendo oportunidade de venda das amêndoas ou troca por produtos nas cantinas. Dessa forma, a venda do babaçu possibilitou a construção de uma sede para a associação e ação coletiva, gerando renda para o sustento das famílias. A narrativa de Maria de Jesus se confirma nas palavras de Luzanira Ferreira, uma das fundadoras da ASMUBIP, em entrevista ao *Observatório Saúde, Campo, Florestas e Águas da UnB* (2013), o que acrescenta como benefícios dessa associação para as quebradeiras de coco babaçu:

Criar essa associação foi um ponto muito positivo, porque na época [da criação da associação] tinha muita derrubada do babaçu. Também criamos as cantinas de compras para ajudar as companheiras. Fazíamos troca do produto pela amêndoa, foi um grande salto porque reduzimos a derrubada. Com a associação avançamos na formação e conscientização das mulheres, trabalhamos o protagonismo delas. Precisamos das políticas públicas, nunca chega nos pequenos essa burocracia”, disse Luzanira, coordenadora geral da ASMUBIP. (LUZANIRA, Observatório da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, Floresta e Águas - Teia de saberes e práticas, 2013).

Desse modo, criar uma associação era mais uma estratégia de resistência das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e de Sete Barracas. Oportunizar

formações para mulheres era uma maneira de fortalecer a categoria de quebradeira de coco e o trabalho era voltado para devolver às mulheres o seu protagonismo dentro da Região.

Com a criação da ASMUBIP, as quebradeiras de coco eram agentes de transformação da própria realidade, pois ocorrem possibilidades de viver do seu trabalho, a quebra do coco babaçu. A coletividade a todo instante permitia ressignificar suas histórias, pautadas na resistência, ensinadas e apreendidas desde muito cedo em suas vidas. A vida cotidiana é o lugar de produção das histórias e das memórias, como diz Fenelon et al., (2000, p. 6):

Ao definir a memória como campo de nossa reflexão e diálogo, apontávamos a existência de um “campo social”, onde memórias hegemônicas e alternativas são produzidas na vida cotidiana, o que nos colocou a importância e o compromisso de reavivar lembranças e narrativas de sujeitos excluídos e dissidentes (FENELON et al., 2000, p. 6).

Por serem parte de uma categoria de trabalhadores rurais, as quebradeiras de coco babaçu tiveram que, em grande parte do tempo de suas vidas e dentro de suas possibilidades, criar estratégias para sobreviver. Está presente em seu “campo social” (FENELON et al., 2000, p. 6), a construção de memórias hegemônicas e alternativas. Ou seja, é na luta diária que as histórias vão se construindo e se reproduzindo, na resistência que se faz dentro dos modos de viver, na “labuta” diária pela sobrevivência.

No campo social das quebradeiras de coco babaçu, nossa interlocutora Maria Senhora (2019), quando nos relata sobre os primeiros moradores de Sete Barracas em suas lembranças, ela traz detalhes das fugas dos moradores no povoado quando avistavam os fazendeiros e a polícia atravessando o Rio Tocantins na balsa para bater nos moradores que lá estavam para tentar expulsá-los de lá:

Na balsa pra ir lá pra Esperantina, ô que fosse pru Buriti. Então as Sete Barraca aqui e que era a base de dizer, pra nós lá a pulícia tá acabando de atravessar, assim assado. Ai nós lá, pegava a bicicleta e sai dizendo pro povo: sai se esconde, sai se esconde. Quando eles chegava lá, num achava mais nem nada [...] por que eles ia bater no povo. (Maria Senhora C. da Silva, 25/10/2019)

Para terem acesso aos babaçuais, era/é necessário ter coragem para ter a terra. Maria Senhora (2019) reaviva lembranças em relação a muitos que ali tomaram pela violência e exclusão, pela força cruel dos fazendeiros e dos policiais. As quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins são a síntese da resistência desse grupo social. Seus modos de viver

são moldados pela necessidade de continuar resistindo e lutando pela permanência no trabalho de quebrar coco.

O babaçu para essas mulheres é um fruto que em suas mãos é aproveitado por completo, pois aprenderam desde cedo a vê-lo com esperança e como possibilidade de gerar renda, o que percebemos também no que diz Dias (2005, p. 13):

Mais que o uso comum dos babaçuais, elas construíram sua identidade, criando uma categoria própria, a das Quebradeiras de Coco, que reivindica igualdade de oportunidade, respeito à capacidade produtiva do ecossistema e viabilidade econômica para a atividade da coleta e quebra do coco babaçu. (DIAS, 2005, p. 13)

É como se as identidades das quebradeiras de coco tivessem interligadas à palmeira do babaçu, vista por elas como uma “mãe” capaz de proporcionar-lhes o sustento necessário para criar seus filhos. As formas de resistir e os modos de viver estão intimamente ligados à coleta e à quebra do coco babaçu.

Conforme Dias (2005, p. 13), as quebradeiras de coco babaçu reivindicam igualdade de oportunidade e respeito à capacidade produtiva do ecossistema, bem como viabilidade econômica, sendo dessa forma uma categoria de trabalhadores que, de acordo com suas dinâmicas de trabalho, o fazem inconscientemente respeitando a capacidade de produção do grupo onde estão inseridas.

Construíram resistências no seu dia a dia com seus corpos para não deixarem esquecer suas memórias. As narrativas são as resistências no campo do confronto epistemológico no sentido de serem reconhecidas como categoria e de validar conhecimentos e a construção social das memórias a partir do lugar que se vive e é vivido por essas mulheres. Representam a força da terra em que foram construindo suas resistências, por não deixarem suas memórias e narrativas serem mortas pela força da história oficial, como ressalta Fenelon et al. (2000, p. 7):

Com relação à história, uma questão que nos parece bastante difícil é o desafio de produzir e articular outras histórias para além daquela que se valida e que se torna visível no universo acadêmico. Nessa direção, algumas interrogações se colocam: em que medida assumimos construir narrativas que se constituem e se validem como outras histórias e com quais exigências o fazemos (FENELON et al., 2000, p. 7).

A história de resistência das quebradeiras de coco babaçu é costurada na coletividade pelas/os que fizeram parte da construção de Sete Barracas, desde os primeiros moradores da região. São nas histórias de luta e nos movimentos sociais que percebemos as conquistas e os

aprendizados de quem resistiu às adversidades. Vejamos o que diz ainda Maria de Jesus Silva Gomes (2019) sobre dona Raimunda a Quebradeira de Coco Babaçu:

[...] ela deixou muito aprendizado, principalmente assim, na luta do movimento, ela foi uma pessoa que ela mesmo, lutou mais pelos outros que por ela mesmo. Assim, ela lutou pelas pessoas conquistou muitas coisas, principalmente assim pra fora a gente quase não tinha muito contato com a mãe, a gente ficava mais era só. A mãe vivia mais era viajando, mais um aprendizado muito grande que ela deixou pra nós de luta de conquista de amor ao próximo, porque a vida dela era as pessoas, a luta (Maria de Jesus Silva Gomes, 26/10/2019).

Raimunda Gomes da Silva, a Quebradeira de Coco, é conhecida como símbolo de resistência, lutava em benefício da coletividade, pois sua vida em grande parte do seu tempo foi em prol dos movimentos sociais e em defesa das quebradeiras de coco babaçu e dos sem-terra. Conforme Maria de Jesus Silva, sua mãe (dona Raimunda Quebradeira de coco) obteve muitas conquistas como quebradeira de coco, lutou pela categoria até sua morte. Ela lembra, dos momentos de ausências da mãe que viajava sempre, mas reconhece que foram sacrifícios necessários para denunciar injustiças sociais e lutas pelos direitos das quebradeiras de coco babaçu.

Raimunda Gomes da Silva representava a categoria das quebradeiras de coco babaçu. Era uma voz coletiva em defesa das pessoas, dos oprimidos e do meio ambiente. Nossa interlocutora Maria de Jesus Silva fala sobre o aprendizado deixado por ela aos filhos. Um aprendizado de amor ao próximo, da necessidade de lutas em razão das conquistas que se pretendia em relação, principalmente, à conquista da terra para viver, porque assim era a vida de dona Raimunda, lutar pela/na coletividade.

A trajetória dessas mulheres de se fazerem ser vistas como seres humanos portadores de humanidade é parte de uma narrativa histórica que não pode ser esquecida, pois o que percebemos nos dias atuais é o epistemicídio²⁵ de grupos colocados no subterrâneo da história oficial do Bico do Papagaio.

As invisibilidades são explicadas naqueles que protagonizam as outras histórias, produzindo “a invisibilidade e a inaudibilidade dos dissidentes”, “pelo apagamento dos sinais e vestígio de suas memórias e histórias” (FENELON et al., 2000, p. 7). Lutar por reconhecimento é parte do dia a dia das quebradeiras de coco babaçu. Nesse sentido, os não hegemônicos protagonizam as outras histórias, as histórias de resistências pelo não apagamento das memórias, quando diz que “a vida dela era as pessoas, a luta” (Maria de Jesus

²⁵ Epistemicídio é um conceito, elaborado pelo professor português Boaventura de Souza Santos, que trata da destruição de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente branco. Fonte: <http://www.anpg.org.br/23/04/2019/epistemicidio-o-que-contribui-para-tornar-o-negro-invisivel-na-academia/>

Silva Gomes, 2019). São histórias que precisam ser registradas para que se tornem visíveis, pois as mulheres quebradeiras de coco fazem das palmeiras de babaçu suas próprias forças para continuar a caminhada em direção à vida dentro dos modos de viver dessa categoria social. Suas narrativas nos mostram e visibilizam a potência que têm as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. Fenelon et al. (2000, p. 7) destaca:

Operamos, de fato, no exercício da pesquisa, e de nossa prática social, o deslocamento para um outro tempo, no qual se propõe o espaço da memória social como o da visibilidade de sujeitos reais que tem potência. Nessa direção, destacam-se os estudos dos modos de viver e das culturas de que nos falam as memórias (FENELON et al., 2000, p. 7).

Os modos de viver nos fazem compreender que “resistir” para as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins é permanecer viva diante de todas as dificuldades que as cercam. Ao deslocar nosso olhar para outro tempo e perceber as comunidades de quebradeiras de coco com outros modos de viver (que não as tornam inferior ou superior), com um olhar despido de preconceito, de nossa construção social, percebemos que são mulheres reais, com uma dinâmica dentro de sua coletividade, inserida numa cultura de construir e se reconstruir no grupo e para o grupo. As narrativas, a história preservam a identidade do narrador em relação ao tempo, como podemos perceber em Fenelon et al. (2000, p. 296):

Contar uma estória é tomar as armas contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou controlar o tempo. O contar uma estória preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro. (FENELON et al., 2000, p. 296)

Na perspectiva do autor, narrar é criar possibilidades de resistir à força do tempo, à capacidade que o tempo tem de apagar as memórias e de empurrar as histórias dessas mulheres para o esquecimento social. Ao contar histórias, as quebradeiras de coco babaçu, reposicionam-se dentro da história da Região do Bico do Papagaio, além de preservar seu legado para que não seja apagado pela passagem do tempo. Suas narrativas vão, desse modo, construindo outras epistemes.

Trata-se, portanto, de uma forma de compartilhar experiências e contribuir para a construção de um saber histórico plural e diverso, permitindo às futuras gerações um olhar para a história outras não reconhecidas oficialmente, como uma narrativa de possibilidades para os que não trazem consigo as digitais dos ditos vencedores. Dessa maneira: “Os modos e os níveis nunca são completamente separados e distintos, pois todos caminham simultaneamente e se misturam de acordo com o pensamento das pessoas e com os modos como relatam suas vidas” (FENELON et al., 2000, p. 307).

Quebrar coco é uma atividade importante para as quebradeiras de coco, como diz Maria Laurindo dos Santos, minha mãe. Nesse momento da escrita, faço questão de enfatizar esse dado e de deixar claro para o leitor que essa é uma pesquisa feita por quem viveu/conviveu desde a infância entre as palmeiras de babaçu, de onde também recordo as inúmeras vezes em que fui carregado dentro de cofos quando minha mãe se direcionava ao Baixão da Quinô para quebrar coco:

Menino a quebra de coco, foi tudo na minha vida, se num fosse esse negocio de quebra coco, eu acho que eu nem tinha criado meus filho, que eu quebrei coco demais pra criar esses menino, eu juntava coco, botava adjunto, ai botava nove, dez mulher, pra quebra de adjunto, tirava dois saco de coco, três saco de coco, ai o rapaz ia buscar um rapaz chamado Santana, ia buscar esses coco, ai chegava ele me pagava, a compra de meus coco e eu ia pra Imperatriz comprar roupa pra meus filho, sandália caderno, carne, café, açúcar, arroz, tudo isso eu comprava com coco, hoje eu tô com setenta e dois ano, e ainda quebro coco porque eu acho bom quebrar coco, coco pra mim é tudo na minha vida, que eu criei tanto filho, eu criei foi onze quebrando coco (Maria Laurindo dos Santos, 27/4/2020)

Maria Laurindo dos Santos (2020) relembra momentos quando ia quebrar coco, fala da importância dessa atividade para criar seus filhos. Era um coletivo de mulheres que se juntavam para quebrar coco e se recorda da quantidade de sacos de coco que conseguia encher: “tirava dois sacos de coco, três saco de coco”. Depois de vender as amêndoas, ia para Imperatriz comprar os mantimentos para os filhos, como diz ela: “comprar roupa para meus filhos, sandália, caderno, carne, café, açúcar, arroz, tudo isso eu comprava com o coco”. Ela percebe o coco babaçu como um elemento responsável na criação de seus onze filhos.

Quando juntava coco e botava adjunto²⁶ de modo a agilizar o trabalho, de onde costumava, com essa estratégia, “tirar” três sacos cheios de amêndoas do coco babaçu. As narrativas mostram o tempo inteiro que a atividade de quebrar coco é um trabalho exercido na coletividade, no trabalho conjunto entre as mulheres quebradeiras, faz parte de suas identidades, pois se reconhecem através da forma como trabalham e de como o produto supre suas necessidades mínimas.

Raimunda Gomes da Silva, a Quebradeira de Coco, em documentário, reafirma a resistência das quebradeiras de coco babaçu como uma luta pela vida. Diz:

Eu não luto pela morte, eu luto pela vida, pela paz. Que cada companheira que seja trabalhadora rural, elas entenda que tem que lutar pelo objetivo dos seus filhos e das outras e também cada político, cada senhores, cada senhoras que chegarem no poder, por favor, por favor acreditem no meu pensamento e no pensamento de muitas

²⁶ Reunião de um grupo de mulheres em um determinado dia para trabalhar: quebrar coco para uma delas. É uma troca solidária da força de trabalho, produção entre iguais.

outras pessoas que luta por essa paz, como a irmã Dorothy²⁷ Josimo²⁸ e outras pessoas. E lute para que nós tenhamos um mundo de paz. Eu quero morrer na minha cama da doença que Deus me dá. Não quero morrer matada não. O senhor sabe que eu não quero isso.²⁹

Não lutar pela morte e lutar pela vida na cidade de São Miguel do Tocantins representa a luta pela vida dos filhos e pela dignidade humana, pela esperança de dias melhores. O coco babaçu é um dos elementos que traz para o grupo a certeza que os filhos e as famílias terão condições mínimas de manter seu lugar, o espaço, o território, pois lutar pela vida pode ter ligação afetiva à terra, ao babaçu, às tradições e às práticas culturais.

Isso nos possibilita pensar a importância das lutas pelo direito dos povos tradicionais de permanecer em suas terras. No documentário, o clamor de Raimunda Gomes da Silva, a Quebradeira de coco, é em favor de que acreditem na força coletiva da paz, trazida por suas memórias em relação a esses dois personagens da história que lutaram pelo direito das/dos trabalhadoras/es rurais permanecerem no seu território e pela preservação das florestas de babaçu e da vida.

Sua voz traz as situações às quais ainda estão sujeitas em suas resistências. Não querer morrer de morte matada, mas sim de morte por doença que Deus dá, é uma expressão que reflete situações de violência vividas por grande parte das mulheres quebradeiras de coco babaçu, já que na busca do coco babaçu dentro dos babaçuais, muitas vezes há impedimentos no acesso a esses locais.

Em virtude das dificuldades e do trabalho diário nos babaçuais, foi-lhes negado o processo de alfabetização. Sofreram uma violência sistemática no dia a dia. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987, p. 8) enfatiza os efeitos da opressão:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão. Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo o acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e relacionamento da necessidade de lutar por ela. Luta que

²⁷ Dorothy Stang, conhecida como Irmã Dorothy foi uma religiosa norte-americana naturalizada brasileira. Pertencia às Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, congregação religiosa fundada em 1804 por Santa Julie Billiard e Françoise Blin de Bourdon. Foi assassinada 12 de fevereiro de 2005, em Anapú-Pará. Na ocasião de seus trabalhos pastorais, de suas lutas pelo reflorestamento da região e de inimizades de fazendeiros da região que se diziam proprietários das terras que seriam utilizadas no projeto.

²⁸ Josimo Morais Tavares foi um sacerdote católico brasileiro, coordenador da Comissão Pastoral da Terra. Foi assassinado 10 de maio de 1986, [Imperatriz, Maranhão](#), a mando de fazendeiros da microrregião do Bico do Papagaio por sua defesa dos trabalhadores rurais.

²⁹ DOCUMENTÁRIO: RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA. Produção de Public propaganda e Marketing. Coprodução da Fundação Padre Anchieta TV Cultura, Rede Sat/TV Palmas-TO. Edição II DOC TV. Cineasta: Marcelo Silva. Coordenação Louislene de Jesus P. Souza. Palmas: Public Propaganda e Marketing, 2007. DVD (51 min. e 55 seg.), son., color.

pela felicidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 8)

As formas de opressão sobre as quais reflete Freire (1987, p. 8) dizem respeito ao que sofre os oprimidos em uma constante, muitas vezes e, principalmente, aqueles em situação de maior vulnerabilidade, que na labuta diária soa como uma espécie de preparo para a vida e a compreensão sobre o que vem a ser “o significado terrível de uma sociedade opressora”. A inquietação de Freire aproxima-se do pensamento de dona Raimunda Gomes da Silva no documentário mencionado anteriormente, em que diz não lutar pela morte e sim pela vida. Suas palavras dialogam com as reflexões de Freire (1987), sobre a condição dos oprimidos a partir de seus territórios e lugares na sociedade.

Ferraz (1998, p. 112) em sua pesquisa no Povoado Sete Barracas em São Miguel do Tocantins, comunidade que viveu dona Raimunda Gomes da Silva, contribui com nossos estudos sobre o território, destacando que:

A comunidade de Sete Barracas se estabeleceu a partir dos anos 50. Foi constituída por um grupo que fazia parte de uma frente agrícola originária do Maranhão e que, atravessando o rio Tocantins, dirigiu-se para o norte de Goiás, posteriormente (1988) Tocantins. Nessa época intensificou-se a ocupação da região entre Araguaia-Tocantins, território recoberto pela mata de babaçu e por grandes manchas da mata características da pré-Amazônia. (FERRAZ, 1998, p. 112).

De acordo com o autor, o território recoberto pela mata de babaçu, onde as quebradeiras de coco da comunidade de Sete Barracas utilizam o babaçu como elemento de sua cultura era usado como terras comuns, de posseiros/as. Dona Raimunda Gomes da Silva, a quebradeira de coco, lutou pelo direito de ter acesso a terra e de viver da terra, por educação pública de qualidade, pela valorização do trabalho. Lutas que custaram a vida de muitos, como a de Padre Josimo, pessoa que também lutava pelas mesmas causas das/dos trabalhadoras/es rurais no Bico do Papagaio. Sobre isso, Ferraz (1998, p. 104) afirma:

Denunciantes foram não só processados, mas também presos, torturados e assassinados. O exemplo mais forte foi o do Padre Josimo Morais Tavares, assassinado em Imperatriz-MA em maio de 1986, a mando de fazendeiros (grileiros) da região do Bico do Papagaio. (FERRAZ, 1998, p. 104).

A resistência pela posse do território sempre foi marcada por lutas, vidas ceifadas e sangue derramado. Padre Josimo é um exemplo disso, assim como as quebradeiras de coco na cidade de São Miguel do Tocantins.

4 AS FILHAS DA PALMEIRA DO BABAÇU: AFETIVIDADE E PRESERVAÇÃO DOS BABAÇUAIS

O objetivo deste capítulo é analisar as relações de afetividade que se baseiam nas resistências das quebradeiras de coco babaçu. Os caminhos trilhados por essas mulheres em São Miguel do Tocantins, na busca da construção das suas próprias histórias e modos de vida tornaram-se fundamentais para o seu protagonismo na referida cidade.

A partir do lugar de fala das quebradeiras de coco babaçu, as narrativas postas aqui e analisadas fazem parte da história e construção social do lugar onde elas vivem. Para Ribeiro (2017), é preciso reconhecer o lugar de fala de cada sujeito, pois cada um/uma tem seu lugar de fala. As mulheres narram suas vidas dos quebradores de coco³⁰ nos babaçuais, lugares de onde alimentam suas esperanças e protagonizam histórias de vida. São parte de uma categoria singular, pertencendo a um grupo de trabalhadoras que retiram a renda e as vivências da força física do trabalho. As quebradeiras tornaram-se essenciais para dinamizar a economia da comunidade e da região onde elas estão inseridas.

A conexão entre as quebradeiras de coco e a palmeira de babaçu trazem um sentimento que foi se construindo ao longo da luta pela vivência e compreendem laços que unem as mulheres, independente do território em que estão, pela mesma causa. As experiências vividas na coletividade representam uma estrutura que alimenta os sentimentos potencializando-os por se sentirem pertencer e acolhidas dentro dos babaçuais. A afetividade e o cuidado podem ser percebidos nas vozes, nas narrativas das nossas interlocutoras, porque a palmeira de babaçu é a razão de sua resistência e força nos babaçuais.

A estrutura física da palmeira de babaçu é muito mais que uma planta grande com folhas longas e fruto. Entre as mulheres e a palmeira de babaçu existe um sentimento construído no dia a dia que transcende a dependência dos produtos que a palmeira dá. A afetividade é construída no contato, no cuidado e na preservação. Quando a quebradeira de coco senta, se encosta no tronco de baixo da palmeira para descansar, usa a sombra das palhas como proteção contra o sol. É nessa relação que a afetividade vai se fortalecendo, se reconstruindo e retroalimentando a segurança através de suas experiências, mas não é uma experiência isolada, é uma experiência compartilhada e vivida dentro do coletivo. A

³⁰ Dá-se o nome de quebradores de coco o lugar onde as quebradeiras de coco babaçu se reúnem dentro do mato nos babaçuais para quebrar coco. Normalmente, esse lugar é construído com quatro estacas de madeira, coberto de palha de coco babaçu para que se protejam do sol e da chuva.

experiência social pode ser explicada por uma estrutura de sentimento, conforme Raymond Willians (1979, p. 134):

Ao mesmo tempo são tomadas, desde o início, como experiência social, e não como experiência “pessoal”, ou como as características incidentais, meramente superficiais, da sociedade. São sociais sob dois aspectos que as distinguem dos sentidos limitados do social como o institucional e formal: primeiro, pelo fato de serem modificações de presença (enquanto estão sendo vividas, isso é óbvio; quando já foram vividas, essa ainda é suas características substancial. (WILLIANS, 1979, p. 134)

Considerando o que diz Willians (1979), as experiências vividas na classe de trabalhadoras rurais fazem surgir uma estrutura de sentimentos que se relaciona com a ascensão da classe, com a “consciência social quando são vividos, ativamente em relações reais” (p. 134).

Nesse sentido, os relatos orais das quebradeiras de coco babaçu demonstram experiências com as palmeiras nos babaçuais desde a infância. As construções sociais e afetivas são parte das práticas culturais, onde existe uma singularidade da mulher em relação às palmeiras, uma relação elaborada na dependência, pois as quebradeiras precisam dos frutos da árvore e, por outro lado, a palmeira necessita do cuidado e de que sejam preservadas e permaneçam de pé.

A vida é baseada na dependência recíproca, na relação entre a mulher quebradeira de coco babaçu, a palmeira e os elementos naturais presentes nos babaçuais. Ver crescer e se reproduzir a palmeira são momentos que fazem parte das vivências de gerações de quebradeiras de coco.

A afetividade se dá nos momentos da labuta diária quando veem o crescimento e muitas vezes a morte das palmeiras pelos donos de terras da região de São Miguel do Tocantins. Semioticamente falando, há um sentido construído, o lado afetivo relacionado à visão das nossas interlocutoras em relação à palmeira de babaçu é percebido no dia a dia, porque o afeto está em resistir a favor da preservação dos babaçuais e da sustentabilidade como forma de lutar pela permanência de seus modos de vida que continuam na medida que os filhos as acompanham nas atividades e assim vão construindo um sentimento puro de afeto que se revitaliza no presente.

As crianças acompanham as mães na coleta de coco e as experiências compartilhadas com o tempo compõem os saberes sobre o fruto em suas vidas. Aprendem desde cedo que é um produto gerador de renda, entretanto mais do que isso, o coco babaçu se constitui em uma atividade tradicional e cultural.

As mulheres se referem à palmeira como árvore-mãe, e percebemos, dessa forma, que essa referência é devido ao afeto que se estabelece junto à palmeira de babaçu. Para dialogar sobre essa metáfora nos remetemos ao que o autor Raymond Willians (1979, p. 134) destaca em relação ao sentimento que se estrutura enquanto as experiências vão sendo vividas, o que depois de vividas trazem características substanciais.

As florestas de babaçu, podemos dizer, se tornaram um lugar onde se constrói afetos entre as mulheres quebradeiras de coco e a palmeira, que se solidifica na experiência diária de cumplicidade, onde a preservação, pela qual tanto lutam as mulheres, é recompensada através de tudo que é aproveitado da árvore (as palhas, o coco, o tronco, o cacho de coco etc).

O afeto pode ser percebido na linguagem das quebradeiras de coco, na forma como compartilham histórias dentro dos babaçuais e nos quebradores. Suas expressões se constituem em uma forma específica de falar que foi se formando e permanecendo entre elas durante as atividades de quebrar coco e de lidar com os produtos da palmeira de babaçu.

Uma cultura que se formou e permanece dentro do grupo, através de como se relacionam com a palmeira de coco babaçu, com os produtos criados por elas para gerar renda, das formas de lidar com outras mulheres do grupo, através do falar, de se expressar e do afeto que têm (as quebradeiras de coco) em relação à palmeira. As quebradeiras de coco ressignificam a palmeira de babaçu e suas práticas em uma cultura singular em que, além de ser um meio de sobrevivência, existe o afeto, um sentimento que se estruturou ao longo das práticas cotidianas das quebradeiras de coco babaçu.

Willians (1979, p. 130) diz que as relações permanecem estruturadas em formas fixas que acabam por afastar a presença viva:

[...] nas relações entre essas instituições produzidas, formações e experiências, de modo que agora, como naquele passado produzido, somente formas fixas explicitas existem, e a presença viva se está sempre, por definição, afastando. (WILLIANS, 1979, p. 130)

Isso se explica também na importância dada à palmeira do babaçu que pode ser vista nos relatos das quebradeiras de coco. As narrativas constroem sentidos expressos nas formas de resistências aos fazendeiros e à devastação dos babaçuais, é o afeto que faz com que continuem o ideal de permanência em seus modos de vida em São Miguel do Tocantins. A “mãe palmeira”, como elas mesmas se referem às árvores e pelas quais lutam para preservar, as colocam em um papel de protetoras do meio ambiente, porque as mulheres trabalham de forma sustentável na atividade de quebrar do coco.

A dureza do dia a dia é transformada em arte, lembrança e presença. Elas têm uma percepção fácil daquilo que pode ser feito com todas as partes da palmeira de babaçu. Ver um

cacho de coco balançando com a força do vento na palmeira é enxergar um botão de rosa, um enfeite de vaso.

As entrevistas realizadas debaixo das palmeiras de babaçu em São Miguel do Tocantins e, em alguns casos, realizadas via *Whatsapp* em virtude da pandemia mundial que se iniciou no ano de 2020, nos fez perceber na cultura das quebradeiras a relação de afeto à palmeira de coco babaçu. Isso se reitera nas narrativas dessas mulheres.

Esse sentimento é algo que se move, é explícito e, ao mesmo tempo, permanece vivo em gerações posteriores.

E então, se o social é fixo e explícito – as relações, instituições, formações, posições conhecidas – tudo o que está presente e se move, tudo o que escapa ou parece escapar ao fixo, explícito e conhecido, e compreendido e definido como pessoa: este, aqui, agora, vivo, ativo, “subjetivo” (WILLIAMS, 1979, p. 130).

As maneiras de demonstrar às gerações mais novas o lugar da palmeira como um membro familiar, a mãe para a quebradeira de coco e para as famílias que vivem de todas as utilidades da árvore, de tudo que pode proporcionar à comunidade é algo subjetivo, que está aqui, agora, vivo, ativo, como diz Willians (1979). O sentimento de afeto é visível nas narrativas das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins.

Meu sentimento é maravilhoso, por que se não fosse o coco babaçu eu não tinha criado nove filho. Eu, quebrava coco todo dia pra comprar as coisa pra dentro de casa, que eu, tanto fazia tá inverno ou verão eu tinha de ir, e eu sinto como a palmeira igualmente como uma pessoa, uma vida, quando eu vejo uma palmeira derrubada eu fico triste, que ali tá derrubando uma mãe, que a pessoa derruba as bichinhas não sei para que, porque ali você quebra o coco, você faz o carvão, você tira o azeite, você faz o sabão, de tudo do coco você aproveita, com o olho de palha fazemos o cofo pra levar o coco, o pau da palmeira você bota no canteiro, tudo do coco você se aproveita. Que a pessoa quer derrubar um pé de coco é um criminoso, que ali é igualmente uma mãe pra quem não tem dinheiro, pra quem é pobre, eu fico muito triste quando eu vejo isso. (MARIA LAURINDO DOS SANTOS, SÃO MIGUEL DO TOCANTINS, 27/05/2021)

Maria Laurindo dos Santos qualifica seu sentimento pela palmeira como maravilhoso, atribui à árvore o fato de ter conseguido criar os nove filhos. Demonstra tristeza ao ver a palmeira caída e não compreende o motivo de serem derrubadas. Não compreender porque os fazendeiros derrubam as palmeiras está relacionado, principalmente, ao fato de as quebradeiras de coco ressignificarem a palmeira de babaçu para seu próprio uso, aproveitando todos os recursos que ela oferece. São atividades consideradas inúteis para os fazendeiros da região de São Miguel do Tocantins.

A palmeira ainda é o único recurso para algumas famílias. A lei do babaçu livre ³¹foi uma conquista para as quebradeiras de coco babaçu, que torna criminoso quem desmata e impede a comunidade de ter acesso às florestas de babaçu.

4.1 “Um pé de coco é igualmente uma mãe”³²

Nos babaçuais, as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, enxergam a força necessária para criar os filhos. Elas exercem várias funções para conseguir sustentar a casa. Trabalhar na roça com o marido, cuidar da casa, lavar roupa em casa e na casa de quem pode pagar por esse serviço tinha o objetivo único de criar os filhos.

O sentimento de respeito e admiração é uma ligação afetiva com os babaçuais, com a palmeira e por tudo que ela pode ofertar. Essas interconexões que se estabelecem com o ambiente em que vivem as quebradeiras de coco no seu dia a dia são explicadas por Dias (2005, p. 42):

A compreensão desta interconexão estabelecida pelas quebradeiras de coco entre saberes, práticas e percepções na sua relação cotidiana com o ambiente, pode ser considerada etapa fundamental para sistematizar as relações mantidas por povos que vivem em ecossistemas distintos e, por gerações sucessivas, aproveitam-se de suas potencialidades para sobrevivência mantendo a biodiversidade que garante esta mesma sobrevivência (DIAS, 2005, p. 42).

Os modos de viver das quebradeiras de coco respeitam fundamentalmente sua dependência ao babaçu e ao meio ambiente. Observando o próprio ambiente de trabalho e a natureza, construíram ao longo do tempo saberes e práticas culturais em relação ao ciclo natural do lugar. Desde cedo, ensinam os filhos a terem respeito ao babaçu, à natureza ao seu redor e é na dinâmica dos afazeres diários que as quebradeiras de coco constroem esse sentimento de respeito, pois no percurso da pesquisa percebemos que em suas casas, quase tudo que as mulheres têm é feito da palmeira do babaçu.

A presença da palmeira de babaçu marca os modos de viver em São Miguel do Tocantins. Dias (2005, p. 28) faz uma descrição da palmeira:

De tronco cilíndrico e copa em formato de taça, a árvore alcança altura entre 15 e 20 metros, registrando uma safra que se estende de junho a janeiro, variando de acordo

³¹ Lei N° 007 de 20 de Junho de 2005, que dispõe sobre a proibição de derrubada de Palmeiras de coco babaçu em São Miguel do Tocantins no Estado do Tocantins.

³² Nossa interlocutora, Maria Laurindo dos Santos, ao se referir à palmeira de babaçu em uma de nossas entrevistas, evidenciada neste capítulo.

com as características da região de ocorrência, e a cada florada produz cerca de 500 frutos por planta. O desenvolvimento da palmeira depende das condições de luz, sendo que numa floresta fechada, precisa de sete anos para produzir a sua primeira folha dividida de outros 47 para chegar à idade adulta. Em locais mais abertos, demora entre 10 e 20 anos para começar a produzir. Suas folhas arqueadas medem até 8 metros de comprimento e suas flores são creme-amarelada, aglomeradas em longos cachos, que podem chegar a 6 por palmeira e surgem entre janeiro e abril. (DIAS, 2005, p. 28).

Na riqueza de detalhes com que descreve a palmeira do coco babaçu, da safra, da altura da planta, da quantidade de frutos por florada, de como se desenvolve até chegar à idade adulta, o autor traduz no crescer da planta a vida das quebradeiras de coco, pois em cada etapa do crescimento da palmeira, as mulheres estão lá na labuta diária e naturalmente veem e acompanham o crescimento das palmeiras nos babaçuais. O sentimento de afeto se constrói a cada etapa do crescimento da palmeira., pois estar quebrando coco é esquecer os problemas da vida, como narra dona Maria José:

O que eu sinto quando eu estou assim, que eu vejo umas palmeiras, eu só me dá vontade de pegar o tiracó e ir para o mato, porque eu gosto de quebrar coco, porque eu nu mato, quando eu to quebrando coco, a minha intenção é só mais de quebra e olhar as palmeiras. Por que isso serve pra esquecer os problemas da vida da gente, que a gente muitas vezes vai para o mato, comigo já aconteceu ir cheia de problema mais, naquela vontade que eu tenho tão grande de quebra coco que eu me esqueço dos problema da minha vida. Só lembro mermo dos cocos, quando eu rumo pra vim pra de tarde eu já estou imaginando, ô meu Deus, que que aconteceu, porque já estou indo pra casa, eu não sei o que tá acontecendo lá em casa. Se eu pudesse, eu ficava no mato dia e noite porque eu amo quebra coco. (Maria José, 27/04/2020)

Os sentimentos de alívio, de fuga e de paz espiritual se constroem junto a escassez de tudo e da necessidade do sustento da família. O mesmo afeto construído ao viver em meio aos babaçuais é aquele que alivia as dores e à dureza da vida percebida ao entrar em casa e ver que falta o alimento, por exemplo. É como se o verde das folhas, o ar, o sol e a própria atividade de quebrar coco as fizessem esquecer as percepções dolorosas do ambiente da casa.

A ligação aos babaçuais é dada não só pela dependência alimentar e financeira com o babaçu. Isso se confirma nas palavras de dona Maria José quando diz que se pudesse, ficaria dia e noite no mato pela paz que a atividade de quebrar coco lhe proporciona. Das diversas possibilidades de aproveitamento da palmeira do babaçu, dona Maria José acrescenta:

A utilidade do coco babaçu na minha vida foi essa porque o coco me servia bastante, porque até a paia do coco servia para fazer residência para mim, morar com onze filho como eu tinha, que eu tinha uma casinha de paia, eu adorava. Passei a ter uma construída, mas ainda hoje eu sinto saudade daquela de palha, porque era muito fria, só pra tu ver como o coco é muito bom que até a palha serve para nós, e do coco nós comemos o leite, nós panhava o carvão, bota no fogo, ele pega, a gente bota uma

mangunça³³. Cozinha a manga, faz aquela mangunça, a gente quebra o leite de coco e pisa, vai comer aquela mangunça, só para tu ver que do coco a gente não perde nada, que até o leite a gente aproveita. (Maria José, 20/12/2019)

A interlocutora sintetiza narrativas de quebradeiras de coco, em que é comum perceber o sentimento de resistência e de afetividade nas palavras ao falar sobre as diversas utilidades da palmeira do coco babaçu. Esta lhe serviu em muitas situações, desde a construção da sua antiga “casinha de paia”, da qual lembra com gosto “porque era muito fria”, diz ela. Pontua o que lhe proporcionou o coco babaçu, “que do coco a gente não perde nada”. Fala sobre os benefícios da palmeira, dos alimentos e usos que se pode fazer do coco babaçu: a casa coberta de palha e o carvão.

Quando fala da casinha de palha, revela em suas palavras a saudade com a lembrança da casa fria e como produto do ofício de quebrar coco. Nos períodos de escassez de alimentos (quando acaba o arroz colhido da roça de toco), as frutas da época na região são colhidas para o preparo da “mangunça” (as quebradeiras de coco pisam as amêndoas do coco babaçu no pilão tirando uma espécie de leite grosso que junto com mangas cozidas fazem um suco).

A afetividade na fala de dona Maria José é traduzida no contexto da cultura que é gestada a partir dos modos de viver das quebradeiras de coco babaçu, fortalecendo suas identidades, o que lhe possibilitou a criação de onze filhos. Sua narrativa confirma o que percebemos em nosso trabalho de campo. As mulheres vão resistindo às dificuldades impostas pelo percurso natural da vida para agregar valor ao coco babaçu.

A interligação entre a palmeira do babaçu e a vida da quebradeira de coco se explica por ser desse lugar e através do seu trabalho que a quebradeira aparece para a sociedade, quando desde muito cedo ensinam, transmitem aos filhos a importância do babaçu para que aprendam que é um elemento importante no viver de suas famílias e na necessidade de preservação dos babaçuais para no futuro continuar preservando a identidade construída na relação com a natureza.

Ao acompanhar as mães nos babaçuais, as crianças aprendem que é necessário preservá-los para a dinâmica da comunidade onde moram. A cultura das quebradeiras é, de certo modo, uma herança cultural repassada para os filhos e filhas que asseguram, dessa forma, que sua cultura não morrerá, já que as crianças são preparadas para assumir o ofício no futuro.

³³ MANGUNÇA: as quebradeiras de coco pisam as amêndoas do coco babaçu no pilão tirando uma espécie de leite grosso que junto com mangas cozidas fazem um suco.

Nessa trilha de construção de identidade de quebradeira de coco, os filhos, nessa mesma prática, constroem um sentimento pela palmeira, considerando-a uma “mãe” capaz de promover seu sustento. Observamos essas questões descritas acima na fala da Quebradeira de coco Maria Alaíde, coordenadora do MIQCB, em um vídeo no *Youtube* “Quebradeiras e Direitos Territoriais: a luta dos povos tradicionais frente ao agronegócio” em que ela fala a luta das quebradeiras de coco babaçu e a importância do MIQCB para as quebradeiras de coco:

A partir dos conhecimentos tradicionais da mãe e do pai na quebra do babaçu, estudando na comunidade até a quarta série, quando ia estudar de manhã, à tarde acompanhava a mãe no seu apoio na roça. Casou nessa comunidade tendo a juventude nessa comunidade e daí vivenciado uma década todinha da quebra de coco de metade³⁴, vivenciado uma coisa chamada lei na marra, que era quebrar, entrar na propriedade sem o dono deixar. Quando foi em oitenta, começamos nos organizar em clubes de mães. E esses clubes de mães juntaram nós a partir da essência do babaçu era esse babaçu que dava a vida pra nossas famílias, de oitenta por cento pra toda a nossa alimentação, pra toda a nossa roupa, nosso calçado, remédio. (MARIA ALAÍDE, 25/06/2020)³⁵

A quebradeira Maria Alaíde narra a vida das quebradeiras desde a infância e juventude, pautadas na luta pela sobrevivência, a formação das identidades que se constroem ao repassar os conhecimentos aos filhos. Em sua fala é possível perceber a segurança alimentar proveniente da quebra do babaçu, que proporciona não só o alimento, mas roupas e remédios, ofício que apreenderam desde criança, o trabalho com aquilo que a natureza oferece.

Desde a infância, as quebradeiras de coco babaçu ensinadas por seus pais, aprendem a respeitar, valorizar e cuidar das palmeiras, desenvolvem o sentimento de pertencimento e a necessidade de responsabilidade pela manutenção das histórias, dos modos de experienciar a própria construção social.

As gerações mais novas são preparadas para assegurar a manutenção da luta e da resistência, como destaca Mendes (2016, p. 22) no trecho a seguir, sobre a necessidade da luta em defesa das quebradeiras:

As mulheres quebradeiras de coco babaçu não se calaram aceitando essa história e ao longo de mais de vinte anos têm lutado incessantemente para que seu reconhecimento, enquanto comunidades tradicionais vá além do papel, lutando por suas identidades e pela preservação do acesso livre aos babaçuais. Somando a essas bandeiras essas mulheres lutaram por mais, pela igualdade entre homens e mulheres,

³⁴ É quando o dono da terra só permiti a quebradeira de coco, quebra o coco se ela dividia a metade do produto do seu trabalho. Isto se ela quebra vinte litros de coco dez é do dono da terra.

³⁵ Entrevista realizada em lago do junco, através de uma *live* promovida pelo o MIQCB, Maranhão, dia 25/06/2020. Vídeo Quebradeiras e Direitos Territoriais: a luta dos povos tradicionais frente ao agronegócio. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=P6kv3YgiSb4&feature=em-lbcastemail>

por políticas públicas que reconheçam e valorizem suas atividades econômicas, inserção e valorização da juventude no campo, valorização dos seus saberes tradicionais, por melhores condições de saúde, uma luta que rompe uma história de sofrimento e submissão. (MENDES, 2016, p. 22)

A defesa da existência do trabalho nos babaçuais, a luta pelo reconhecimento de suas identidades sempre foi uma bandeira das mulheres quebradeiras de coco. Os modos de viver são pautados pela equidade de direitos entre homens e mulheres, buscam reconhecimento e políticas públicas pela urgência em defesa dos babaçuais, para que os jovens e as futuras gerações não tenham que migrar do seu território em busca de oportunidade e emprego nas cidades.

As trajetórias de vida têm uma herança de luta por direitos e, por reconhecimento como grupo social construtoras de culturas específicas dessa categoria. A palmeira do babaçu tornou-se um elemento simbólico por tudo que oferece e pela dinâmica estabelecida no local, nas vivências e no respeito gerado, é força que proporciona às quebradeiras de coco a coragem necessária para continuarem buscando junto a sociedade civil a preservação dos babaçuais. A palmeira é o elemento principal da história de vida das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins.

No dia a dia se percebe a importância e a presença do babaçu na vida das quebradeiras de coco, desde o momento que acordam e abrem os olhos ao verem as palhas que cobrem as casas. Ainda hoje, uma parte significativa das quebradeiras de coco babaçu moram em casas cobertas de palhas de palmeira do babaçu; ao realizarem a primeira refeição do dia e usarem o carvão feito das cascas do babaçu; ao prepararem o alimento para consumo com o óleo feito das amêndoas do babaçu; ao preparar a galinha caipira, as quebradeiras utilizam o leite do coco babaçu.

As identidades e culturas interligadas e completadas no uso do coco babaçu em muitas situações é marca de sua cultura. A colheita dos frutos é uma atividade quase exclusiva das mulheres, da cultura feminina, fundamental para a renda das famílias. Por esse viés, a cultura e os modos de vida são atravessados pelo trabalho feminino, pela busca por criar e potencializar os recursos da palmeira como essenciais para tornarem essas mulheres capazes de viver do fruto do seu trabalho.

Em momentos felizes ou em momentos difíceis a árvore está lá firme e imponente com suas grandes folhas verdes, cachos de coco pendurados pelos mangagás³⁶. É como se o

³⁶ Diz-se da estrutura do cacho do coco babaçu que segura os cocos babaçus.

sentimento de resiliência³⁷ fosse transmitido para a quebradeira no balançar da palmeira com o vento forte, dando impressão de que vai se partir ao meio. Ainda assim, a palmeira resiste ao vento forte e aos raios de sol que cortam o céu, às fortes chuvas e às queimadas provocadas pelos fazendeiros. A maioria das árvores continuam de pé cumprido seu ciclo natural da vida que para as quebradeiras é a certeza de sobreviver à dureza da vida.

As quebradeiras de coco babaçu têm a construção social humana atravessada pelos produtos que a palmeira dá, pelas vivências e experiências que desenvolvem, epistemes específicas em relação ao território onde essas mulheres produzem seu próprio sabão feito com o óleo do coco babaçu. São conhecimentos construídos e repassados de geração a geração que fazem com que as quebradeiras lutem para mantê-los na tradição, no território onde vivem e lutam reivindicando o direito de ser e de manter a quebração do coco como constituinte da identidade da mulher extrativista que tem uma relação com o coco babaçu e que é produtora de saber, de cultura e da história.

Os vários usos do coco babaçu tornam-se fonte de alegria para as quebradeiras de coco na tentativa de garantir direitos através da organização de grupos de mulheres, o que faz com que elas, de algum modo, ganhem espaço nos diversos âmbitos das notícias nas mídias e protagonizem suas histórias e narrativas de lutas pela preservação do babaçu. Denunciam ao mundo a urgência de defender as florestas de babaçuais e, conseqüentemente, tomam pra si sua própria história de resistências na qual são personagens principais.

Para que continuem seus trabalhos com os produtos vindos das palmeiras de babaçu, se organizaram e criaram a Associação de Mulheres do Bico do Papagaio (ASMUBIP), sob a liderança da Raimunda a quebradeira de coco:

A ASMUBIP foi fundada no dia 28 de novembro de 1992, em São Miguel do Tocantins, quando reuniu 162 mulheres trabalhadoras rurais. Na ocasião, todas votaram para eleger a coordenação da recém-criada entidade. É significativo que 96 mulheres votaram sim para a chapa única apresentada e, embora não tenha sido registrado nenhum voto contrário, conforme ata de fundação, 66 mulheres deixaram de votar, ou porque estavam fora do ambiente no momento da votação (DIAS, 2005, p. 46).

Ao descrever o momento de fundação da ASMUBIP, Dias (2005, p. 46) destaca que a associação tem o objetivo de agregar valor ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu da Região do Bico do Papagaio e fortalecer identidades. Sua primeira coordenadora geral foi Raimunda Gomes da Silva, líder das quebradeiras de coco babaçu. A ASMUBIP foi um dos caminhos para a visibilização das mulheres na região do Bico do Papagaio. Porém, Dias

³⁷ Está associada à capacidade que cada pessoa tem de lidar com seus próprios problemas, de sobreviver e [superar momentos difíceis](#), diante de situações adversas e não ceder à pressão, independentemente da situação.

(2005, p. 47) citando Almeida (1994, p. 530) diz que as associações nunca sobrevivem muito tempo:

As associações, a molde das unidades de mobilização aqui estudadas, nunca sobrevivem muito tempo e tampouco funcionam num mesmo nível de atuação e organização, sendo bastante suscetíveis à desmobilização, dado que só uma efervescência extraordinária e geral pode permitir que sejam possíveis e eficazes. Seriam vistas, sob este prisma, como “movimento de circunstância”, espontâneo e feição contingencial, distinguindo-se do caráter organizado e permanente das lutas sindicais. (DIAS, 2005, p. 47 apud ALMEIDA, 1994, p. 530)

A vida curta das associações não quer dizer o fim da resistência das quebradeiras de coco. Raimunda Nonata é membro do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco (MIQCB), uma das criadoras do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Cidade de São Miguel do Tocantins. Em uma entrevista concedida no dia cinco (5) de julho de 2020 na sede da Associação das Quebradeiras de Coco babaçu da Região do Bico do Papagaio, Raimunda Nonata nos relatou um pouco como a luta começou, os motivos que levaram as quebradeiras de coco babaçu a se organizarem em grupos e associação para defender os babaçuais e a manutenção dos mesmos:

Nos anos finais de 80, a gente começou a lutar pra criar uma associação, já tinha criado os sindicatos, a gente começou a discutir uma associação de mulheres que fosse reivindicar a não derrubada do babaçu. Aonde nós podia tá se reunindo, discutindo e levando a nossas propostas pra não ser derrubado nossos babaçuais, as nossas matas, que inclusive aqui no Bico do apagaio teve, tomada de terra né pelo fazendeiro. E essas terras que eles tomaram eles devastaram todas as plantações que nós, se sustentava. Que inclusive o babaçu também estava aqui no meio, e ele foi derrubado nessas grandes áreas de terra. (NONATA, 07/07/2020)³⁸.

Nesse relato, Raimunda Nonata nos fala da década de oitenta a resistência, da luta em defesa do coletivo de mulheres de várias gerações pela manutenção dos babaçuais, pois as palmeiras estando de pé proporcionam segurança para o confronto com os fazendeiros. Como narra nossa interlocutora, nos anos oitenta na Região do Bico do Papagaio, terras foram tomadas por fazendeiros, o que levou as quebradeiras a se organizarem para a criação dessa associação em defesa do babaçu. Isso mostra que nesta década já havia resistência e luta pelo babaçu, tendo como suporte os Sindicatos e a Associação de apoio a essas lutas em defesa das mulheres quebradeiras de coco.

Diz ainda que a mata foi sendo devorada, as terras e os babaçus, momento em que se viram ameaçadas pelos fazendeiros, mostrando que até hoje as ameaças continuam por

³⁸ Entrevista realizada com a quebradeira Nonata na cidade de São Miguel do Tocantins 07/07/2020.

aqueles que se julgam donos das terras, impedindo-as de entrar nas terras para quebrar coco, criando obstáculos.

E a gente viu que nós tava ficando sem o nosso babaçu, aí a gente começou a se reunir e discutir uma Associação de Mulheres, e que não fosse uma Associação local, mais sim uma associação mais ampla, regional, que na época aqui no Bico do Papagaio era só doze municípios. Ai nós foi, e discutiu essa ampliação dessa, associação que era em doze municípios, criamos a ASMUBIP. Nesses doze municípios que tem a ASMUBIP, ela não tem nome de Associação da Quebradeira, mas ela tem o nome de Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais, nós não trabalhava só com as quebradeiras nessa Associação, nós trabalhava com quebradeira, trabalhadoras rurais, porque todas as quebradeiras são trabalhadoras rurais, né, mais pra distinguir nós colocamos Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio, e nós trabalhava com a família, nós trabalha com a família pra tá organizando a família, nessa luta contra a derrubada dos babaçuais e também para a nossa sobrevivência lá dentro das comunidades rurais. (NONATA, 07/07/2020)³⁹.

O trabalho coletivo fortalece as mulheres quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins que ampliaram a Associação em nível regional que atendesse todas as mulheres trabalhadoras rurais e as famílias sem distinção em toda a Região do Bico do Papagaio.

Dona Maria José, uma de nossas narradoras, por exemplo, vê nos filhos o incentivo que precisa para continuar a atividade de quebrar coco, pois é através desse trabalho que consegue suprir as despesas da casa com o dinheiro que adquire com os produtos originados do babaçu.

A relação de dependência com os babaçuais é percebida ao ver uma palmeira e sentir vontade de “pegar o tiracó⁴⁰ e ir para o mato, porque eu gosto de quebrar coco”. A palmeira é vista como algo que acalma as perturbações provocadas pelas dificuldades financeiras. A cultura das quebradeiras de coco babaçu está no dia a dia, na labuta diária, nas práticas, visível nas canções cantadas no momento da quebração do coco. Há uma continuidade da atividade, que é passada por gerações e isso pode ser percebido nas palavras de dona Maia José ao contar um pouco da sua história de vida:

Tenho cinquenta e oito anos de idade, nasci no dia dezoito de agosto de sessenta e um. Daí por diante, de quando eu me entendi já foi quase quebrando coco, eu comecei quebra coco, eu acho que eu tinha, acho não, eu tinha treze ano de idade. Daí por diante eu nunca parei um dia, que o coco me serve muito. Eu quebro coco, tiro azeite, faço sabão, da casca faço calvão e daí por diante ele me ajuda bastante, tiro o óleo pra temperar. Tive doze, doze filho, quebrava coco, no dia que eu acabava meu resguardo no outro dia já estava quebrando coco para eu comprar o açúcar, a massa, o leite, o arroz e o feijão. Criei meus filhos quebrando coco e fazia tudo com esses cocos, que do coco que nem eu já te falei, eu tirava gordura pra

³⁹ Entrevista realizada com a quebradeira Nonata na cidade de São Miguel do Tocantins 07/07/2020).

⁴⁰ Utensílio feito de palha de coco babaçu usado pelas quebradeiras de coco para apanhar os cocos.

temperar, eu tirava azeite vendia comprava a sandalhinha e os calção para os meus filhos, camisa e tudo, tudo a troco, através desse coco que eu estou te mostrando. Quebro lá no Juaquinção, na terra ali do Julimar. Atravesso o Julimar, vou quebrar lá numa terra chegando no olho d'água do coco, porque eu tenho terra aqui perto do vizinho, mas ele chegou dizer para mim que eu não posso entrar dentro da terra dele, para apanhar coco, mais como eu vivo do coco, eu vou caçar distante e trago pra casa pra quebrar. Eu não sei o que seria de mim, porque é de que eu vivo, é quebrando coco, se eu chegar a morar num lugar, que não tem coco pra mim é uma tristeza maior que eu vou encontrar em cima do chão, porque eu vivo só do coco, quebro coco, só falto quebra de noite, Já hoje mermo sábado, eu me sentei, quebrei um baldinho de quatro lito de coco. (MARIA JOSÉ, 20/12/2019).

Diz Maria José que desde treze anos de idade ela quebra coco, sendo, portanto, uma atividade que sua mãe a ensinou. Reafirma as utilidades do coco babaçu, demonstrando uma espécie de gratidão e de felicidade por ter conseguido criar todos os filhos com ajuda do que ela produzia utilizando a palmeira.

Lembra o resguardo⁴¹ que precisava cumprir os trinta dias, mas percebia a necessidade de não parar de trabalhar, pois precisava ter dinheiro para comprar o alimento, reiterando que o trabalho de quebrar coco babaçu é fundamental para compor o sustento da família. Dizer que a palmeira do babaçu é como uma mãe, é ser grata por tê-la porque é de onde tiram os produtos que utilizam para se alimentar e vender, demonstrando aqui o sentimento de afeto.

O que dificulta manter seus modos de vida é a figura dos donos de terras, como afirma Maria José, pois não permitem a entrada das mulheres nos babaçuais de suas terras, forçando-as a irem para muito longe a procura do coco babaçu, dificultando ainda mais a vida e o trabalho das quebradeiras de coco. Quebrar coco é parte da vida dessas mulheres e é uma atividade relacionada à formação e construção social dentro do lugar onde estão inseridas.

Cada litro de azeite de coco comprado e consumido por alguém dá sentido ao trabalho e legitima a categoria. Marcam e escrevem suas histórias despidas da ganância e da arrogância percebidas nos fazendeiros da região de São Miguel do Tocantins, tendo no babaçu a força e a esperança necessária para continuar. “Assim, as quebradeiras de coco fortalecem a atividade babaçueira que encerra conhecimentos específicos, cultura e tradição, ao criar uma categoria distinta da universalização proposta por outras categorias, como ‘povos das florestas’” (DIAS, 2005, p. 51), trazem as marcas do seu trabalho em seus corpos, as cicatrizes nas mãos provocadas pela lâmina do machado, seu instrumento de trabalho e que, muitas vezes, lhes arrancam pedaços dos dedos.

⁴¹ Momento após parir um filho. Geralmente, um parto feito por uma parteira e em casa. Passam trinta dias sem fazer nada, repousando no quarto, devendo sair somente com a cabeça amarrada com um pano. Nesse período, as quebradeiras se alimentam apenas de galinha caipira de primeira pena, isto é, frango novo. Após trinta dias, elas começam a fazer suas atividades normais.

A tessitura de seus corpos traz as marcas da realidade do trabalho, a afirmação de uma identidade, como afirma Dias (2005, p. 63-64):

Ser mulher e Quebradeira de coco significa ter corpos constituídos culturalmente, uma vez que não são poucas as que falam de problemas de hérnia, devido ao peso do coco transportado nas costas; de coluna, em função não só do peso mas também da posição em que realizam a quebra do coco, e com dedos e mãos mutilados pelo uso do machado sempre muito afiado. Isso sem falar na pele castigada pelo sol. É todo um conjunto de práticas cotidianas que cria a mulher Quebradeira de Coco do Bico do Papagaio, distanciando-a do modelo imposto pela indústria cultural, mas afirmando uma identidade hoje reconhecida. (DIAS, 2005, p. 63-64).

Exercem um trabalho que exige força física ao adentrar nos babaçuais, carregar cofos cheios de coco na cabeça, a exposição ao sol escaldante, a postura física as deixa de “arcada para frente” (com a coluna para frente, corcunda) são práticas que, conforme Dias (2005, p. 63-64), enfrentam todos os dias e as definem como quebradeiras de coco. As marcas de sol no rosto, as cicatrizes provocadas pelos arames farpados que precisam atravessar para apanhar o coco babaçu, além de uma linguagem que é típica em seu meio e que vão adquirindo com o passar do tempo.

O trabalho árduo envolve o físico e o mental, pois nas entrevistas realizadas percebemos que quando a quebradeira, quebra o coco precisa no mínimo bater quatro vezes com o macete no coco babaçu para conseguir parti-lo e retirar as quatro amêndoas (o bago), atividade que exige paciência, coordenação motora fina e força física. Na e pela oralidade que a cultura das quebradeiras de coco babaçu se afirma. Quando sentam nas barracas para quebrar coco junto com outras mulheres, compartilham sonhos, felicidades e histórias para as demais.

As lutas e as conquistas vão ensinando e recriando modos de viver que por muitas gerações resistem às adversidades da vida, tendo na quebração do babaçu a esperança e a certeza de sua sobrevivência. “Ser mulher e quebradeira de coco no Bico do Papagaio significa muito mais que embrenhar-se nos cocais de babaçu para quebrar o coco, produzir e comercializar o óleo” (DIAS, 2005, p. 61).

Ser quebradeira de coco babaçu em São Miguel do Tocantins é assumir uma postura política, uma categoria, uma identidade cultural e assumir heranças de ancestralidades de quebradeiras de coco babaçu, que ao longo dos anos resistem em sua construção social. Lutam pelo direito ao respeito por seus modos de viver, que para a quebradeira que assume seu lugar de fala é a essência da sua construção social de mulher que traz na própria história alegrias proporcionadas pelos babaçuais.

Estar lá, como pesquisador, é ver e ouvir o som e acompanhar o ritmo do trabalho que fazem ao sentar no chão, posicionar o machado: um na mão e outro cabo em baixo de uma das pernas e o macete ao partir o coco; um som que pode ser ouvido de muito longe, marca os babaçuais e comunica a existência da quebradeira de coco trabalhando e lutando pela sobrevivência.

Nessa direção, além de a quebra do coco ser um trabalho, é um ato de coragem e de luta pela vida, assegura o mínimo necessário nas despesas da casa. É um trabalho duro, pois quando acompanhamos a Quebradeira Maria José no baixão da Quinô⁴² percebemos como a quebradeira precisa ter coragem todos os dias, pois vimos o suor escorrer no rosto, mas logo encontrar o sorriso largo, a quebração do babaçu tem um significado potente para as mulheres de São Miguel do Tocantins, a esperança de se manterem firmes na jornada da resistência e da perseverança.

4.2 As guardiãs de saberes e a preservação dos babaçuais

As quebradeiras de coco são guardiãs das tradições culturais dos saberes e fazeres daqueles que ao longo das suas experiências foram construindo relações de afetividade com as palmeiras no dia a dia. Ao aproveitar tudo que a palmeira de babaçu oferece, vivenciam a sustentabilidade por conseguirem utilizar o produto sem desperdícios.

Emília Alves é quebradeira de coco e membro do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco (MIQCB), moradora de Sete Barracas, povoado de São Miguel do Tocantins nos concedeu uma entrevista em que relatou os afetos e as lutas em defesa das palmeiras de babaçu:

Como ver as lutas das quebradeiras de coco babaçu nos dias atuais, a luta é uma luta muito tremenda sabe, a gente lutou e lutamos, contra as derrubadas, contra os venenos contra as queimadas, contra todas as coisas que vem nos perseguindo. Sabe, foi muito difícil mais hoje a gente vê que valeu a pena a gente lutar, valeu a pena a gente sofrer, valeu a pena a gente ir pra frente dos tratores, das derrubadas de babaçuais, valeu a pena a gente lutar conta os latifúndios que queria acabar com tudo, derrubando tudo quanto era babaçuais, valeu a pena, muito, muito, muito mesmo! (Dona Emília, 07/07/2020)

Emília Alves relata sobre as lutas contra as derrubadas, contra os venenos, as queimadas, evidencia sua disposição em defesa do seu território. O sentimento que as leva a defender as palmeiras transcende as questões materiais, é um sentimento “parido” desde o

⁴² Babaçual grande dentro de uma mata no território de São Miguel de propriedade da senhora Quinô.

momento que as filhas das quebradeiras começam acompanhar as mães na quebração do babaçu.

Desde crianças escutam as mulheres mais velhas contarem suas histórias, as angústias e vitórias proporcionadas pelas palmeiras de babaçu que lhes permitem ressignificar suas vidas. A narrativa compõe o conjunto das outras narrativas até aqui analisadas sobre o afeto às palmeiras, ao sentimento materno pela planta de onde tiram o sustento.

O babaçu é o principal produto. Quando cai o cacho inicia o trabalho da quebradeira de coco que o apanha e põe no cofo, também feito da palha de coco babaçu. Com os vários usos que se pode fazer da palmeira, nasce no coração da quebradeira o sentimento de mãe palmeira, um sentimento comum compartilhado pelas quebradeiras de coco dentro das diversas comunidades no Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí.

Emília Alves relata que a luta das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins foi grande. Segundo ela, os fazendeiros derrubavam as palmeiras e envenenavam as pindovas⁴³ para que morressem. Havia o confronto, pois as mulheres quebradeiras de coco tinham que denunciar os fazendeiros para que as palmeiras continuassem de pé, garantindo a sobrevivência muitas famílias. “Valeu a pena a gente lutar, valeu a pena a gente sofrer, valeu a pena a gente ir para frente dos tratores”, disse dona Emília evidenciando sua disposição em defesa do seu território, em defesa das palmeiras e “vestidas de coragem” (DONA EMILIA, 2020). Mostram a disposição à luta, em morrer pelo babaçu como um filho morre por sua mãe. Arriscam-se nas lutas e até colocam-se diante de um trator, como narrou Dona Emília.

Lembra ainda do passado de lutas, dos confrontos, das perseguições e das conquistas. As lutas são de um coletivo de mulheres e de uma categoria de trabalhadoras rurais, quebradeiras de coco, é uma luta de mulheres diversas, unidas pela quebração do babaçu. Dona Emília rememora as dificuldades nas décadas de setenta e oitenta:

Olha, eu vou te falar uma coisa, naquela época, em mil novecentos e setenta e três, mil novecentos e oitenta, oitenta e cinco, oitenta e seis. Sabe que nós fomos despejados daqui, em mil novecentos e oitenta e quatro, naquela época a gente sofreu demais. A única salvação nossa, foi o babaçu, porque era dele que nós tirava o sustento. Os fazendeiros derrubavam as nossas casas, deixaram a gente fora das nossas terras que nós estava dentro sem poder pegar nosso alimento, que ficou dentro das fazendas, dentro da terra sem poder quebrar coco, pra comprar o que comer. Pra nós a situação ficou muito difícil nessa época, a gente não tinha onde tirar nosso sustento, porque nosso sustento era o babaçu, nesse tempo a gente ficou sem as nossas roças, sem pegar os nosso arroz, sem pegar nossas macaxeiras na roça, sem pegar nossa mandioca pra fazer farinha, então a gente não tinha condições de entrar pra pegar nada, então nessa época, a gente sobrevivia através do babaçu. Eu mesma criei minhas filhas, quebrando coco, tu mesmo sabe disso, eu tenho duas filha e um filho, aliás eu criei mais um, fez quatro, e eu não tenho vergonha de dizer,

⁴³ Uma palmeira de babaçu em desenvolvimento que ainda não produziu cachos de coco.

não me envergonho de dizer que meu marido trabalhava na roça, nós nunca compramos nada fiado nas quitanda, pois trabalhava na roça e eu quebrava coco pra comprar o sustento, passava a semana toda, quebrando coco, quando era no final de semana nós ía, nós dois para poder comprar a carne pra comer na semana. E assim, meu irmão, eu, criei quatro filhos, dando o sustento, o almoço, a janta, o calçado, a roupa, o remédio, quando precisava, tudo isso através do babaçu, quebrando coco vendendo, fazendo azeite, fazendo sabão pra lavar a roupa, o carvão pra cozinhar, ainda hoje a gente tem isso como uma coisa muito importante na nossa vida. (DONA EMÍLIA, 07/07/2020).

Ao recordar sobre a situação difícil nos anos setenta e oitenta, dona Emília reafirma a existência de conflitos das quebradeiras de coco com os fazendeiros. Estes últimos destruíram casas, retirando o único meio de sustento, foram despejadas das moradias. O trabalho extrativista era a única forma de sobreviver e mesmo sendo o babaçu o meio de sustento, ainda assim lhes era retirado esse direito.

Nossa interlocutora ressalta o orgulho em nunca ter comprado nada fiado na quitanda. Tudo que produzia era a partir do trabalho de quebrar coco durante a semana. Vendia para, no final de semana, comprar alimentos, roupas e remédios, conforme a necessidade em casa.

Uma fala muito recorrente das quebradeiras de coco é o fato de a palmeira do babaçu ser considerada uma mãe e ser tudo na vida. Isso se justifica por ser a palmeira o lugar de onde tiram os produtos que conseguem vender, gerar renda e sustentar a família. Emília Alves demonstra bem o lugar que a quebração do babaçu tem na composição da renda das mulheres que protagonizam as dificuldades, as lutas e o seu trabalho. Os babaçuais são seu lugar de trabalho, existem e sobrevivem por causa dos babaçuais, por isso defendem o babaçu, que acaba por ser uma forma sustentável de manutenção das palmeiras do babaçu.

As identidades são construídas a todo momento nos enfrentamentos, nos conflitos pela manutenção das florestas de babaçu, para que continuem existindo e gerando vida, sonhos e pontes que liguem as culturas à preservação dessas plantas produtoras não só de babaçu, mas geradoras de saberes construídos por meio das palhas, dos frutos, das sementes e da sua morte, pois até caída, a palmeira se transforma em adubo pelas mãos das quebradeiras de coco e com o adubo plantam e fazem canteiros⁴⁴, ressignificando a morte da palmeira de babaçu.

A atividade de quebrar coco entre as mulheres de São Miguel do Tocantins é um saber intergeracional, pois vemos que as mulheres aprendem com as mais velhas do grupo ou as mais velhas da família. Reconhecem a importância do babaçu para o coletivo de mulheres quebradeiras de coco. Emília Alves conta ser neta e filha de quebradeira de coco:

⁴⁴ São pequenas plantações de hortaliças feitas pelas quebradeiras de coco onde se planta cebola, coentro, alface etc, onde o principal adubo é do tronco apodrecido da palmeira de coco babaçu.

E esse negócio de quebrar coco, de achar que o coco é uma coisa importante na nossa vida, é uma tradição, uma tradição de família, que já vem dos antepassados, então minha avó era quebradeira de coco, minha mãe era quebradeira de coco, e eu, quando eu cheguei aqui, eu, não quebrava coco, mais me transformei também em uma quebradeira de coco. Hoje sou apaixonada pelo babaçu, sou tão apaixonada que fiz e faço parte de uma Associação de Quebradeira e, hoje também eu estou em outra Associação de Quebradeira que é o movimento Interestadual das Quebradeiras que atua em quatro estado Pará, Maranhão, Piauí, Tocantins, tem seis regionais uma no Pará outra no Tocantins outra na Imperatriz, outra na baixada maranhense e outra no Piauí, e a gente vive nessa luta e tudo na defesa dos babaçuais na defesa da natureza e que a gente tem as Palmeiras como uma mãe palmeira. (EMÍLIA, 07/07/2020).

Dona Emília trata de saberes no qual podemos mensurar que ocorre entre gerações, com sentidos e significados de práticas sociais e culturais que atravessam gerações. Apresenta o trabalho com o coco a partir de conhecimentos e experiências que as mulheres da sua família tiveram.

O sentimento de gratidão se mantém na narração de dona Emília, que ao longo dos anos foi nutrido e alimentado pela palmeira quando se diz apaixonada pelo babaçu, “sou tão apaixonada que fiz e faço parte de uma Associação”. Mesmo depois de muitas lutas enfrentadas, conseguiu viver, sobreviver e dar comida aos seus filhos através do trabalho e da coragem de lutar em defesa do babaçu.

Nem mesmo com a passagem do tempo, o sentimento pelo babaçu mudou, continua a demonstrar a paixão por quebrar coco babaçu, o respeito pela árvore que lhe proporciona segurança alimentar. Seja verão ou inverno, o babaçu se reproduz naturalmente no solo suprimindo o necessário para que as quebradeiras continuem produzindo alimento e esperança.

Em nosso trabalho de campo, dona Emília também disse o porquê de as quebradeiras verem as palmeiras de coco babaçu como uma mãe. Elenca múltiplos usos que fazem com todos os produtos da palmeira, desde as palhas e talos⁴⁵ da árvore até as cascas do coco. Dessa maneira, não pode ser considerado exagero o sentimento materno que têm as quebradeiras de coco pela planta de onde tiram o sustento,

Por esse viés, no mundo das quebradeiras de coco é essa a ligação existente entre elas (as quebradeiras de coco) e a palmeira, porque esta última lhes possibilita sentimento de segurança. Parece legítimo chamar de mãe a palmeira dentro das comunidades onde a planta proporciona suprir necessidades básicas do dia a dia.

Dona Emília continua a reiterar sobre o que pode ser feito com os produtos retirados das palmeiras do babaçu:

⁴⁵ Faz parte da palha do coco babaçu ficando no meio palha, é utilizado pelas quebradeiras de coco babaçu na construção das paredes das casas, tendo como função segurar o barro.

Que ai você vai todo dia, que você vai lá, você acha uma coisa, e, é uma coisa que tem muita importância na nossa vida, porque as palhas você cobre a casa, os talo a gente faz as parede das casa, a palmeira quando ela apodrece a gente faz estrume pra botar nas pranta, nos canteiro, nas planta, nas rosas, nas flores, e, o coco em si a gente tira o azeite, faz o leite pra comer com capão, com peixe, a casca a gente faz o carvão pra cozinhar, pra fazer a comida, uma comida mais deliciosa, tu sabe disso também. Então, é assim, pra nós é uma dedicação total nessa questão da quebra de coco babaçu sabe, existem pessoas que, tem vergonha de dizer que criou os filhos, que tirou o sustento dos seus filhos, através do babaçu, o sustento da agricultura familiar. A gente tá vendendo, o azeite, a gente vende outra, bota nos programa do governo, é uma coisa assim, e a gente faz sabonete, faz mesocarpo, faz uma porção de coisa, artesanato, uma porção de coisa que vem ajudando as mulheres sabe, e que hoje a maioria das mulheres são quebradeira de coco, se orgulha. Todas nós como orgulhosa de ser quebradeira de coco. Porque a gente tem uma tradição de família, tem um sonho tem como o seu viver a sua luta de quebradeira de coco babaçu, tem um movimento social nas suas comunidades, então é muito importante na nossa vida. Dizer, falar de quebradeira eu tenho orgulho de falar, pois eu sou uma quebradeira de coco com muito orgulho de ser. E as palmeiras são as nossas 'mães, mãe palmeira'. (DONA EMÍLIA, 07/07/2020)

Dona Emília descreve como são os modos de viver das quebradeiras, o dia a dia, a sobrevivência, a construção de estratégias de resistências baseadas nos usos diários do babaçu. Se orgulha de pertencer ao grupo social de quebradeiras de coco babaçu e fala novamente da tradição que pauta a vida das mulheres.

Demonstra a força e a diversidade que o babaçu proporciona no viver das quebradeiras, pois a palmeira é como uma bússola que direciona as mulheres. É preciso compreender que onde tem babaçu, tem quebradeira de coco, onde tem quebradeira estarão essas mulheres, não só para viver do que a palmeira pode ofertar, mas para proteger e preservar como elas mesmas fazem questão de falar porque são suas mães, a mãe palmeira.

As quebradeiras de coco dão sentido ao lugar que moram e, ao darem sentido, criam afeto, constroem seu território. É território de babaçuais, fonte de geração de oportunidade de viver. Diz Dona Emília que, a partir do seu trabalho, retira do babaçu a alimentação e os recursos necessários para viver, criando pontes estreitas entre as mulheres quebradeiras de coco e as palmeiras de babaçu em uma simbiose quase perfeita entre elas.

Nonata é uma das pioneiras na luta e na defesa do babaçu na cidade de São Miguel do Tocantins e reafirma o que dizem Emília Alves, Maria Alaíde, Maria Laurindo e todas as nossas interlocutoras nos disseram sobre a construção do respeito e da afetividade das mulheres com as palmeiras de babaçu. Nonata nos conta sobre a origem do babaçu e da necessidade que têm as mulheres em quebrar coco justamente por ser o que vai suprir e amenizar dificuldades. Ela participou do movimento de organização das quebradeiras para criar as associações em defesa das palmeiras de babaçu. Nonata relembra a luta de suas ancestrais na família:

O babaçu, ele é um produto que ele é nativo, é uma árvore nativa que ninguém plantou, e é um produto que todas as mulheres de muitos anos atrás. Minha vó, minha bisavó, todo mundo se sustentava com esse produto, por que quando a pessoa não tinha outro jeito de viver, ela se sustentava quebrando coco pra comprar alimentação pra família, e todas as mulheres quebravam coco porque naquele tempo não tinha serviço perto, emprego não tinha em todo lugar, não tinha prefeitura, não tinha escola. Assim, para as pessoas estudar e se formar de professora e trabalhar como funcionário público e o trabalho mesmo era quebrar coco. Nós quebrava coco, minha vó quebrou coco, minha bisavó quebrou coco, minha mãe sustentou os filhos com quebração de coco, e assim sucessivamente. Quase todas as mulheres do campo quebravam coco, e de um tempo pra cá, dos anos setenta, começou os desafios, começou que as mulheres tinham seu próprio local aonde quebrar seu coco, aí foi começado tomar, de ser tomado pelo fazendeiro que se dizia dono. Logo apareceu pessoas dizendo que era dono desse babaçu, que era dono dessas terras, e começou a devastação das matas, grandes derrubadas de matas e babaçuais, e as pessoas foram ficando sem ter aonde pegar o babaçu porque aquelas que moravam lá dentro das terras, elas foram tomadas suas terras né!? E elas foram afastadas das terras para o povoado aonde ela não podia entrar, e quando o fazendeiro toma o intuito dele é acabar com o babaçu, daí já foram derrubando, derrubando [...] e nos anos 80, a gente já viu que o babaçu estava sendo devorado. Então nós começamos a discutir pra ver se a gente encontrava um meio de barrar essa derrubada de babaçu. E a gente foi um grande desafio que a gente teve porque a gente não podia criar associações, não podia criar entidades porque eles não deixavam, não tinha ninguém a favor da gente, e a gente, mais nós fomos resistente e, fomos lutando pra gente chegar o momento e criar as entidades, que não foi só uma, foi várias, começando pelo sindicato, a luta pela terra e a luta pelos babaçuais, porque a gente estava ficando sem terra e sem babaçu pra trabalhar, pra quebrar, daí já vem. (NONATA, 07/07/2020).

A quebradeira de coco Nonata pontua que a palmeira de babaçu é uma planta nativa das florestas porque nasce sem ninguém plantar e está presente nos estados onde há os maiores babaçuais do Brasil, Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. A narradora diz que as mulheres da sua família quebravam coco babaçu para alimentar suas famílias, isto é, a quebração do babaçu em São Miguel do Tocantins faz parte da sua construção social do lugar e é uma marca presente nos modos de viver das mulheres não só da cidade supramencionada, mas é uma tradição da região do Bico do Papagaio no extremo norte do estado do Tocantins.

Relembra os anos oitenta, uma época de grandes conflitos entre as mulheres quebradeiras de coco e os fazendeiros da região que tomavam terras e tiveram elas, por força da necessidade, de começar a se organizarem em rodas de conversa com outras quebradeiras de coco para pensar a criação de Associações em defesa das palmeiras de babaçu como um mecanismo de resistência à violência dos fazendeiros da região do Bico do Papagaio.

A fala da quebradeira Nonata reforça outras falas de quebradeiras de coco da região que também sofreram ameaças. Construíram suas histórias de vida sempre com lutas em defesa do babaçu e das palmeiras que as mulheres chamam de “mãe”. Nonata, assim como as outras narradoras aqui entrevistadas, nos mostram os porquês de elas lutarem em defesa das palmeiras de babaçu.

Para Nonata, o babaçu é a planta que permite a sobrevivência das quebradeiras de coco, a continuidade dos modos de vida e a construção de um lugar, um lugar de pertencimento, porque as quebradeiras não aceitaram que suas terras fossem tomadas. O único caminho é resistir e lutar pelo território, pelo lugar e pelas florestas de babaçu, um lugar de enfrentamento pelas memórias dos vivos e daquelas que já se foram e ancestralizaram.

Lugar, nesse caso, pode ser sinônimo de continuidade, moradia, lugar de criação dos filhos, lugar de despertar das afetividades, de criação de hábitos e de tradições que vão sendo transformadas em costumes. Lugar para as quebradeiras é território de esperança, de futuro e de presente, pois o passado é alimentado pelas conquistas do presente.

Tuan (1983, p. 218) afirma o que seria o lugar e sua importância para alguns grupos sociais: “Por que mudar? Realmente existiu. Tudo o que somos devemos ao passado. O presente também tem valor; é nossa realidade experiencial, o ponto sensível da existência com sua mistura rudimentar de alegria e tristeza.”

Lutar por seus lugares é uma expressão muito presente nas narrativas até aqui. A narrativa comum entre as quebradeiras de coco é a de lutar para sobreviver, confirmando uma mistura de alegrias e de tristezas, ora pelas conquistas das mulheres em lutar por seus territórios, ora por se perceberem sufocadas e impedidas de trabalhar na quebra do coco.

A quebradeira de coco Nonata enfatiza também a distância em relação a outros tipos de emprego. A distância as impedia de buscar outras oportunidades fora dali de onde viviam. As oportunidades eram escassas, a única forma de sustento na época e ainda hoje para muitas que moram em São Miguel do Tocantins e Sete Barracas é a quebra do coco. Único trabalho que gera renda para sustentar famílias. Podemos dizer que a quebração de coco é uma prática cultural que foi se estabelecendo nos modos de vida das pessoas, principalmente pela necessidade, que depois se constituiu em práticas culturais.

Nesse caso, o questionamento de Tuan (1983) vai de encontro ao que vemos nas narrativas de lutas das mulheres quebradeiras de coco. São histórias de outrora para a manutenção de lugares e de modos de viver. Nesse sentido, as experiências continuam ainda nos dias de hoje, as quebradeiras continuam a colher e a quebrar o coco babaçu, a aproveitar as utilidades que a palmeira oferece.

Por que essas práticas deveriam mudar se elas existem em virtude de um passado e de suas ancestrais? São experiências que resistem e continuam. Lugar é, portanto, uma pausa no sentido de conservar maneiras de viver e de utilizar o babaçu. Movimentam-se o tempo inteiro em direção ao futuro por defenderem as florestas de babaçu e sua categoria profissional.

Tornam-se versáteis, com um pé no passado e outro no futuro, mantêm seus modos de viver pautados nas lutas e na Lei nº 007/2005, de 20 de junho de 2005 que dispõe sobre a proibição de derrubada de palmeiras de babaçu no Município de São Miguel do Tocantins. Suas narrativas das quebradeiras de coco e as frentes de batalha, a manutenção de suas formas de viver e a reivindicação por leis é o que lhes permitem continuar em seu trabalho.

Tuan (1983) sustenta que o ponto sensível da existência é a mistura rudimentar de alegria e tristeza. A partir do que o autor traz, é possível dialogar com o que diz Nonata ao dizer com alegria e satisfação as conquistas, a criação dos filhos, os alimentos de todos os dias para suas famílias, a permanência em seu território. A isso se acrescenta os sofrimentos impostos nas diásporas em defesa dos babaçuais, as violências, as derrubadas de palmeiras, as perseguições e expulsões de suas terras por fazendeiros, os conflitos pelo direito de viver do babaçu, são questões que marcam suas histórias de vida. E continua Nonata sobre as conquistas em relação ao trabalho de quebrar coco:

Foi feito um movimento pra poder alcançar essa conquista, então pra nós o babaçu é tudo, é tudo na vida, eu tenho a idade que tenho, mais ainda hoje o que eu tenho, eu agradeço toda o trabalho com o babaçu, porque a gente faz parte de várias coisas. E todas essas coisas o babaçu tá pelo meio, ainda hoje eu quebro coco e se o óleo de coco hoje tá tendo o valor que tem é, porque a gente correu atrás desse valor. Se hoje a gente vende a massa do babaçu, nós corremos atrás desse valor pra massa do babaçu, se tem o artesanato do babaçu espalhado no Brasil inteiro e no mundo, porque todo mundo hoje ele tem um artesanato de babaçu, conhece um artesanato de babaçu, a primeira pessoa que cortou um babaçu no sentido contrário pra fazer um colar pra fazer um brinco foi aqui em São Miguel na minha pessoa, foi na minha pessoa que fez isso. Então a gente criou várias coisas, criou as Associações as movimentações criaram também o valor, porque se a gente não tivesse inovado, criado algumas coisas pra inovar, hoje o babaçu não tinha o valor que tem. Todo lado que você vai dentro do país você vê artesanato, ele surgiu bem daqui de São Miguel do Tocantins, esse artesanato de babaçu nos anos oitenta, por que ninguém no mundo tinha cortado um coco diferente pra fazer um artesanato, os artesanatos que era feito era só da palha, do talo, mais do babaçu mesmo em si do coco não tinha. Artesanato até os anos oitenta e a gente correu atrás disso porque nós queremos um produto que tenha valor, embora outras pessoas que não querem que a gente tenha esse valor, esteja devorando a gente tá correndo atrás pra ele não perder esse valor, para as pessoas reconhecem o valor que o babaçu tem. (Nonata, 07/07/2020)

A quebradeira Nonata reafirma sua relação com o babaçu que lhe proporcionou tudo que possui hoje, demonstra não só gratidão, mas satisfação com o trabalho de quebrar coco e reconhece sua importância na construção social como mulher. Em alguns momentos durante a entrevista, Nonata relembra as lutas contra os fazendeiros que não reconhecem o valor e o significado do babaçu para as quebradeiras de coco.

Os fazendeiros veem a palmeira do babaçu como uma planta sem utilidade. Esses homens (os fazendeiros), em sua maioria, brancos veem utilidade na palmeira somente

estando caída no chão pela força do machado ou pela queadura do fogo que eles utilizam para matar as palmeiras de babaçu.

A visão das quebradeiras de coco babaçu e dos fazendeiros são diferentes. Para as quebradeiras, a palmeira do babaçu significa vida, alimentação, desenvolvimento humano dentro a partir dos seus modos de viver. Para os fazendeiros, a palmeira é vista como atraso social, atraso na extensão das suas fazendas, é uma planta sem importância, para o seu mundo, o mundo do agronegócio.

4.2.1 As conquistas e o empoderamento

No Bico do Papagaio, de onde nossas interlocutoras narram da cidade de São Miguel do Tocantins concentra uma área significativa de babaçuais. O babaçu dinamiza a economia dessa região, que é fronteira com os estados do Maranhão, Piauí e Pará, permitindo às quebradeiras de coco babaçu manterem seus modos de vida e assim escreverem histórias de luta, dos movimentos de resistência e viverem da quebração do coco. São em maioria mulheres com idade acima de cinquenta anos oriundas dos Estados que fazem fronteira com a região do Bico do Papagaio que nas décadas de 1970 e 1980 migraram desses estados.

São mulheres negras, a maioria, casadas e com filhos. Cada quebradeira tem em torno de seis filhos que não tiveram acesso à escola. Por se tratar de mulheres negras em situação de vulnerabilidade na atividade de quebrar coco babaçu, diante das resistências a favor da preservação dos babaçuais, Hooks (2019, p. 39) argumenta que as opressões vividas por mulheres no seu dia a dia, pois unidas se tornam empoderadas:

Continuamos o trabalho de conectar raça e classe. Continuamos a produzir o pensamento e a prática antissexista que confirmam a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorrealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa. (HOOKS, 2019, p. 39)

Hooks (2019, p. 39) reforça que a raça está interligada à classe social, ou seja, a cor da pele diz muito sobre o lugar social de uma pessoa, o lugar que ocupa e como se utilizam das mobilizações sociais de que fazem parte para reivindicar suas posições dentro do lugar onde estão inseridas.

A mulheres quebradeira de coco pertencem a um grupo social e se organizam afim de reivindicar políticas públicas de educação, saúde e de proteção aos babaçuais. Assim como de apoio para aos seus produtos de origem dos babaçus. Na luta pela preservação das palmeiras

de babaçu, as mulheres unem-se para valorizar seus trabalhos como mulheres quebradeiras de coco babaçu, se ajudam e lutam pelo mesmo objetivo: manter os modos de vida e resistir aos fazendeiros da região de São Miguel do Tocantins. Unindo-se, empoderam-se na luta para reivindicar seus direitos diante de um mundo que tenta torná-las invisíveis.

A luta é diária, exercem um trabalho que, pela lógica é considerado penoso. Porém, isso não se confirma na narração das quebradeiras de coco, pois elas enxergam seu trabalho como uma maneira de se posicionar dentro da comunidade. Elas trazem consigo uma identidade e uma cultura que as tornam fortes para superar as dificuldades de acesso aos babaçuais, provocadas pelos fazendeiros que muito as impedem de catar os cocos e, sobretudo, de manter as relações afetivas que têm com os babaçuais.

Através da necessidade de gerar renda pra si e para sua família, construíram identidades de quebradeiras de coco. Isso é percebido em seus modos de vida e por ser uma maneira criada por essas mulheres para protagonizarem as próprias narrativas, já que o babaçu faz parte do seu percurso de formação de identidade de quebradeira.

A identidade coletiva das quebradeiras de coco é construída ao ser repassada de uma geração a outra e nos traz a noção de populações tradicionais⁴⁶ e, com isso, a luta para terem reconhecida sua identidade pela sociedade e pelos governos, Federal, Estadual e Municipal. Nesse sentido, as mulheres tem urgência por seus direitos de existência e lutam por isso, continuam a tirar dos babaçuais o sustento, pois são nas palmeiras que enxergam uma parte específica da sua identidade.

Vivem as consequências da interseccionalidade, a dificuldade, as opressões e repressões. As intersecções entre gênero, raça/etnia e classe, pois a maioria é negra/preta, com pouca escolaridade não corresponde às imposições à cultura do patriarcado. De acordo com Akotirene, (2018, p. 55), “Através desta articulação da raça, gênero, classe e território que os fracassos das políticas públicas são revertidos em fracassos individuais”.

As mulheres que trabalham com o babaçu representam uma multiplicidade de silenciamentos e resistências, porque ainda lutam por valorização na sociedade. Akotirene (2018) salienta que não existe uma política pública específica para mulheres negras que vivem em situação de vulnerabilidade social. As quebradeiras de coco babaçu são maiorias negras, duplamente atravessadas pela interseccionalidade.

⁴⁶ Uso comum dos recursos naturais sem necessariamente esgotá-los. (Conceito retirado de *Quilombolas e as novas etnias* de Alfredo Wagner Berno de Almeida, 2011, p. 176)

Essas mulheres por pertencerem ao coletivo, ao diverso, às multiplicidades, aos grupos pluriéticos, trazem em suas narrativas sempre uma história de luta pela vida e para a vida, como diz Maria Alaíde:

Somos mulheres da beira da estrada, somos mulheres com terra e mulher sem terras, somos mulheres quilombolas, mulheres de terreiro, de várias situações onde ainda é necessário as regularizações dos terreiros dos quilombos, e essa luta, ela tá ainda nas mãos, no colo do MIQCB. (MARIA ALAÍDE⁴⁷, 25/06/2020)

O relato nos diz sobre as multiplicidades de mulheres que fazem o trabalho de quebrar coco babaçu. Cada mulher com sua singularidade, com sua especificidade dentro do movimento de quebradeiras de coco babaçu e as lutas nos estados do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins.

É uma luta coletiva atravessada por muitas opressões. A entrevistada reconhece a diversidade de mulheres que compõe o grupo ao se referir às mulheres da beira da estrada, mulheres com terra, mulheres sem terras, mulheres quilombolas, mulheres de terreiro, mostrando as múltiplas identidades das quebradeiras de coco. Pontua que são mulheres diversas, assumindo a existência de desigualdades diante, mulher nordestina, preta/negra, quebradeira de coco, que luta para si e para os seus, no movimento de quebradeiras de coco, protagonizando diversas e múltiplas identidades de resistências dentro dos babaçuais ou no lugar onde estiveram.

Maria Alaíde diz que a luta ainda está nas mãos e no colo do MIQCB, compreendendo que os movimentos sociais como o MIQCB e a ASMUBIP são essenciais para a luta das quebradeiras de coco, pois são movimentos que têm a função de trabalhar na organização desse grupo de trabalhadoras e assessorar juridicamente para que as mulheres tenham segurança nas pautas de luta.

As lutas das quebradeiras de coco que sobrevivem do coco babaçu são um ato de resistência por muitas situações enfrentadas. A quebradeira de coco Maria Alaíde nos mostra as situações diversas das quebradeiras, que unidas em um só objetivo, buscam juntas conquistar direitos: acesso aos babaçuais; condições de manter as práticas sociais dentro do seu território. Nesse sentido, a Quebradeira Maria Alaíde, na *live* concedida ao MIQCB do dia 25/6/2020 relata o porquê da criação das organizações em prol das quebradeiras de coco babaçu:

⁴⁷ Entrevista realizada em lago do junco, através de uma *live* promovida pelo o MIQCB, Maranhão, dia 25/06/2020 (<https://www.youtube.com/watch?v=P6kv3YgiSb4&feature=em-lbcastemail>)

Nesse sentido, foi criada associação a nível municipal e intermunicipal, nos fortalecemos e a partir dessa da comunidade começamos a lutar, fazer embate pelo babaçu livre. O babaçu livre foi uma forma que encontramos de também ocupar a terra, resistir na terra e, por isso hoje nós chamamos a luta pela resistência. (MARIA ALAÍDE, 25/06/2020)⁴⁸

As associações para as quebradeiras de coco babaçu foram um dos instrumentos fortes que criaram para reivindicar seus direitos, exigir dos governos Federal, Estadual e Municipal políticas para a valorização das quebradeiras, como ações de preservação dos babaçuais. A Coordenadora do MIQCB, Maria Alaíde, na sua participação na referida *live* explicou que a partir da criação das associações, elas ficaram mais visíveis, participaram de embates e enfrentamentos com mais confiança e segurança por seus direitos de acesso à terra e ao território, pois as quebradeiras de coco babaçu dos quatros estados, Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins (aqui nos dirigimos especificamente as quebradeiras de São Miguel do Tocantins) necessitam do acesso aos babaçuais e do babaçu para a sobrevivência.

As mulheres que tem o coco babaçu como fonte de trabalho protagonizam lutas na defesa das palmeiras, pois a palmeira em pé e viva representa a reafirmação de identidades, necessário e fundamental para as lutas em defesa dos babaçuais. As reivindicações pela conservação do babaçu é, de certo modo, a energização e retroalimentação da própria história da vida das quebradeiras. O babaçu é para elas motivo de manutenção de suas lutas por uma sociedade com mais equidade e possibilidades para seus filhos e para todos que dependem do babaçu como gerador de renda.

Os fazendeiros ainda dominam o território e têm poder econômico e *status* social. Tentam impor limites e dificultam o acesso das quebradeiras de coco às palmeiras do babaçu. A luta por terra é sempre uma relação de forças antagônicas, pois para as quebradeiras de coco terem acesso aos babaçuais é necessário que se construa no território alternativas às forças hegemônicas.

Nessa direção, organizações como o MICQB lutam pelos direitos das quebradeiras de coco de cumprir um papel importante em sua defesa e dar-lhes visibilidade, potencializando e ampliando as vozes diante dos meios de comunicação, podendo chamar atenção das autoridades para a luta em defesa das quebradeiras de coco babaçu. A oralidade é um dos caminhos para potencializar essas vozes:

A oralidade então não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as

⁴⁸ Entrevista realizada em lago do junco, através de uma *live* promovida pelo MIQCB, Maranhão, dia 25/06/2020

ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes. (PORTELLI, 2016, p. 21)

A linguagem das quebradeiras de coco é uma das marcas que dão sentido à sua construção social. Há uma urgência de reconhecimento da importância desse ofício como meio de manter a existência nas áreas de babaçuais. Mendes (2016, p. 59) defende a importância da valorização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu e do livre acesso aos babaçuais:

As quebradeiras de coco babaçu têm uma luta histórica pelo reconhecimento e valorização da economia do babaçu. Tem talvez como maior reconhecimento os debates em torno do livre acesso aos babaçuais, na garantia de reprodução física e cultural das quebradeiras de coco e suas famílias. (MENDES, 2016, p. 59)

A luta é histórica e muitas quebradeiras de coco lutam por valorização e reconhecimento. A lei nº 007/2005 de 20 de junho de 2005 do município de São Miguel do Tocantins dispõe sobre a proibição de derrubada de palmeira de babaçu no Município de São Miguel do Tocantins no estado do Tocantins e proíbe a derrubada de palmeiras de babaçu. A referida lei foi criada para valorizar e proteger os babaçuais no município em questão. O primeiro artigo explicita a importância das palmeiras para as quebradeiras. Vejamos a lei:

Art. 1º - As palmeiras de coco babaçu existentes no Município de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, são de livre acesso e uso comum das quebradeiras e quebradores de coco babaçu e suas famílias, que as exploram em regime de economia familiar e comunitária. (SÃO MIGUEL DO TOCANTINS, 2005)

É compreensível que, de acordo com a lei citada, o acesso é livre às quebradeiras de coco babaçu. Essa lei reflete a importância das palmeiras de babaçu para as mulheres, é fruto de lutas e reivindicações pela liberdade de trabalhar nos babaçuais, já que ainda é fonte única de renda. Esta lei também é uma forma de reconhecimento do trabalho das quebradeiras de coco babaçu na comunidade onde moram, mantendo assim condições de construir estratégias de geração de renda e possibilidades de manutenção dos modos de viver.

A lei nº 007/2005 lhes permite trabalhar com os vários usos que o babaçu proporciona e gera recursos para o sustento das famílias. Com a quebração do babaçu é possível produzir: azeite; carvão; bijuterias; sabão; dentre outros produtos. O coco babaçu permite dessa maneira, gerar o necessário para continuar a resistência em defesa das florestas de babaçu. A lei nº 007/2005 trata especificamente da defesa das palmeiras diz no seu artigo segundo as seguintes determinações e impõem as regras ao dizer:

Art. 2º - No Município de São Miguel do Tocantins é terminantemente proibido a realização de qualquer ato que venha causar danos diretos ou indiretos às palmeiras de babaçu, como derrubada, corte de cacho, queimada sem controle, uso de agrotóxico e defensivos agrícolas, extração de palmito sem a devida autorização dos órgãos ambientais competentes, ou quaisquer outras ações prejudiciais. (SÃO MIGUEL DO TOCANTINS, 2005)

Mesmo descrito em lei a proibição de derrubadas de palmeiras de babaçu, trata-se de uma ação que não chega a se consolidar na prática, visto que em nosso campo de pesquisa, encontramos babaçuais cada vez mais distantes, longe das quebradeiras de coco babaçu, devido justamente ao desmatamento na região, forçando as quebradeiras de coco a se deslocarem para lugares cada vez mais longe. A criação da lei 007/2005 foi um marco importante para essas mulheres no sentido de ter uma lei que designa manter as palmeiras de pé. Porém, há ainda um longo caminho de sensibilização para que a sociedade compreenda que as florestas de babaçus são responsáveis pela manutenção da dinâmica social das quebradeiras de coco.

A criação da lei 007/2005 significa um avanço ao mesmo tempo em que chama a atenção da sociedade para a riqueza natural que faz parte da história da cidade de São Miguel do Tocantins como um dos elementos que é a principal fonte de renda para muitas famílias da referida cidade. É relevante ter uma lei em defesa das palmeiras de babaçu e dos povos tradicionais. Ao elencar várias proibições em relação ao babaçu, temos um marco na luta das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins. Podemos perceber no parágrafo terceiro:

Art. 3º - Serão permitidos os trabalhos de raleamento, desde que se mantenha uma densidade de no mínimo 60 (sessenta) palmeiras adultas e 60 (sessenta) palmeiras jovens (capoteiras ou pindovas) em cada hectare desmaiado, distribuídas de forma a evitar a concentração de palmeiras na área, sem prejuízo ao disposto pela Lei nº 4.771/65 (Código Florestal) e demais portarias reguladoras do tema. (SÃO MIGUEL DO TOCANTINS, 2005)

A lei é um importante instrumento de resistência das mulheres, pode ser compreendida como uma vitória porque dependem das palmeiras de babaçu para manter sua luta pela preservação da árvore que lhe proporciona o trabalho. A palmeira do babaçu é um elemento essencial para quem vive da cultura do extrativismo, pois quem vive do extrativismo luta pela manutenção das florestas do babaçu, já que é com a palmeira viva que as quebradeiras de coco vivem e têm esperança.

As quebradeiras da cidade de São Miguel do Tocantins vêm ao longo dos anos lutando pelas manutenções dos seus modos de experienciar a vida, de abrir seus próprios caminhos e, para isso as mulheres quebradeiras de coco babaçu concentram atenção dos seus esforços para a sua própria existência de mulher

Muitas mulheres que ancestralizaram lutaram para ter o direito de serem donas das próprias narrativas e protagonizar suas construções sociais, identitária e culturais como mulheres pertencentes às florestas do babaçu, ligadas ao coco babaçu que vivem para o babaçu e como narram as lutas a partir do que conseguem extrair desse fruto.

As mulheres extrativistas do babaçu conseguiram, apesar de todas as dificuldades encontradas e postas em seus caminhos, ter as identidades colocadas como mulheres que de algum modo plantaram e regaram sua história na base de suor, lágrimas e sangue, mas também de alegrias e de companheirismo, protagonizando formas de viver a vida, tornando-se empoderadas e empoderando outras quebradeiras. Para compreender o que é empoderamento, Berth (2018, p. 130) destaca:

Vale dizer que há a importância de se empoderar no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassasse todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. (BERTH, 2018, p. 130)

O empoderamento das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins foi construído na coletividade, na resistência, na luta dessas mulheres para se manterem de pé. Empoderamento é, nesse caso, uma ação política, um ato de resistência, o reconhecimento pelas próprias quebradeiras de coco da sua importância para si, para a comunidade e pela memória das quebradeiras que já ancestralizaram. Empoderamento é uma questão de ação coletiva contra as forças oficiais que tentam silenciá-las.

As quebradeiras construíram identidades na perspectiva de mulher que vive do trabalho da quebração do babaçu. Por esse viés, o empoderamento das quebradeiras de coco se dá na própria existência, pois as quebradeiras, ao narrar suas vidas, narram do seu lugar, do seu território, narram vivências, despidas de cabedal financeiro e dos diversos letramentos impostos pela sociedade, são personagens das próprias histórias contadas por elas mesmas. Mostra toda a força dessas mulheres, pois narrar é existir e, se existir é narrar, precisamos ser narrados ou nos narramos. Narrar é poder e quem produz os discursos através da narração visibiliza e invisibiliza certos grupos, ampliando uns em detrimentos de outros grupos. Medeiros (2012, p. 261) entende que a força da narração está nos:

Encontros entre narradores e narrados. Em minha limitada compreensão, não existe narrador capaz de narrar algo sobre a sociedade na qual se insere mesmo que em tempos e espaços diversificados, que não faça parte das construções culturais dessa sociedade. Dito de outra forma, e faço questão que seja de uma forma muito simples: estar no mundo pressupõe narrar o mundo e o mundo narrado é o único mundo que acessamos. (MEDEIROS, 2012, p. 261)

Conforme Medeiros (2012, p. 261), trazendo para o campo das quebradeiras de coco babaçu, as mulheres narram seu mundo, o mundo que elas conhecem com seu olhar sobre o mundo. O mundo permeado de lutas pelo direito ao babaçu livre.

As quebradeiras narrando suas histórias de resistências narram a história daquelas que já se foram, pois narrar é uma forma potente de fazer perceber a própria existência, é um meio de registrar a passagem por este mundo deixando as batalhas pela vida, pois a vida da quebradeira é narrativizada pelas vozes dos outros.

Assim sendo, narrar para a categoria de quebradeiras de coco babaçu, é se mostrar para o mundo com toda as múltiplas formas de vivenciar a quebração do babaçu e, nesse sentido, as muitas dobras construídas através da semântica produzida pelas quebradeiras de coco dentro do território forjando um símbolo.

Aqui metáforizo as lutas com a cachopa⁴⁹ do coco babaçu, conforme o que relata Medeiros (2017, p. 171):

[...] o que fez com que a matéria-prima de seus trabalhos, o mundo sensível, tenha sido moldada poeticamente com vista a escriturar os sertões dos vales dos rios Araguaia e Tocantins em formas e estruturas que simbolizassem e semantizassem as reentrâncias, estratos e dobras das experiências humanas. (MEDEIROS, 2017, p. 171)

As mulheres que lutam pelo direito de viver daquilo que o babaçu produz têm suas histórias marcadas pela força e pela coragem de assumir um novo sentido para as diversas dobras das formas de vivenciar a própria vida. A maioria das mulheres, com nenhuma ou pouca escolaridade, com a necessidade não tiveram outro caminho a caminhar a não ser confrontar os fazendeiros.

Quando a quebradeira vai para a cata e a quebra do babaçu, ela está registrando através da oralidade a sua história de vida. Quando parte um babaçu, batendo o macete no coco para que a lâmina afiada do machado o parta e assim retirar de dentro do fruto as amêndoas, nesse ato, ela está narrando, através do som do coco se partindo.

⁴⁹ É uma parte do coco babaçu que segura o babaçu ao cacho do coco babaçu.

O som é o que marca o lugar e o espaço da quebradeira, pois até mesmo o bagaço⁵⁰ das cascas que ficam no chão onde ela senta, fica registrado as marcas de pertencimento que a chuva e o vento apagam pela passagem do tempo, mas voltam a ser registradas pela quebradeira, por outras quebradeiras em outros dias. São marcas de esperança, marcas de lutas, mas acima de tudo, há uma narrativa sem vozes, apenas com som do machado, do macete que ousamos aqui tentar traduzir em esperança das quebradeiras que protagonizam as vidas com cada gota de suor que escorre do seu rosto, pois para elas, viver é sinônimo de resistência.

As marcas de narração das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins são construídas na coletividade e na individualidade de guerreiras do babaçu que todos os dias no cotidiano resistem aos desafios colocados em seu caminho, no caminho do babaçu, pois a mulher quebradeira de coco babaçu, de alguma maneira, está ligada às palmeiras, seja pela dependência direta, seja pela ligação afetiva construída entre as mulheres que retiram do babaçu as formas de alimentação e mecanismos de geração de renda que é a principal fonte de renda das famílias.

As filhas das quebradeiras são criadas dentro da cultura que valoriza tudo que a natureza é capaz de produzir. Os modos de vida são a interação do ciclo dos babaçuais, porque as quebradeiras de coco praticam a agricultura familiar com os maridos/companheiros, elas conseguem fazer uma ligação entre a agricultura familiar e a quebração do babaçu. Essa é uma forma encontrada para conseguir criar os filhos dentro da cultura de mulheres do campo, no espaço e no lugar que é construído por elas, dão sentido e significado à quebração do coco, quando tecem semanticamente afetividade com o lugar, como aponta Tuan (1983, p. 6) quando nos proporciona pensar as relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar.

“Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra.

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6)

Para as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, o lugar é visto como algo capaz de lhes proporcionar a segurança que buscam. O lugar, pelo viés das quebradeiras,

⁵⁰ São os pedacinhos da casca do coco babaçu que não servem para fazer carvão.

é pontilhado de sentidos e significados que conduzem as mulheres a compreender lugar e espaço como um emaranhado de relações construídas e elaboradas por elas. Isso pode ser percebido até mesmo quando uma diz para a outra que a palmeira no canto da mata, perto do rancho, está caindo um cacho de coco. As quebradeiras significaram e teceram o sentido de lugar e de espacialidade para mostrar a presença de uma palmeira do babaçu.

Pensando a amplidão e a segurança de lugar referido por Tuan (1983, p. 6), o lugar da quebradeira é como uma bússola que buscam para adentrar nos babaçuais e coletar o babaçu. Essa tarefa é geradora de segurança e confiança para a categoria de trabalhadoras rurais. Tuan (1983) enfatiza que as quebradeiras de coco ainda buscam um lugar para chamar de seu, uma pausa para que possam transformá-la em seu lugar. Nesse caso, o lugar gera estabilidade e segurança onde lutam para sobreviver e manter os modos de vida.

As quebradeiras dependem do lugar onde as palmeiras de babaçu estão de pé, buscam apropriar-se desse lugar, tornando o espaço das florestas de babaçu seguro para continuarem suas vidas do/no lugar que gera para elas o sentimento de segurança e pertencimento.

O lugar das quebradeiras é a sua casa e os quebradores de coco babaçu feitos dentro dos babaçuais, são as múltiplas identidades de mulheres no mundo diverso. Esses elementos fazem parte da sua cultura, adquirindo significados e transformando esses lugares em território das quebradeiras de coco que vão conservando e buscando sobreviver sem perder a essência construída que tem seus corpos marcados como território de resistência.

Resistência para as quebradeiras é sinônimo de liberdade. Tuan (1983, p. 59) entende a interligação de espaço e liberdade da seguinte forma:

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficiente em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar até as ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com o movimento – com a experiência direta do espaço através do movimento. (TUAN, 1983, p. 59);

Seguindo o que diz o autor, as quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins buscam a liberdade de serem quem são. Buscam, a partir do seu trabalho e com as muitas formas de utilização dos produtos ofertados pela palmeira, se manterem e se consolidarem como trabalhadoras que geram não só recursos para viverem, mas construir sua cultura, criar e ressignificar as próprias histórias de vida como mulheres geradoras de

conhecimento elaborado a partir da maneira de compreensão sobre o lugar e da espacialidade, do território.

Tuan (1983, p. 59) considera que a experiencição direta do ato de locomover-se e do espaço e seus atributos nos remete a analisar as quebradeiras e o que trazem consigo, a necessidade de se locomover em direção às palmeiras de babaçu, para elas isso é determinante. Onde tem palmeira de babaçu tem quebradeira de coco, pois dentro do seu universo cultural, a vida das quebradeiras de coco está ligada às palmeiras. Os babaçuais e as florestas despertam nas mulheres o sentimento de sobrevivência, dando-lhes motivos para continuarem as lutas e manterem as florestas de babaçu de pé.

Ao enxergar a palmeira como uma mãe capaz de proporcionar o sustento das famílias, discurso reiterado no relato da quebradeira Nonata, é visível a ideia de gratidão e de afeto com a palmeira do babaçu, afeto significativo para com todos os produtos retirados da palmeira:

O babaçu pra nós ele representa tudo, é a nossa vida né, nós sem o babaçu, nós somos quebradeira, não se envergonha de dizer que somos quebradeira. Por que é o nosso trabalho, nós somos doutoras na quebra do babaçu, por que eu acho assim, que toda pessoa ele é doutor em alguma coisa, se nós quebra o babaçu nós somos doutoras na quebra do babaçu, então nós devemos valorizar aquilo que nós somos. Somos é quebradeira de coco, então o babaçu pra nós, ele representa tudo na nossa vida, ele representa pra nossa família, nossos filhos, nossa comunidade, porque de tudo que a gente quer fazer nós faz do babaçu, até por exemplo: um saco que você vai comprar você faz o cofo, substitui o saco, e você pode produzir qualquer coisa do babaçu, você aproveita tudo, do babaçu, você não perde nada do babaçu, essas luta que tem, todas essas luta, todo esse valor que foi dado para o babaçu que vem da parte dos governantes, tudo isso foi luta nossa, luta das mulheres, das quebradeira de coco, nenhuma conquista dessa não foi dada de mão beijada, de graça, todas elas foi corrida atrás. (NONATA, 07/07/2020)⁵¹.

Nonata continua a enfatizar a importância da palmeira do babaçu na vida das quebradeiras de coco, destaca o sentimento de gratidão pelo fruto do babaçu. Demonstra o orgulho do trabalho e não se envergonha do mesmo.

Brinca ao dizer que são “doutoras” na quebração do babaçu e, ao mesmo tempo, demonstra e representa o conhecimento que só as quebradeiras de coco têm. Conhecimentos acumulados por muitas mulheres que as antecederam, reconhece as mulheres quebradeiras de coco como portadoras de conhecimentos que somente essa categoria profissional detém. Uma travessia para outra fase de resistência das quebradeiras que vão tentando inovar o fazer, inovar o construir, criando e transformando o babaçu em produtos que podem ser utilizados também como decoração ou acessórios para o corpo.

⁵¹ Entrevista realizada com a quebradeira Nonata na cidade de São Miguel do Tocantins em 07/07/2020).

Em todos os lugares a palmeira é nômade, é levada no corpo das quebradeiras que a recriam, que resistem em defesa do babaçu nas diferentes regiões do país. Pessoas de diferentes classes sociais adquirem os produtos e contribuem para a ampliação destes em espaços diversos na sociedade, proporcionando visibilidade e em defesa da preservação das florestas do babaçu de São Miguel do Tocantins, sobretudo, conhecendo os modos de viver dessas mulheres por meio do seu trabalho.

Os novos usos criados pelas quebradeiras de coco babaçu da cidade de São Miguel do Tocantins é, além de resistir, desenvolver a preservação e estreitamento de suas ligações com o babaçu, pois as bijuterias produzidas e pensadas são usadas por elas. De certo modo, carregaram a palmeira de babaçu onde quer que estejam, ou seja, a mãe palmeira faz conduzir os caminhos de vivências que lhes possibilitam dignidade e orgulho do seu trabalho e de ser quem são.

Com a necessidade de viver dos frutos do babaçu, novas formas vão surgindo e as tradições seguem com a produção de objetos que geram renda para as famílias. Dessa maneira, fica evidente a dupla pertença das quebradeiras, pois além de serem mulheres do campo, dos babaçuais, da roça de toco, são também mulheres da cidade. Na medida, que o machado jamais é aposentado, estão sempre dialogando fortemente com suas raízes.

Ao falar sobre a valorização do babaçu, a quebradeira Nonata (2020) se refere às diversas maneiras de aproveitar o coco babaçu dentro da cidade. Assim como em outros relatos das quebradeiras de coco aqui analisados, com o tempo vai surgindo a necessidade de dar novos sentidos aos produtos do babaçu e agregar valor financeiro, pois compreendemos que as mulheres, ao usarem um brinco feito de babaçu, sendo ela quebradeira ou não, esta mulher carrega pendurado consigo mesma a luta e a história das quebradeiras de coco. Isso é uma maneira potente de valorizar e incentivar a continuação do trabalho produzido, a manutenção das maneiras de viver de produtos do babaçu e possibilidades de conservação da história.

Nonata, ao narrar sobre a luta das mulheres, chama atenção sobre os vários papéis das quebradeiras de coco da cidade de São Miguel do Tocantins, principalmente das mais velhas, que segundo ela, precisam dialogar com os mais jovens e contar as trajetórias de lutas em defesa do babaçu e sobre como os produtos do babaçu são essenciais para as famílias de quebradeiras de coco:

O papel da quebradeira é valorizar esse babaçu e não deixar que as coisas voltem mais a ser aquilo que nós já passamos, é colocar pra seus filhos, mostrar pra seus filhos que já teve, o que nós temos, dependeu muito de uma luta de outras pessoas,

daquelas pessoas que por exemplo já se foram. Já tem muitas pessoas que já se foram, mas deixou seu legado, deixou seu trabalho, resultado do seu trabalho. E, então, nós não devemos esconder isso, pra comunidade, pra nossos filhos, pra eles saber que tudo isso dependeu muito de alguém que estava ai lutando, por isso, e pra também não deixar que devore o babaçu que acabe com o babaçu, porque a gente sabe que isso ai é um meio de produção, um meio de você tirar o sustento da sua família. Todos nós, todas nós, que quebra coco, nós tira o sustento da nossa família na quebra de coco e hoje, principalmente porque, o babaçu ele tá sendo valorizado, não é só a amêndoa, é como a gente vendia no tempo da minha avó, da minha bisavó, da minha mãe, mais agora nós temos muitas coisas que nós até o estrume da palmeira de babaçu é caro o saco, o valor é vinte reais de um saco de estrume de babaçu, ou mais né, então nós, não estraga nada. Nós não deixa estragar nada, então isso nós devemos passar pros nossos filhos, pra nossa família que o babaçu tem um valor que nós devemos preservar, esse babaçu, não deixar derrubar né, as autoridade tá falando, tá discutindo com as autoridades pra não deixar derrubar, fazer luta, não largar de fazer luta, porque se a gente largar de fazer luta eles vão esquecer e acabar, acabando derrubando tudo porque a luta ela tá em primeiro lugar e tudo que nós temos dependeu de uma luta (NONATA, 07/07/2020).

Para Nonata, é importante contar para os filhos, netos e jovens sobre as lutas, a fim de manter os babaçuais de pé. As gerações mais novas precisam saber sobre as lutas das quebradeiras de coco para a manutenção de seu trabalho, foram lutas em diferentes gerações de mulheres. De outro modo, analisamos que Nonata se refere ao fato de que conhecimento enclausurado é conhecimento morto, porque os jovens precisam compreender que por trás da valorização do babaçu que vemos hoje, em outrora houve choro, suor, coragem e força para enfrentar aqueles que se acham donos das terras.

O conhecimento é fundamental para manter viva a memória das quebradeiras. Os machados e macetes nas mãos das quebradeiras de coco babaçu não só partem o coco, mas abrem caminhos para as futuras gerações, para não deixarem morrer as histórias de resistência em que as marcas de pertencimento desse grupo social foram construídas e estão sempre em reconstrução.

Nonata reconhece o estrume como produto atualmente valorizado. Como afirma ela, da palmeira não se estraga nada, o estrume é utilizado na jardinagem, nos canteiros e é vendido por vinte reais. O corpo da palmeira de babaçu é um recurso para gerar renda. A construção de laços entre as quebradeiras de coco babaçu e as palmeiras se consolidam na passagem do tempo, na medida em que os anos vão passando, essas mulheres vão se tornando mais dependentes da palmeira.

Esses estreitamentos afetivos entre as quebradeiras de coco e as palmeiras as levam a chamar a árvore de mãe, dimensionando a ligação cultural e subjetiva da palmeira de babaçu na construção dos modos de viver das mulheres, que vai construindo territorialidades.

Suas vidas estão interligadas à terra, especificamente à mãe palmeira como elas mesmas gostam de se referir à árvore. Como filhas das palmeiras de babaçu, sua missão é

cuidar das florestas de babaçu, preservar e manter a vida, suas vidas, porque o babaçu representa cada quebradeira de coco que precisa dos frutos para viver e se manter de pé no lugar onde aprendeu a ser quebradeira de coco babaçu.

Nonata amplia todas as vozes em defesa da vida, que é a defesa dos babaçuais, Maria Laurindo, Maria José, Raimunda a Quebradeira, Luzanira, Maria Senhora, Dijé, Emília, todas são representantes direta ou indiretamente de milhares de quebradeiras de coco nos quatro Estados, onde os movimentos de quebradeiras de coco são mais evidentes: Pará; Maranhão; Tocantins e Piauí. Nessa trilha, as memórias das narradoras trazidas neste trabalho são resultado de uma longa luta de trabalhadoras em defesa dos modos de viver em seus territórios.

5 A CAMINHO DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhamos em direção às nossas considerações finais com a certeza de ter conhecido histórias vividas e experienciadas por mulheres dentro do território de São Miguel do Tocantins e povoado Sete Barracas. A pesquisa em tela objetivou trazer memórias, lutas e resistências de mulheres quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins a fim de registrá-las na história e na geografia da Região do Norte do Tocantins, conhecido como Bico do Papagaio.

Como território de resistência das quebradeiras de coco babaçu em São Miguel do Tocantins, ao ouvir as narrativas das mulheres, tentamos desvelar como fazem para permanecer em seus modos de vida através do trabalho de quebrar coco babaçu. O trabalho delas é o ponto inicial de nossas entrevistas. As narrativas nos encaminharam principalmente a refletir sobre a cultura e as relações que surgem a partir do trabalho das quebradeiras de coco nos babaçuais.

As práticas das mulheres nos babaçuais permitem a continuação de tradições e de modos de vida com a palmeira e seus diversos usos no dia a dia. No papel de interlocutoras, as mulheres entrevistadas contaram histórias e experiências e, através destas, o protagonismo é percebido no coletivo, nas organizações e associações que visam fortalecer essas mulheres na resistência contra os fazendeiros da região.

Ao longo da pesquisa, as teorias e os saberes não reconhecidos pela academia nos impulsionaram a estudar os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu. O cofo, o machado e o macete são figuras representativas das narradoras, são os instrumentos que asseguram e tematizam seu modo de estar no mundo e a permanência em seu território. A palmeira é mãe, como as mulheres mesmas afirmam em suas narrativas e é de onde retiram recursos para a produção de alimentos e produtos úteis no dia a dia, por isso elas se referem às palmeiras como uma mãe que dá fruto, sustento e proporciona trabalho.

O sentimento está ligado à permanência no território e se conserva na memória coletiva das mulheres, nas resistências e no enfrentamento aos fazendeiros, que destroem as palmeiras e são os principais responsáveis pelo desmatamento das florestas de babaçu em São Miguel do Tocantins.

Quando fomos a campo, antes de iniciar a pandemia no ano de 2020, percebemos o afeto das quebradeiras de coco pela palmeira de babaçu. As narrativas fragmentadas revelaram a relação materna, o sentimento pela palmeira de babaçu ao relatar sobre os momentos de resistência, os momentos que elas tiveram de enfrentar os “donos de terras” da

região de São Miguel do Tocantins e “ir para frente dos tratores”, como disse uma de nossas interlocutoras em nossas entrevistas.

O sentimento expresso é solidificado no viver, no sentir e no estar diariamente dentro dos babaçuais. As observações da pesquisa de campo nos apontaram que as experiências das mulheres ocorrem, especialmente, na vida coletiva. A palmeira tornou-se um símbolo potente de resistência e de afeto para as mulheres que vivem da quebração do fruto do babaçu em São Miguel do Tocantins.

As vozes das mulheres quebradeiras de coco revelaram um lugar construído dotado de apego, de esperança e de afeto pela natureza e aliadas à sustentabilidade, continuam a resistir às transformações que podem modificar seu lugar, as formas de vida e a permanência cultural das quebradeiras de coco na cidade.

O uso de produtos feitos com a palmeira de babaçu nas casas das mulheres nos fez refletir sobre o tradicional, uma vez que as gerações continuam a quebra do coco, e os cuidados com as palmeiras. Nessa perspectiva, as mais velhas ensinam às novas gerações e com isso ocorre a continuação dos saberes intergeracionais.

As memórias se juntam a muitas outras em outros lugares do mundo, que tradicionalmente resistem para não serem esquecidas dentro da diversidade. Para isso, seria necessário o reconhecimento de diferentes práticas e atores sociais, permitindo a diversificação e a tradução de saberes, isto é, a articulação num mundo rico de diversidades, corroborando com nossas observações e nossas reflexões em relação às narrativas das mulheres quebradeiras de coco.

No decorrer da pesquisa, durante nossas observações em campo refletimos e analisamos nosso objeto em uma perspectiva interdisciplinar, “entre essas novas ciências, resultantes do reordenamento interno da cartografia dos saberes” (POMBO, 2006, p. 211), em que a história, a geografia, a sociologia, filosofia, pedagogia e as linguagens perpassam nas narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, através do nosso método utilizado, a História oral.

Nessa costura interdisciplinar, juntamos os fios na tentativa de aquilatar as entrevistas, algumas realizadas nos locais de trabalho, nos quebradores de coco dentro dos babaçuais e outras realizadas por meio do *Whatsapp*, mantendo distanciamento em decorrência da pandemia que persistiu em 2021.

Tivemos a oportunidade de estar junto às nossas interlocutoras nos diversos fazeres, no trabalho dentro dos babaçuais nos quebradores de coco, debaixo das palmeiras, coletando coco babaçu, acentuando por um momento minha memória de experiências vividas na

infância e na juventude. O olhar de hoje é, de fato, diferente do olhar de outrora, é o olhar de pesquisador das ciências sociais, onde desde o início da pesquisa, zelamos cuidadosamente pelo afastamento do nosso objeto de estudo. a fim de analisar melhor o resultado da pesquisa.

Nessa direção, à luz dos autores que sustentaram a pesquisa, buscamos comprovar como o trabalho dessas mulheres estão relacionados aos seus modos de viver, sendo, portanto, parte da história de resistências e de lutas pelas vivências da classe de trabalhadoras rurais.

Os modos de vida e territorializações construídos por nossas interlocutoras em São Miguel do Tocantins se baseiam nos meios de trabalho e de produção que utilizam, de culturas partilhadas, reproduzidas em gerações, contadas oralmente pelas mais velhas às mais novas, como uma forma de não deixarem que as histórias morram.

A “história oral, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores” (PORTELLI, 2016, p. 12). O significado ou significante é personificado no coco, no partir da fruta, na coleta e no encher dos cofos preenchidos por cocos, que na cultura das quebradeiras é transformado em lugar de sonhos e de conquistas.

Acreditamos que hiatos permanecerão por entender que não finalizamos as perspectivas de análise dos modos de vidas das quebradeiras de coco babaçu. Esperamos dessa forma provocar outras inquietações em relação aos modos de vida das mulheres trabalhadoras rurais do Norte do Tocantins, especificamente das quebradeiras de coco da cidade de São Miguel do Tocantins. São fendas que possibilitam construir narrativas contra hegemônicas na atualidade.

Fenelon et al. (2000) afirma a pertinência da pesquisa histórica e sua proposição com vitalidade crítica ao afirmar “[...] a pertinência da pesquisa histórica que se propusesse com vitalidade crítica e que buscasse não só a retrospectão, mas a percepção dinamizando as relações entre memória e história.”

A história e a memória de povos tradicionais são como um acervo da construção histórica de um lugar, de um território e das resistências de um grupo, resistência para continuar existindo com suas manifestações culturais, avançar em nossos questionamentos, formulando que todo documento é monumento (FENELON et al., 2000, p. 07).

A História oral nos possibilitou a construção de um documento escrito sobre os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu, em que pudemos ouvir as vozes das mulheres trabalhadoras rurais de seus lugares historicamente construídos de memórias que resistem pela visibilidade e permanência de seus modos de viver.

A memória é alimentada diariamente com um repertório de conquistas, como a Lei do Babaçu livre que representa em teoria, liberdade de acesso aos babaçuais. Na prática, percebemos que as mulheres quebradeiras de coco ainda encontram dificuldades de acesso às florestas de babaçu, dificuldades para entrarem nas fazendas e coletar o coco babaçu. Além disso, as palmeiras estão cada dia mais distantes, como disse uma de nossas interlocutoras, pois o desmatamento continua.

As memórias transformadas em escrita ficam agora registradas e a força do tempo não apagará. Desse modo, para “salvar a herança cultural da erosão do tempo” (PORTELLI, 2000, p. 310), será necessário fazer “uma descrição notável do relacionamento entre a escrita e a memória e dos problemas enfrentados por uma sociedade sem escrita” (PORTELLI, 2000, p. 310).

Concluimos dizendo que as resistências das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins continuam em virtude do sentimento de afeto pela palmeira e da ligação com a terra, que na proteção e no cuidado com as florestas, promovem a sustentabilidade tão necessária à vida. Nesse viés, é urgente lutar por uma sociedade com capacidade de respeito ao pluralismo, de viver com as diferenças de modos de vida.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, A. W. B. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; OLIVEIRA, Murana Arenillas (Orgs.). **Museus indígenas e Quilombolas: Centro de Ciências e saberes**. Manaus: UEA Edições/PNCOSA, 2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS. Epistemicídio: o que contribuiu para tornar o negro invisível na academia?. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/23/04/2019/epistemicidio-o-que-contribuiu-para-tornar-o-negro-invisivel-na-academia/>. Acessado em: 11/11/2020.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento e Justificando, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

BRITO, Katiane Santana. **Não Existe Babaçu Livre em Terra Presa**. 2019. 159 f. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social da Amazônia-PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. São Luiz/MA, 2019

CANTO DE TRABALHO. **Xote das quebradeiras de coco**. Disponível <https://lyricstranslate.com/pt-br/cantos-de-trabalho-xote-das-quebradeiras-de-coco-lyrics.html>. Acessado em: 12/04/2020.

CORMINEIRO, Olívia Macedo Miranda. **Trilhas, Veredas e Ribeiras: Os Modos de Viver dos Sertanejos Pobres nos Vales dos rios Araguaia e Tocantins (Séculos XIX e XX)**. 2010. 259 f. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Uberlândia/MG, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Mulheres de Fibra: As estratégias das quebradeiras de coco no Tocantins como um Marco Empírico para o desenvolvimento sustentável.** 2005, 87 fls. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado em Ciência do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2005.

DOCUMENTÁRIO: RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA. Produção de Public propaganda e Marketing. Coprodução da Fundação Padre Anchieta TV Cultura, Rede Sat/TV Palmas-TO. Edição II DOC TV. Cineasta: Marcelo Silva. Coordenação Louislene de Jesus P. Souza. Palmas: Public Propaganda e Marketing, 2007. DVD (51 min. e 55 seg.), son., color.

FENELON, Déa Ribeiro et al. **Muitas Memórias, Outras histórias.** São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

FERRAZ, Siney. **O movimento camponês no Bico do Papagaio: Sete barracas em busca de um elo.** Imperatriz: Ética editora, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Território Alternativos.** 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006a.

HAESBERT, Rogério. **Mito desterritorialização.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006b.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** Políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libânio. 8ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos campos, 2019.

INFOPÉDIA. Subcultura. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$subcultura](https://www.infopedia.pt/$subcultura). Acessado em: 05/06/2020.

MEDEIROS, Euclides Antunes. **Encontros de Sangue: Cultura da Violência na Região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins – 1830/1930.** 2012. Tese – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia. 2012.

MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda de. **A FICCIONALIZAÇÃO DOS SERTÕES: discursos poéticos sobre os vales dos rios Araguaia e Tocantins.** 2017. Tese - – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia. 2017.

MENDES, Ana Carolina Magalhães. Reflexões e contribuições para a etnografia das práticas cotidianas de resistência das quebradeiras de coco babaçu de Codó. 2016. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSPA. 2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Coordenadoria de Agroextrativismo. Secretaria de Coordenação da Amazônia. **O Chamado do babaçu: Produtos para conservar os palmeirais.** 2003.

MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU. Sobre nós. Disponível em: <https://www.miqcb.org/sobre-nos>. Acessado em: 08/01/2021.

OBSERVATÓRIO SAÚDE DO CAMPO, FLORESTAS E ÁGUAS. **Caravana no Tocantins: A importância do Coco Babaçu e a Escola Família Agrícola Padre Josimo.** Disponível em: <https://saudecampofloresta.unb.br/caravana-no-tocantins-a-importancia-do-coco-babacu-e-a-escola-familia-agricola-padre-josimo/>. Acessado em: 03 de dezembro de 2020.

POLLAK, Michel. **Estudos Históricos: Memória e identidade social.** V.05, n.10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POMBO, Olga. **Práticas Interdisciplinares.** Dossiê [Online]. Sociologia, Porto Alegre, ano 8. Jan/julho 2006, p.208-249. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/n15>. Pdf>. Acesso 15 de Julho de 2019.

PORTELLI. Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta.** São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2016.

PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS. Aspectos históricos. Disponível em: http://saomigueldotocantins.to.gov.br/pagina/nossa_historia. Acessado em: 02/01/2021

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François [et. Al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tradução Constança Marcondes Cesar-Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 1994.

SÃO MIGUEL DO TOCANTINS, Lei nº 007 de 20 de junho de 2005. Dispõe Sobre a Proibição de Derrubada de Palmeiras de Babaçu no Município de São Miguel do Tocantins Estado do Tocantins, e da Outras Providências. Disponível em: <https://saomigueldotocantins.to.gov.br/transparencia/legislacao/leis-municipais#127-2005>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

SILVA, Elton Negreiros da. **Memórias de uma territorialização na construção do lugar e da paisagem:** cultura e modos de viver dos narradores da Ribeira. 2017. 123 f. Dissertação de Mestrado Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território/PPGCult. Universidade Federal do Tocantins-UFT, Araguaína, 2017.

SCOTT, James C. **Formas cotidianas da resistência camponesa.** Tradução de Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. Raízes, Campina Grande, vol. 21, n. 01, 2002, p. 10-31.

SILVA NETO, Nirson Medeiros da. **Trabalho como símbolo:** Ensaio sobre a dimensão simbólica do trabalho no coco no Bico do Papagaio. In: XIX Encontro Nacional do COMPEDEI, 2010, Fortaleza. Anais eletrônicos. Fortaleza-CE, 2010, p. 8439-8462.

SUA PESQUISA. Agricultura de subsistência. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/o_que_e/agricultura_subsistencia.htm. Acessado em: 04/06/2020.

THOMPSON, Alistair. **Recompondo a Memória:** Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História (15). Ética e História Oral. São Paulo, Educ. 1997.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TURISMO TOCANTINS. Bico do Papagaio. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/bico-do-papagaio/>. Acessado em: 02/01/2021.

WIKIPÉDIA. Pilão. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pil%C3%A3o>. Acessado em: 10/01/2021.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

YOUTUBE. VÍDEO QUEBRADEIRAS E DIREITOS TERRITORIAIS: A LUTA DOS POVOS TRADICIONAIS FRENTE AO AGRONEGÓCIO. Terra de direitos. Duração: 1 hora, 19 minutos e 14 segundos. 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P6kv3YgiSb4>

ANEXOS

ANEXO 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

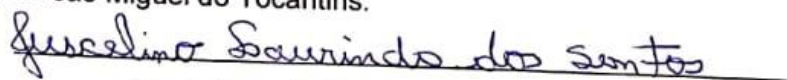
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Juscelino Laurindo dos Santos, docente/pesquisador do Curso de Mestrado Acadêmico em Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins - UFT, convido-o(a) a participar da pesquisa intitulada **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**, cujo objetivo é: Compreender a cultura e a formação da identidade das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins, buscando em suas narrativas e memórias os aspectos da luta social e de resistência pela manutenção de costumes dentro dos processos de territorializações.

. Esta pesquisa se justifica porque seus resultados contribuirão para dar visibilidade às quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e seus modos de viver, visto que se trata de um estudo sobre memórias, narrativas, tradições e formas de vida de um povo e sua importância, por ser ainda uma maneira de sobrevivência das pessoas que moram na cidade de São Miguel do Tocantins. Ela se realizará conforme as etapas adiante descritas, as quais esclarecem como será o procedimento adotado. Serão feitos registros fotográficos e entrevistas. a) primeira etapa – ir ao território das Quebradeiras de coco na cidade de São Miguel do Tocantins, na qual serão realizadas as entrevistas com dez mulheres na faixa etária de quarenta a setenta e cinco anos. b) segunda etapa – as transcrições serão feitas fidedignamente respeitando a forma de falar das quebradeiras de coco babaçu. Com a realização da pesquisa, o(a) Sr.^(a) poderá vir a experimentar os seguintes desconfortos e riscos, a respeito dos quais tomaremos providências visando evitá-los e/ou reduzir seus efeitos e quaisquer condições negativas: a) desconforto em relação ao momento da entrevista, não interferindo no momento das narrações (entrevistas); b) manteremos o sigilo total das entrevistadas, portanto não haverá risco físico, intelectual ou moral para as mesmas. Como benefícios diretos: teremos seus modos de

viver, suas narrativas, suas identidades registradas dentro da história e geografia do Norte do Tocantins; os benefícios indiretos: o reconhecimento da diversidade cultural das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. O(A) Sr.^(a) será acompanhado e assistido durante a pesquisa e após sua conclusão ou caso haja sua interrupção, da seguinte forma: a) através de relatórios direcionados para docente orientador desta pesquisa. b) através da dissertação, o texto final da pesquisa, onde apresentaremos os dados e os resultados. Garanto ao(à) Sr.^(a) o seguinte: a) plena liberdade para se recusar a participar desta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de desconforto, transtorno ou penalidade; b) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação na pesquisa, em todas as suas etapas, pelo que me comprometo ainda a utilizar os dados e/ou imagens coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação; c) o fornecimento de uma via deste documento (TCLE), devidamente assinada por mim, bem como de acesso ao Registro de Consentimento e de Assentimento emitido por outra forma, sempre que solicitar; d) o acesso a cópia dos questionários, entrevistas, fotos, bem como ao trabalho concluído, podendo acessar os resultados da pesquisa; e) a indenização ou compensação por eventuais danos causados pela pesquisa, na forma da lei; e) o ressarcimento de despesas, em razão de atos que o(a) Sr.^(a) deva praticar para participar desta pesquisa, que será feito disponibilizando transporte. Para a realização desta pesquisa, como Pesquisador Responsável, eu Juscelino Laurindo dos Santos, assumo o compromisso de que serão cumpridas todas as exigências éticas estabelecidas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, contidas no item IV.3 (e IV.4, se for o caso), bem como nas contidas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016, contidas especialmente em seu Art. 17 no que diz respeito à ética e o respeito pela dignidade humana em relação aos modos de viver das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins.



Assinatura do Pesquisador Responsável

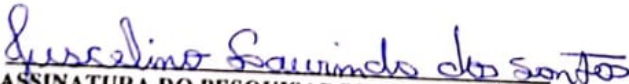
ANEXO 2:

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, **Juscelino Laurindo dos Santos**, portador do RG 471.553 SSP-TO 2ª via e CPF 932.430.491-72 pesquisador responsável do projeto de pesquisa intitulado **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**, comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa somente será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes, em especial a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde;
- Desenvolver o projeto de pesquisa conforme delineado;
- Apresentar dados solicitados pelo CEP-UFT ou pela CONEP a qualquer momento;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP-UFT ou a CONEP, a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao CEP da UFT;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araguaína, 24 de março de 2020.


ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

ANEXO 3:

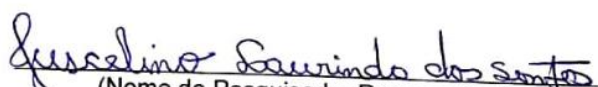
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Declaração Sobre Divulgação dos Resultados da Pesquisa

Eu, **Juscelino Laurindo dos Santos**, pesquisador responsável pela pesquisa cujo projeto é intitulado: **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**, declaro: a) que os resultados da pesquisa serão apresentados ao participante da pesquisa antes de sua publicação; b) que os resultados da pesquisa, favoráveis ou não, serão encaminhados para publicação com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e c) que os resultados e/ou achados da pesquisa que puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade serão comunicados às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados ou sofram invasões em sua privacidade pelo controle público, estatal ou não.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Araguaína, 24 de março de 2020.


(Nome do Pesquisador Responsável)

ANEXO 4:

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADORA

Eu, **Rejane Cleide de Medeiros**, portador do RG 691.3732 GO e CPF 418169784-34, pesquisadora orientadora do projeto de pesquisa intitulado **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**, comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa somente será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes, em especial a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde;
- Orientar o projeto de pesquisa conforme delineado;
- Apresentar dados solicitados pelo CEP-UFT ou pela CONEP a qualquer momento;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP-UFT ou a CONEP, a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao CEP da UFT;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araguaína, 24 de março de 2020.

Rejane Cleide Medeiros de Almeida
 ASSINATURA DA PESQUISADORA ORIENTADORA

Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida
 Vice Coordenadora do PPGCult
 Matrícula 177728
 Portaria n° 754/2019

ANEXO 5:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
CULTURA E TERRITÓRIO - PPGCULT

Av. Paraguai esq. c/ Uxiramas s/n – Setor Cimba | 77.824-838 | Araguaína/TO
Coord. (63) 3416-5695 | Sec. (63) 3416-5652 | 2112-2286 | www.uft.edu.br |
ppgcult@uft.edu.br | secretariappgcult@uft.edu.br



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao vigésimo sétimo dia do mês de agosto de 2021, às 09:00 horas, esteve reunida, em ambiente virtual, a banca examinadora de defesa de dissertação do mestrando Juscelino Laurindo dos Santos, aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCULT, da Universidade Federal do Tocantins, constituída pelos seguintes membros: Prof.^a Dr.^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida (UFT), Prof.^a Dr.^a Olívia Macedo Miranda de Medeiros (UFT), Prof.^a Dr.^a Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA) e Prof.^a Dr.^a Betânia Oliveira Barroso (UFMA), cujo trabalho intitula-se “AS FILHAS DAS PALMEIRAS DO COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS DE MODOS DE VIDA DE QUEBRADEIRAS DE COCO DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS (TO).”

SENDO O REFERIDO MESTRANDO:

- Aprovado.
 Reprovado.
 Aprovado com correções a serem conferidas pela banca.
 Aprovado com correções a serem conferidas pela orientadora.

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

REJANE CLEIDE MEDEIROS DE ALMEIDA (UFT)
Orientadora – Via web conferência

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

ANEXO 6:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
CULTURA E TERRITÓRIO - PPGCULT

Av. Paraguai esq. c/ Uxiramas s/n – Setor Cimba | 77.824-838 | Araguaína/TO
Coord. (63) 3416-5695 | Sec. (63) 3416-5652 | 2112-2286 | www.uft.edu.br |
ppgcult@uft.edu.br | secretariappgcult@uft.edu.br



OLIVIA MACEDO MIRANDA DE MEDEIROS (UFT)
Avaliadora – Via web conferência

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

HELCIANE DE FÁTIMA ABREU ARAÚJO (UEMA)
Avaliadora – Via web conferência

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

BETÂNIA OLIVEIRA BARROSO (UFMA)
Avaliadora – Via web conferência

Prazo para entrega da dissertação corrigida: em 60 dias

Observações:

Aprovado com louvor!

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

REJANE CLEIDE MEDEIROS DE ALMEIDA
Orientadora

Obs: Em consequência da pandemia decorrente do novo Coronavírus (COVID-19), e considerando as orientações contidas na Portaria GAB/REITOR nº 225 de 23 de março de 2020 que versa sobre a pandemia mencionada e estabelece orientações protetivas para seu enfrentamento, considerando, ainda, a Portaria GAB/REITOR nº 238 de 25 de março de 2020 que altera o Art. 57, § 3º da Resolução Consepe Nº 09/2018 que traz em seu texto

ANEXO 7:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
CULTURA E TERRITÓRIO - PPGCULT**

Av. Paraguai esq. c/ Uxiramas s/n – Setor Cimba | 77.824-838 | Araguaína/TO
Coord. (63) 3416-5695 | Sec. (63) 3416-5652 | 2112-2286 | www.uft.edu.br |
ppgcult@uft.edu.br | secretariappgcult@uft.edu.br



“ A Defesa de dissertações e teses, em casos excepcionais, poderão ocorrer com todos os membros (internos e externos), inclusive orientador (a) e orientando(a), à distância, com a anuência da coordenação do curso”, o PPGCULT resolve realizar as bancas de Defesa de Dissertação à distância (ambiente virtual), como forma de proteger a saúde de todos os envolvidos, enquanto perdurar esse quadro emergencial de saúde pública.

ANEXO 8:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, **Juscelino Laurindo dos Santos**, docente/pesquisador do Curso de Mestrado Acadêmico em Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins - UFT, convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**, cujo objetivo é: Compreender a cultura e a formação da identidade das quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins, buscando em suas narrativas e memórias os aspectos da luta social e de resistência pela manutenção de costumes dentro dos processos de territorializações.

. Esta pesquisa se justifica porque seus resultados contribuirão para dar visibilidade às quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e seus modos de viver, visto que se trata de um estudo sobre memórias, narrativas, tradições e formas de vida de um povo e sua importância, por ser ainda uma maneira de sobrevivência das pessoas que moram na cidade de São Miguel do Tocantins. A pesquisa se realizará conforme as etapas adiante descritas, as quais esclarecem como será o procedimento adotado. Serão feitos registros fotográficos e entrevistas. a) primeira etapa – ir ao território das Quebradeiras de coco na cidade de São Miguel do Tocantins, na qual serão realizadas as entrevistas com sete mulheres na faixa etária de quarenta a setenta e cinco anos. b) segunda etapa – as transcrições serão feitas fidedignamente respeitando a forma de falar das quebradeiras de coco babaçu. Com a realização da pesquisa, o(a) Sr.^(a) poderá vir a experimentar os seguintes desconfortos e riscos, a respeito dos quais tomaremos providências visando evitá-los e/ou reduzir seus efeitos e quaisquer condições negativas: a) desconforto em relação ao momento da entrevista, não interferindo no momento das narrações (entrevistas); b) manteremos o sigilo total das entrevistadas, portanto não haverá risco físico, intelectual ou moral para as mesmas. Como benefícios diretos: teremos seus modos de viver, suas narrativas, suas identidades registradas dentro da história e geografia do Norte do Tocantins; os benefícios indiretos: o reconhecimento da diversidade cultural das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. O(A) Sr.^(a) será acompanhado e assistido durante a pesquisa e após sua conclusão ou caso haja sua interrupção, da seguinte forma: a) através de relatórios direcionados para docente orientador desta pesquisa. b) através da dissertação, o texto final da pesquisa, onde apresentaremos os dados e os resultados. Garanto ao(à) Sr.^(a) o seguinte: a) plena liberdade para se recusar a participar desta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de desconforto, transtorno ou penalidade; b) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação na pesquisa, em todas as suas etapas, pelo que me comprometo ainda a utilizar os dados e/ou imagens coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação; c) o fornecimento de uma via deste documento (TCLE), devidamente assinada por mim, bem como de acesso ao Registro de Consentimento emitido por outra forma, sempre que solicitar; d) o acesso à cópia dos questionários, entrevistas, fotos, bem como ao trabalho concluído, podendo acessar os resultados da pesquisa; e) a indenização ou compensação por eventuais danos causados pela pesquisa, na forma da lei; e) o ressarcimento de despesas, em razão de atos que o(a) Sr.^(a) deva praticar para participar desta pesquisa, que será feito disponibilizando transporte. Para a realização desta pesquisa, como Pesquisador

Responsável, eu, Juscelino Laurindo dos Santos, assumo o compromisso de que serão cumpridas todas as exigências éticas. No que diz respeito à ética e ao respeito pela dignidade humana em relação aos modos de viver das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins. Esta pesquisa tem seu acompanhamento ético feito pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Palmas - TO. Um CEP é um colegiado independente de qualquer instituição, mesmo daquela em que se instala e que reúne especialistas de várias áreas para conjuntamente analisar as pesquisas que lhe são apresentadas por força da legislação, visando principalmente defender os interesses, a integridade e a dignidade dos participantes de pesquisas, como é o caso do sr.(a).

O CEP - Universidade Federal do Tocantins poderá ser contatado ou pessoalmente, em seu endereço na Av. NS 15. 106 Norte Prédio do Almoxarifado em Palmas – TO, ou por meio de contato telefônico, (63) 3232 8023, ou ainda, via e-mail, cep_uft@uft.edu.br. Caso deseje esclarecer qualquer dúvida ou mesmo obter informação sobre resultados parciais da pesquisa que possa ser repassada sem o comprometimento do sigilo de outro(a) participante. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participantes de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, poderá entrar em contato pelo CEP da Universidade Federal do Tocantins, pelo telefone 63 3229 4023, pelo E-mail: cep_uft@uft.edu.br ou pelo endereço físico acima descrito. O senhor (a) pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. Horário de atendimento do CEP, de segunda e terça-feira das 14:00 às 17.00 h e quarta e quinta-feira das 09:00 às 12.00h. Poderá ainda entrar em contato com o Pesquisador responsável, Juscelino Laurindo dos Santos, pelo telefone 63 992566466 ou pelo E-mail juscelinogeografia@hotmail.com. Mesmo após o término da pesquisa para tirar dúvidas ou reclamações.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura da Orientadora

ANEXO 09: CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, **Juscelino Laurindo dos Santos**, fui informado(a) e esclarecido sobre tudo o que consta por escrito neste documento, que li e compreendi, tendo sido resolvidas todas as minhas dúvidas até o momento sobre a pesquisa intitulada **Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins**. Ficaram bem claros seus objetivos, justificativa, procedimentos e tudo o mais que deles decorre. E, levando em conta tudo que me foi apresentado e explicado e a importância de sua realização, **eu concordo de maneira livre e esclarecida em participar desta pesquisa**, sabendo que nada receberei por isto em remuneração, e ainda, que segundo minhas livres vontades poderão deixar de participar dela a qualquer momento, sem ter qualquer prejuízo. Sei ainda que receberei uma cópia desse documento, devidamente assinada pelo(a) Sr.^(a)

Assinatura do Participante da Pesquisa

ANEXO 10: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA FILMAGEM E GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

Comitê de Ética em Pesquisa.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA FILMAGEM E GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

De : Juscelino Laurindo dos Santos

Para : Srº

Assunto: (Solicitação de Autorização).

Senhor.....

Eu, **Juscelino Laurindo dos Santos**, pesquisador responsável pelo estudo intitulado **“Modos de vida das Quebradeiras de coco babaçu: Memórias e Narrativas de resistência de Mulheres de São Miguel do Tocantins”**, solicito a Vossa Senhoria Autorização para executar a coleta de dados gravar, imagens e som. Afirmo que estes dados, tanto de vídeo como de áudio, só serão utilizados para esta pesquisa. Comprometo-me fornecer ao senhor/a uma cópia das gravações, nos responsabilizamos por manter sigilo das gravações.

Antecipamos agradecimentos por acreditar que nossa solicitação será atendida.

Atenciosamente.

Juscelino Laurindo dos Santos

(Local, data e assinatura do pesquisado)

ANEXO 11:

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MODOS DE VIDA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA DE MULHERES DE SÃO MIGUEL DO TOCANTINS

Pesquisador: JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 32231120.5.0000.5519

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.855.609

Apresentação do Projeto:

O trabalho em tela tem como objetivo principal analisar os modos de vida, memórias e narrativas das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins e suas relações com o espaço em que esses sujeitos estão inseridos e perceber as possibilidades de manutenção das suas Culturas, das suas tradições, dos seus saberes construídos de geração a geração, como mecanismo de resistência às forças hegemônicas, como também compreender as narrativa

Hipótese:

Pensar os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu é trazer novos atores para compor a história da cidade de São Miguel do Tocantins, é resgatar as memórias, as lutas de muitas dessas mulheres que foram silenciadas pela força do capital hegemônico. É permitir que suas vozes sejam ouvidas, reposicionando-as dentro da geografia e da história do norte do Tocantins.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os modos de vida e a formação da identidade das quebradeiras de coco babaçu de São Miguel do Tocantins, buscando em suas narrativas e memórias os aspectos da luta social e da resistência pela manutenção de costumes dentro dos processos de territorializações.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Projeto: 4.855.609

Objetivo Secundário:

• Analisar as relações surgidas a partir da cultura do trabalho da quebra do coco babaçu na cidade de São Miguel do Tocantins, bem como as contribuições dessa atividade na formação dos modos de vida das quebradeiras.

• A partir da análise das narrativas e relatos das quebradeiras de coco, investigar as lutas que surgem no contexto da disputa pelo uso e apropriação dos territórios dos babaçuais e quais as relações dessa luta com o fortalecimento de suas representações e identidades, de um lado, e com a exploração e suas marcas físicas e simbólicas, de outro.

• Investigar o papel da Associação Regional Mulheres Trabalhadoras Rurais Bico do Papagaio (ASMUBIP) na formação de novas lideranças, especialmente no que concerne a busca pela manutenção das práticas culturais tradicionais e na difusão dos saberes produzidos por esses sujeitos (quebradeiras de coco) e a manutenção da cultura local nesse território.

Critério de Inclusão:

Como critério de inclusão na pesquisa selecionamos mulheres quebradeiras de coco babaçu, sobretudo mulheres nascidas antes dos anos de 1980, tendo em vista que iremos trabalhar com a memória, por considerarmos ser esta uma faixa etária apta para responder nossas inquietações.

Critério de Exclusão:

Excluiremos deste grupo de pesquisa as mulheres nascidas a partir dos anos de 1980, tendo em vista que a partir da década de 80, há poucas mulheres que ainda utilizam esta profissão de quebradeiras de coco por terem uma curta memória social sobre o tema e que possam contribuir para a pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As entrevistadas poderão vir a experimentar desconfortos em relação ao momento da entrevista, constrangimentos ou alterações comportamentais na produção de registros tais como: ao responder as perguntas das entrevistas gravadas em áudio e no momento de registrar o visual (fotografias). Para minimizar tais riscos, não haverá interferências no momento das narrações (entrevistas); manteremos o sigilo total das entrevistadas, portanto não haverá risco físico, intelectual ou moral para as mesmas.

Benefícios: O reconhecimento da diversidade cultural das quebradeiras de coco babaçu de São

Endereço: Avenida NS 11, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.855.659

Miguel do Tocantins. As entrevistadas serão acompanhadas e assistidas durante a pesquisa e após sua conclusão ou caso haja sua interrupção, da seguinte forma: a) através de relatórios direcionados para o docente orientador desta pesquisa; b) através da dissertação, o texto final da pesquisa, onde apresentaremos os dados e os resultados. As entrevistadas terão a garantia: a) plena liberdade para se recusar a participar desta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de desconforto, transtorno ou penalidade; b) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação na pesquisa, em todas as suas etapas, pelo que me comprometo ainda a utilizar os dados e/ou imagens coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação. Dar visibilidade aos diversos modos de vida das quebradeiras de coco babaçu, "trazendo" suas narrativas e memórias para o debate da pluralidade dos modos de vida, existentes dentro do território de São Miguel do Tocantins.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto de pesquisa é vinculado ao Curso de Pós-graduação em Estudo de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta todos os itens obrigatórios de acordo com a Norma Operacional 001/2013, Item 3.4.

Recomendações:

- Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1531700.pdf	24/06/2021 18:44:43		Aceito
Outros	cartaresposta.pdf	24/06/2021 18:43:46	JUSCELINO LAURINDO DOS	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almacarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-000
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3233-8023 E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.855.609

Outros	cartaresposta.pdf	24/06/2021 18:43:46	SANTOS	Aceito
Outros	termodeautorizacao.doc	24/06/2021 18:41:31	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PB.docx	24/06/2021 18:38:21	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.doc	24/06/2021 18:37:12	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	termodeanuencia.doc	05/07/2020 19:27:54	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	roteirodeentrevista.docx	05/07/2020 19:27:02	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto3.pdf	01/05/2020 15:34:42	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	orientacaodonepi.pdf	02/04/2020 17:59:59	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	orientacaodoconep.pdf	02/04/2020 17:58:24	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracaopesquisadoraorientadora.pdf	30/03/2020 16:51:56	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcopagpag1.pdf	27/03/2020 11:07:43	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracaodeusoedestinaçãodedados.p df	27/03/2020 11:04:29	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracaodedivulgaçãodosresultados.p df	27/03/2020 11:03:09	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodopesquisadorresponsavel.p df	27/03/2020 10:57:29	JUSCELINO LAURINDO DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almacarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-000

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cap_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Processo: 4.885.609

Necessita Apreciação da CONEP:


Não

PALMAS, 19 de Julho de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almacarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** csp_uf@uft.edu.br

ANEXO 12:



Estado do Tocantins
 Prefeitura Municipal de São Miguel do Tocantins
 CNPJ (PMF) 25.054.021/0001-06

Lei nº 007 / 2005, de 20 de junho de 2005.

“ Dispõe Sobre a Proibição de Derrubada de Palmeiras de Babaçu no Município de São Miguel do Tocantins Estado do Tocantins, e da Outras Providências. ”

O Prefeito Municipal de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, de acordo com o artigo 12 Inciso VII, da Lei Orgânica do Município de São Miguel do Tocantins/TO.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, aprova e eu, Prefeito Municipal sanciono a seguinte Lei:


Art. 1º - As palmeiras de coco babaçu existentes no Município de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, são de livre acesso e uso comum das quebradeiras e quebradores de coco babaçu e suas famílias, que as exploram em regime de economia familiar e comunitária.

Art. 2º - No Município de São Miguel do Tocantins é terminantemente proibido a realização de qualquer ato que venha causar danos diretos ou indiretos às palmeiras de babaçu, como derrubada, corte de cacho, queimada sem controle, uso de agrotóxico e defensivos agrícolas, extração de palmito sem a devida autorização dos órgãos ambientais competentes, ou quaisquer outras ações prejudiciais.

Art. 3º - Serão permitidos os trabalhos de raleamento, desde que se mantenha uma densidade de no mínimo 60 (sessenta) palmeira adulta e 60 (sessenta) palmeiras jovens (capoteiras ou pindovas) em cada hectare desmatado, distribuídas de forma a evitar a concentração de palmeiras na área, sem prejuízo ao disposto pela Lei nº 4.771/65 (Código Florestal) e demais portarias reguladoras do tema.

§ 1º. Para fins de raleamento, serão desbustadas preferencialmente as palmeiras fêmeas improdutivas.

§ 2º. Os trabalhos de raleamento deverão ser comunicados com antecedência mínima de 15 (quinze) dias, e deverão ser acompanhados pelo Conselho Municipal de Meio Ambiente instituído conforme Lei Orgânica do Município de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, ou na falta deste Conselho, pelas entidades representativas da classe dos/as trabalhadores/as rurais do município e pelo poder público.



Art. 4º. Fica proibida, no Município de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins, a venda massiva do coco inteiro, como medida de proteção ao aproveitamento racional do coco babaçu.

Art. 5º. As infrações pelo não cumprimento desta Lei, sujeitará o/ a infrator/a às seguintes sanções:

I – advertência, nos casos de pequeno potencial ofensivo ao meio ambiente;

II – multa, que deverá ser arbitrada pela Secretaria de Agricultura, abastecimento e Meio ambiente do Município, acompanhada do Conselho de Meio Ambiente do Município e determinada de acordo com os danos causados às palmeiras e à área afetada, não podendo ser inferior a 03 (três) salários mínimos,

Independente do ressarcimento dos danos causados ao meio ambiente e das sanções penais aplicáveis no caso;

III – multa dobrada, caso o / a infrator/a seja reincidente.

Art. 6º. A fiscalização do disposto nesta Lei caberá à Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente do Município, sob o acompanhamento do Conselho Municipal do Meio Ambiente ou das entidades de que trata o § 2º do artigo 3º desta Lei.

Art. 7º. Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de São Miguel do Tocantins, aos 22(vinte) dias do mês de junho do ano de 2005.


JESUS BENEVIDES DE SOUSA FILHO
Prefeito Municipal

REGISTRADO Fls. n.º 17-19
EM 20.06.05
